

A TRANSIÇÃO DO CASAL PARA A PARENTALIDADE

Cátia Nunes Corrêa

Dissertação apresentada como exigência parcial
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

sob a orientação da

Profª. Dr. Rita de Cássia Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Abril, 2001



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Mestrado e Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento

DISSERTAÇÃO: A transição do casal para a paternidade

AUTOR: Cátia Nunes Corrêa

ORIENTADOR: Rita Sobreira Lopes

EXAMINADOR: Jorge La Rosa

A dissertação "A transição do casal para a parentalidade", de Cátia Nunes Corrêa, apresenta uma revisão de literatura compatível com os objetivos da pesquisa, procedimentos metodológicos adequados, e uma discussão de resultados apoiada na "Introdução" e esclarecedora dos aspectos pontuais da transição do casal para a parentalidade.

Indicamos, a seguir, alguns aspectos formais que poderão ser corrigidos, e formulamos algumas indagações a respeito de posturas teóricas assumidas pela autora na explicação dos dados.

No que se refere à língua nacional, sugerimos revisão de alguns casos de concordância entre o verbo e a pessoa gramatical do sujeito, nos anexos.

No texto, quando ocorre citação literal, há incorreção na colocação do ponto final.

O enfoque teórico que serviu de suporte para a dissertação foi o psicanalítico (p.49), que considera a heterossexualidade alcançada na fase genital o ápice do desenvolvimento psicosssexual. Perguntamos: Esse enfoque não é preconceituoso, já que considera os homossexuais como pessoas que ficaram aquém do referido desenvolvimento? Não estará ele defasado, depois de todos os estudos contemporâneos sobre a homossexualidade?

A mestranda, além do referencial psicanalítico, utilizou também a perspectiva sistêmica na explicação de alguns dados, como se verifica às p. 84 e 92. No primeiro caso, apela para "fronteiras" para esclarecer a situação de Ane relativamente à sua família de origem, e no segundo, afirma que uma mudança em um elemento do sistema altera todo o sistema: "*É interessante destacar o fato de que o reposicionamento de um membro da família é capaz de reestruturar todos os outros integrantes da mesma.*" Ou a autora agrega que além do referencial psicanalítico utilizou também o enfoque sistêmico, ou substitui as referidas explicações por outras oriundas da psicanálise.

À p. 19 a mestranda assume que "*A gravidez marcadamente estabelece a passagem para a maturidade na mulher.*" O questionamento: As mulheres que não se tornam mães não alcançam a maturidade? A gravidez, um fenômeno biológico desencadeia mecanicamente a maturidade psicológica? Essa questão poderia ser repensada, não há necessidade de assumir uma posição tão restrita e acabada.

O trabalho de Cátia Nunes Corrêa, a despeito das observações, consubstancia-se como um estudo bem estruturado, com metodologia adequada e significativo aporte de explicações a respeito da transição do casal para a parentalidade.

O Parecer é pela aprovação. E o conceito atribuído é "A".

Data:

Conceito:

Assinatura:

Jorge La Rosa
Jorge La Rosa
Em 04.07.2001



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Mestrado e Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento

DISSERTAÇÃO: A transição do casal para a paternidade

AUTOR: Cátia Nunes Corrêa

ORIENTADOR: Rita Sobreira Lopes

EXAMINADOR: Maria Lucia T. Nunes

Agradeço muito o convite para examinar a dissertação de Cátia Nunes Corrêa; esse tipo de convite revela confiança tanto da orientadora como da mestranda na capacidade do examinador, pois é a entrega do trabalho de dois anos para uma análise crítica. Além disso, é com muito prazer que examino outro trabalho do grupo de pesquisa no qual a mestranda está inserida, visto que as pesquisas têm revelado consistência na teoria e no método, relevância na escolha dos temas e uma contribuição meritória para a área. O assunto é de muita relevância, pois, de fato, em todo o mundo, embora os estudos de desenvolvimento tenham um espaço garantido, a temática da parentalidade ainda merece mais e mais estudos. A dissertação está bem escrita e contém todos os elementos necessários e suficientes para um trabalho desta natureza. Sigo a própria estrutura da dissertação para examiná-la.

Embora bem escrita e apresentando um excelente número de referências, senti a ausência de artigos nacionais e mesmo de outras dissertações do próprio grupo de pesquisa ou do PPGPsicologia, onde se realizaram alguns trabalhos que poderiam ter contribuído para a dissertação de Cátia. O uso de resumos oriundos da base de dados do PsychoINFO me causa estranheza, pois há muita diferença entre ler uma pesquisa em sua íntegra ou um resumo da mesma.

Quanto ao método, está adequado aos objetivos do estudo e bem conduzido. As questões de pesquisa são bem explicitadas e o instrumental coerente com todos os outros trabalhos do grupo de pesquisa. Não é claro se a análise de conteúdo teve por base categorias a priori ou a posteriori, pois isso não está mencionado; não parece ter por base questões da entrevista, ou será que os temas da revisão teórica são as categorias da análise de conteúdo – como está escrito na página 56 - ? Se esta segunda hipótese é a correta, então, o que era feito com o material das entrevistas que não preenchiam a categoria? Era abandonado? Seria ainda necessário explicitar que se foi utilizado nomes fictícios para os/as participantes do estudo. Também não é explicitado como foi a escolha do número de participantes: quantos foram contatados, quantos aceitaram...

As apresentações dos casais, no item Resultados, está bem descrita; mas não é compreensível a razão da existência do Anexo J, nem como aquele texto foi composto e como dele se derivou este dos Resultados. O capítulo *Discussão* revela a capacidade da mestranda em entender o material revelado pelos participantes e traduzi-los na sua conjunção com a literatura revisada.

A dissertação de Cátia mostra a maturidade de seu trabalho como resultado de sua participação em um programa de pós-graduação.

Data: 4 de julho de 2013

Conceito: A

Assinatura: Maria Lucia Trillet Nunes

Parecer:

DISSERTAÇÃO: A TRANSIÇÃO DO CASAL PARA A PARENTALIDADE

AUTOR: Cátia Nunes Corrêa

ORIENTADOR: Rita de Cássia Sobreira Lopes

EXAMINADOR: Cesar A. Piccinini

Gostaria de, inicialmente, agradecer o convite da Prof^ª. Rita e da Cátia para participar desta banca de dissertação e parabenizá-las pelo esforço em examinar este tema sobre a transição do casal para a parentalidade. Ao invés da tradicional ênfase no estudo das díades, amplamente estudado, o presente trabalho buscou examinar a dinâmica da tríade mãe-pai-bebê.

Como membro da banca minha função é contribuir detectando eventuais problemas que poderão ser evitados em outros trabalhos e por outros mestrados. Como todos sabemos é sempre fácil corrigir o trabalho dos outros, a gente sempre acaba encontrando problemas e achando espaço para fazer sugestões. De qualquer modo, na presente dissertação, não foi fácil encontrar problemas para serem apontados.

De modo geral o texto está muito bem escrito, desde a introdução até a discussão, passando pela análise dos casos estudados. A leitura flui com facilidade. Obviamente, como o texto trouxe muitas informações, fica por vezes difícil fazer todas as associações possíveis entre os dados, o que para a mestranda é fácil em função do seu conhecimento profundo de cada caso. Apesar disto acho que na análise dos casos ela foi levando o leitor aos pontos que importavam para traçar a transição do casal para a parentalidade.

Assinalei no próprio texto alguns pontos envolvendo problemas de redação e de português. A mestranda pode utilizar esta versão, onde fiz as anotações para corrigir o que achar pertinente. Afora isto, destaco, a seguir, alguns outros pontos que merecem ser comentados.

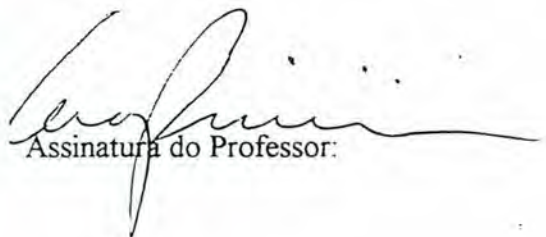
A introdução e a seção de metodologia trazem todas as informações relevantes para o entendimento da problemática abordada na dissertação e, ambas, estão bem escritas e explicitadas.

Quanto a seção dos resultados, foram feitos recortes das várias entrevistas dos participantes. Por vezes gostaria de saber de qual entrevista saiu determinado material. Isto talvez pudesse ser mais explicitado. Além disto, gostaria de saber mais detalhes do que foi dito pelos participantes. Como a descrição é às vezes sucinta, fica-se sem saber se foi uma falha da entrevista que não explorou mais o

que esta sendo levantado, ou se foi um problema de transpor mais falas para o texto. Com certeza a autora tem muito mais informações do que esta trazendo o texto. E, por vezes, parece que algumas conclusões da autora, são baseadas nesta informações que ela obteve e que o leitor não tem acesso. Podia ter sido mais enfatizado que a análise de cada caso iria contemplar a transição para a terceira individuação. Apesar disto, a análise dos resultados esta bem escrita, fácil de ler as falas dos participantes estão bem integradas no texto.

Na discussão a autora contempla o leitor com uma análise cuidadosa dos casos, feita com bastante propriedade e riqueza de detalhes teóricos e também com muita imaginação. Articulou bem as teorias até chegar as interpretações. A quantidade de informações por vezes dificultou a integração dos dados na discussão, levando a autora a explica-los através de várias interpretações.

Acho que teria sido melhor discutir os achados de cada casal logo após a apresentação dos dados ainda na seção dos Resultados, que passaria a se chamar, Resultados e Discussão. Ao discutir o material trazido pelos casais somente na seção da Discussão, a autora foi obrigada a repetir algumas informações e o leitor foi obrigado a voltar para a seção dos Resultados para lembrar o caso de cada casal. Utilizando-se deste formato, a síntese que a autora faz sobre aspectos comuns entre os casais examinados, poderia ir para uma última seção antes das Considerações Finais. Estes comentários em nada comprometem a qualidade desta dissertação, que com certeza merece o conceito máximo "A".



Assinatura do Professor:

*“Tudo que é perdido, novamente é encontrado
em uma nova forma, em uma nova maneira.*

*Todo mal é novamente curado,
em uma nova vida, em um novo dia.”*

(Canto a Deméter e Perséfone)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a três pessoas, cujo apoio, amor e compreensão nos momentos difíceis, permitiram levar a termo meu mestrado: meu marido Marcelo e meus pais.

Agradeço também a professora e doutora Rita de Cássia Sobreira Lopes por sua orientação, por compartilhar seus conhecimentos e por sua dedicação. Agradeço igualmente suas pertinentes pontuações que me fizeram ver o caminho que já estava trilhando e aquele que ainda poderia trilhar.

Ao professor César Augusto Piccinini, coordenador do grupo de pesquisa, agradeço e o parabeno por seu trabalho nada fácil.

Aos colegas do grupo de pesquisa agradeço a ajuda, o apoio em momentos importantes e as risadas de corredor.

Às estudantes que trabalharam comigo, Carolina, Ana Carolina e Larissa, meus agradecimentos.

Aos casais que participaram desse trabalho, meu muito obrigada.

Agradeço a bibliotecária do Instituto de Psicologia, Viviane, por sua disponibilidade, conhecimentos e prestimosa ajuda.

Igualmente agradeço à bibliotecárias da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e da Faculdade de Medicina da UFRGS.

Às psicólogas Emília, atualmente em São Paulo, Diana e as estagiárias do Hospital Fêmina de Porto Alegre, por sua disponibilidade em ajudar o grupo de pesquisa.

Em especial, gostaria de agradecer ao meu filho Fredericco por me mostrar um universo maravilhoso que somente um bebê em desenvolvimento é capaz de mostrar. Para ele dedico esse trabalho, mesmo que seja só para rabiscar.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Resumo | 6 |
| Abstract..... | 7 |
| I. INTRODUÇÃO | 8 |
| 1.1. Apresentação | 8 |
| 1.2. Transição para a parentalidade..... | 9 |
| 1.2.1. Aspectos desenvolvimentais da transição para a parentalidade..... | 9 |
| 1.2.2 O trabalho psicológico da gravidez. | 19 |
| 1.2.3. A adaptação após o nascimento do bebê | 29 |
| 1.3. Estudos Empíricos sobre a transição para a parentalidade | 34 |
| 1.4. Questões de pesquisa..... | 46 |
| II. MÉTODO | 49 |
| 2.1. Participantes | 49 |
| 2.2. Delineamento e Procedimentos | 50 |
| 2.3. Instrumentos | 51 |
| III. RESULTADOS E DISCUSSÃO | 54 |
| 3.1. Casos estudados | 55 |
| 3.1.1. Caso 1: casal Ane e Aldo..... | 55 |
| 3.1.1.1. Pré-história da gravidez..... | 55 |
| 3.1.1.2. O trabalho psicológico da gravidez. | 56 |
| 3.1.1.3 Adaptação no quarto mês de vida do bebê | 58 |
| 3.1.1.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Ane e Aldo..... | 59 |
| 3.1.2. Caso 2: casal Thanise e Francisco | 64 |
| 3.1.1.1. Pré-história da gravidez..... | 64 |
| 3.1.1.2. O trabalho psicológico da gravidez. | 65 |
| 3.1.1.3 Adaptação no quarto mês de vida do bebê | 66 |
| 3.1.1.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Thanise e Francisco | 67 |
| 3.1.3. Caso 3: casal Fernanda e Maurício..... | 71 |
| 3.1.1.1. Pré-história da gravidez..... | 71 |
| 3.1.1.2. O trabalho psicológico da gravidez. | 71 |

| | |
|---|-----|
| 3.1.1.3 Adaptação no quarto mês de vida do bebê | 73 |
| 3.1.1.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Fernanda e Maurício | 74 |
| 3.1.4. Caso 4: casal Lisiane e Adriano | 78 |
| 3.1.1.1. Pré-história da gravidez | 78 |
| 3.1.1.2. O trabalho psicológico da gravidez | 79 |
| 3.1.1.3 Adaptação no quarto mês de vida do bebê | 80 |
| 3.1.1.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Lisiane e Adriano | 81 |
| 3.1.5. Caso 5: casal Muriel e Ildo | 85 |
| 3.1.1.1. Pré-história da gravidez | 85 |
| 3.1.1.2. O trabalho psicológico da gravidez | 86 |
| 3.1.1.3 Adaptação no quarto mês de vida do bebê | 87 |
| 3.1.1.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Muriel e Ildo | 88 |
| 3.1.6. Caso 6: casal Luciana e Fabiano | 90 |
| 3.1.1.1. Pré-história da gravidez | 90 |
| 3.1.1.2. O trabalho psicológico da gravidez | 91 |
| 3.1.1.3 Adaptação no quarto mês de vida do bebê | 93 |
| 3.1.1.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Luciana e Fabiano | 94 |
| 3.2. Discussão dos aspectos comuns nos casos estudados | 99 |
| 3.3. Considerações finais | 103 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 106 |
| ANEXOS | 113 |

RESUMO

Esta dissertação propõe um estudo sobre uma etapa do desenvolvimento humano marcada por profundas transformações, a transição para a parentalidade. O tornar-se pai ou o tornar-se mãe, comparado a outros estágios do desenvolvimento humano, não tem recebido um tratamento adequado por parte dos pesquisadores. Procurando contribuir para uma maior compreensão nessa área de conhecimento, foi desenvolvido um estudo de caso instrumental (Stake, 1994), longitudinal, de natureza qualitativa, realizado em 2 etapas: a primeira, no último trimestre de gravidez e a segunda, aos três meses de vida do bebê. Em ambas etapas foram realizadas entrevistas individuais e conjuntas com os participantes. A amostra foi composta de seis casais adultos, com idade entre 20-40 anos, que esperavam seu primeiro filho ao ingressar na pesquisa. A análise dos dados foi realizada segundo a proposta de análise de conteúdo desenvolvida por Laville e Dionne (1997/1999), e apoiando-se na teoria psicanalítica, considerada em sua perspectiva desenvolvimentista. Os resultados desse estudo, tomados em conjunto, apontam para uma idealização em relação ao futuro, tanto por parte da gestante, quanto do futuro pai. As expectativas em relação ao bebê e ao relacionamento conjugal eram positivas e parecem ter se confirmado no terceiro mês de vida do bebê. O casal estava mais unido e percebia o cônjuge como um bom pai ou mãe. Todavia, se considerarmos as especificidades de cada caso, sobretudo no planejamento e confirmação da gravidez, nas vicissitudes observadas na elaboração de um espaço para o bebê durante a gravidez e após o nascimento do mesmo, percebemos a necessidade de compreendermos a transição para a parentalidade como uma etapa do desenvolvimento individual, uma vez que as dificuldades que surgiram entre os casais pareciam estar relacionadas às aquisições desenvolvimentais da vida adulta.

ABSTRACT

This thesis presents a study on a particular stage of human development that is characterized by deep changes: the transition to parenthood. Becoming the parent of a child, when compared to other stages of human development, is a stage that has not yet received adequate treatment by researchers. In attempt to contribute to a better understanding of this topic, a instrumental case study (Stake, 1994) was developed, which is longitudinal, of qualitative nature, and carried out in two parts: the first part, in the last trimester of pregnancy, and the second, when the baby is three months old. For both parts, semi-structured interviews, both individual and joint, were carried out with the participants. The sample comprised six adult couples, ages between 20-40, expecting their first-born when they joined this research work. Data analysis was carried out according to Laville e Dionne (1997/1999), following their model for analysis of content, and based on theoretical conceptions developed within the psychoanalytic theory as considered from its developmental perspective. The results of the present study, taken as a set, show the corroboration of expectations of the pregnancy period. Once the baby was born, the marital relationship improved, the couple became more connected, and the spouses saw each other as good parents. Considering the specificities of each case, it became clear that there is a need for better understanding the transition to parenthood as a stage of development, since the difficulties that emerged between the spouses seem to be associated with their achieving the third individuation (Corolassu, 1990). This third individuation equates with the developmental acquisitions of an adult individual.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação

Esta dissertação tem por objetivo estudar um momento do desenvolvimento humano marcado por profundas transformações: a transição para a parentalidade. O tornar-se pai ou tornar-se mãe, comparado a outras etapas do desenvolvimento humano não tem recebido um adequado tratamento por parte dos pesquisadores, independentemente da filiação teórica dos mesmos. Os trabalhos nesse campo restringem-se, na maioria das vezes, à investigação da transição para a parentalidade segundo uma perspectiva descritiva, sem oferecer modelos explicativos para os resultados encontrados.

No transcorrer da análise dos dados do presente estudo, alguns aspectos anteriormente não contemplados no projeto começaram a surgir e a assumir um papel de destaque para a compreensão da transição do casal para a parentalidade: os aspectos desenvolvimentais dos futuros pais, principalmente aqueles relacionados às aquisições do desenvolvimento adulto, tratadas por Colarusso como a *terceira individuação*. Outro indicativo de que os aspectos desenvolvimentais constituem uma parte importante e decisiva da transição para a parentalidade foi um texto de Brazelton e Cramer (1990/1992):

“A gravidez de uma mulher reflete toda sua *vida anterior*¹ à concepção. Suas experiências com os próprios pais, sua vivência do triângulo edipiano, as forças que a levaram a adaptar-se com maior ou menor sucesso a essa situação e a finalmente separar-se de seus pais - tudo isso influi em sua adaptação ao novo papel.” (p.5)

Em um momento posterior, esses autores fazem as mesmas observações em relação ao pai do bebê. Os dados e os textos lidos redirecionaram o trabalho no sentido de buscar uma compreensão sobre esse momento evolutivo na vida dos casais. Para isso, buscou-se em textos

¹ Grifo da autora.

psicanalíticos que trabalhavam com uma perspectiva desenvolvimentista o suporte necessário para o entendimento dos casos deste estudo.

A proposta metodológica seguida foi a de estudo de caso instrumental desenvolvida por Stake (1994). Segundo esse autor, o estudo de caso instrumental é usado para compreender um problema determinado e pode ser composto de um ou de vários casos necessários para o entendimento do fenômeno estudado, no caso desta dissertação, a transição para a parentalidade. Nesse sentido, cada caso, individualmente, contribuiu para o esclarecimento do objeto estudado.

Considerando, então, que a transição para a parentalidade não se inicia com a concepção de um bebê, o corpo teórico dessa dissertação passou a incluir os aspectos desenvolvimentais dessa transição, complementando as outras questões teóricas anteriormente elaboradas: o trabalho psicológico da gravidez e a adaptação após o nascimento do bebê. Subseqüente aos aspectos teóricos, são apresentados os estudos empíricos relacionados à transição para a parentalidade e as questões de pesquisa desta dissertação.

1.2. Transição para a parentalidade.

1.2.1. Aspectos desenvolvimentais da transição para a parentalidade

Em uma revisão histórica das origens da família, Ariès (1981) chama a atenção para o fato de que nem sempre a família constituiu-se da maneira como hoje a encontramos. Alguns séculos se passaram até que essa estrutura, tão nossa conhecida, se formasse. Até fins da Idade Média, a criança não participava da família. Cedo era enviada para outros lares com o objetivo de ser educada. O sentimento existencial profundo que encontramos entre pais e filhos não era alimentado. Não que os pais não amassem seus filhos, mas o vínculo se dava mais com a comunidade. A família era mais uma realidade moral e social do que sentimental.

Contudo, a partir do século XV iniciou-se uma revolução profunda e lenta, que começou através da preocupação com o que se denominou o sentimento da infância. A importância da criança alterou-se nos séculos seguintes. A sociedade passou a reconhecer a criança como pertencente ao seu círculo. Por sua vez, os pais passaram a não mais aceitar o distanciamento imposto socialmente: as crianças deixaram de ser enviadas às amas-de-leite, que passaram a se deslocar e ir morar nas casas dos pais do bebê que havia nascido.

Essa aproximação permitiu o surgimento do sentimento familiar. Contudo, seu progresso ainda era lento, em decorrência da falta de intimidade doméstica e da inexistência de uma vida realmente privada. O espaço familiar ainda era muito voltado para o externo, e, mesmo em casa, havia uma circulação muito grande de visitas, conversas, encontros e trocas. Não existia separação entre a vida privada, a vida social e a vida profissional.

Com a volta das crianças, iniciou-se o processo de fechamento da família, mas ainda era necessário, para os progressos da intimidade, que a família se distanciasse da vida social e se entrincheirasse em seus domínios. Somente no século XVII a família começou a manter a sociedade à distância e delimitar seu espaço longe da vida particular, cada vez mais extensa. Na medida em que se afasta do externo, a família pode constituir-se como a conhecemos: o casal e seus filhos. A família moderna, então, estrutura-se nessa separação do mundo, em uma forma de isolamento que se fez necessário para a promoção desse sentimento profundo entre pais e filhos chamado sentimento familiar.

No entanto, esse mesmo fechamento que permitiu o desenvolvimento da família, possibilitando que as trocas se dessem internamente e promovendo uma intimidade crescente entre seus integrantes, hoje causa alguns problemas em função do isolamento e da falta de trocas com o meio social. As famílias foram reduzindo de tamanho e as experiências proporcionadas pelo convívio com os avós e o cuidado de irmãos quase não existem. As próprias edificações, por sua verticalidade, contribuíram ainda mais para isolar os indivíduos e as famílias (Brazelton, 1981/1988; Piontelli, 1992/1997).

Atualmente, a maioria dos jovens que se tornam pais não provêm de famílias grandes, nem passaram pela experiência de aprender a cuidar de irmãos menores. Poucos adultos assumiram a responsabilidade de cuidar de uma criança pequena. Hoje em dia, nem sempre avós, tias ou parentes próximos estão disponíveis para auxiliar nesse momento tão delicado do desenvolvimento humano que é o nascimento do primeiro filho.

A esse momento tão sensível da vida de um casal e de cada indivíduo que espera seu primeiro filho chamamos de transição para a parentalidade. O tornar-se pai ou tornar-se mãe é um daqueles momentos do desenvolvimento humano que envolvem mudanças significativas, reorganizações e aprendizagens. Iniciar a vida profissional, casar e ter filhos são consideradas tarefas desenvolvimentais do jovem adulto e que necessariamente implicam reestruturação e reajustamentos em várias dimensões (Berger, 1994; Michels, 1993).

Mas quando falamos em transição para a parentalidade, não estamos necessariamente comprometendo seu início com a concepção do bebê, ou, mais propriamente, com a gravidez ou o aparecimento dos sintomas. Apoiados nas considerações de Dolto (1981/1988) e Brazelton & Cramer (1990/1992), podemos afirmar que essa transição não se inicia com a concepção de um bebê, mas vem sendo lentamente preparada. Ela começa desde o momento em que os pais nomeiam seu bebê como sendo uma menina ou um menino. Essa designação, apoiada nas características físicas da criança que nasceu, faz com que os pais experimentem sentimentos distintos conforme o sexo do bebê e modifiquem sua conduta de acordo com o mesmo. As sensações corporais despertadas pelas pessoas encarregadas do cuidado de um bebê, principalmente quando se trata da região genital, podem influenciar o conceito psíquico de cada criança de pertencer ou não a um determinado sexo. Em uma fase posterior, iniciam-se as identificações e o despertar de um desejo que, com o amadurecimento psicosssexual, poderá se concretizar ou não: o desejo de ter um filho (Brazelton & Cramer, 1990/1992; Dolto, 1981/1988). Esse desejo, no futuro, se corporificará na concepção de um bebê (Szejer e Stewart, 1994/1997).

Para Freud (1905), seria necessário para atingir a fase genital, ou o primado da genitalidade, que o amadurecimento psicosssexual da criança saísse de sua bitemporalidade da escolha objetal, passasse por um período de retrocesso ou detenção dos alvos sexuais infantis e chegasse a uma configuração definitiva durante a puberdade. A adolescência marcaria a renúncia dos objetos infantis, a integração das pulsões parciais e a subordinação da pulsão sexual, que se colocaria a serviço da função reprodutora, tornando-se altruísta em sua essência. Durante os processos da puberdade, firma-se o primado das zonas genitais e, paralelamente, consuma-se o encontro do objeto no lado psíquico.

“Por fim, descobrimos que a escolha objetal é guiada pelos indícios infantis, renovados na puberdade, da inclinação sexual da criança pelos pais e por outras pessoas que cuidam dela, e que, desviada dessas pessoas pela barreira do incesto, erigida nesse meio-tempo, orienta-se para outras pessoas que se assemelhem a elas.” (p.220)

Um dos aspectos mais importantes nesse desenvolvimento descrito por Freud é o afrouxamento dos laços com a família. Esse desligamento da autoridade dos pais foi considerado por ele uma das realizações psíquicas mais significativas da puberdade. Freud (1921) descreveu, após uma breve apresentação do desenvolvimento psicosssexual, a natureza do objetivo genital. Segundo ele, quanto mais importante se torna para o ego o amor sexual, e

mais se desenvolveram no ego as características de estar amando, maior a importância de ele estar limitado a duas pessoas, “*una com uno*”².

Após experienciar diferentes papéis e estabelecer um senso de identidade mais estável durante a adolescência, o jovem adulto encontra-se preparado para a intimidade. Ele tornou-se capaz de se confiar a filiações e associações concretas, possuindo a força ética para ser fiel a elas, mesmo que sacrifícios e comprometimentos significativos tenham que ser feitos (Erikson, 1963/1971). Para Erikson (1963/1971), é nesse momento que o jovem pode desenvolver uma verdadeira genitalidade. Embora considerando-a uma utopia, ele condensou o significado do primado genital em seis aspectos: primeiro, a mutualidade do amor; segundo, com um parceiro ou parceira amada; terceiro, do sexo oposto; quarto, com quem se possa e queira compartilhar uma confiança mútua; quinto, com quem se possa e queira regular os ciclos de trabalho, procriação e recreação; e por último, a possibilidade de assegurar à descendência todas as etapas de um desenvolvimento satisfatório. Essa preocupação relacionada a conduzir a nova geração foi chamada por Erikson de generatividade, mas ela pode não se restringir apenas à orientação dos filhos, mas também abranger outros aspectos como a criatividade e a produtividade, sem, contudo, substituir sua função primeira.

Segundo Dolto (1981/1988), para que a descendência tenha assegurado seu desenvolvimento, um homem e uma mulher, já possuidores das características que faltavam para a compreensão de seus papéis recíprocos relacionados à concepção e atingindo sua maturidade psicosexual, correspondente à fase genital, aprendem a concentrar sua afetividade e sexualidade em um mesmo ser, fixando uma escolha. Dessa escolha dependerá o futuro dos filhos que nascerão dessa união. Certamente, nem todos os indivíduos atingem essa fase de desenvolvimento, e nem por isso deixarão de ter filhos ou concebê-los. Contudo, podem surgir dificuldades tanto na questão da continuidade da gestação quanto na qualidade dos cuidados que se tem com a criança que nasceu (Dolto, 1995/1998).

Somente um indivíduo que tenha liquidado razoavelmente conflitos característicos de fases anteriores de seu desenvolvimento, principalmente seu conflito edípico (Dolto, 1981/1988; Brazelton & Cramer, 1990/1992), é que atingirá a maturidade e a *sexualidade oblativa*³, condição necessária para que o indivíduo desenvolva um amor instintivo pelo outro,

² Grifo feito originalmente pelo autor.

³ Grifo da autora.

protetor, igual ou muitas vezes superior ao instinto de preservação. A sexualidade oblativa, ou fase genital oblativa, caracteriza-se por uma fixação libidinal no objeto heterossexual, que possibilita uma vida a dois fecunda e a proteção dos filhos ou de seus substitutos afetivos.

“O verdadeiro ingresso na idade adulta tem a ver com uma obra durável e com a responsabilidade pessoal num evento novo....A idade da fecundidade adulta é quando a mulher deseja um filho da linhagem de seu amante, filho que seria eventualmente – caso ela morresse, criado pela linhagem de seu homem. Quanto ao homem, deseja um filho que lhe cause orgulho por ser marcado pela hereditariedade de sua mulher e pela dos homens ou das mulheres de sua linhagem, bem como pela linhagem de sua amante. É nesse momento que o adulto atinge a maturidade. O desejo sexual ganha um sentido que está também ligado à necessidade que a sociedade tem de continuar”. (Dolto, 1998, p. 232)

A transição para a parentalidade, e todas as novas concepções e transições que possam ocorrer a partir do primeiro filho, relaciona-se diretamente com o desenvolvimento psicosssexual. Ela será plenamente vivida na medida em que o indivíduo passa de uma sexualidade pré-genital para uma sexualidade genital oblativa. Ocorrerá, então, um deslocamento do narcisismo para a descendência. Ou seja, o filho deixará de ser filho para se tornar um pai, a filha deixará de ser filha para se tornar uma mãe. Essa questão é um ponto nodal desse período de transição: a mudança de papéis, experimentada em vários graus com a chegada de um novo ser (Bick, citada por Pérez-Sánchez, 1981; Parens, 1975; Winnicott, 1957/1977), requer um grande esforço emocional de cada indivíduo. Mesmo que existam dificuldades na adaptação a esses novos papéis, o bebê, com suas imperiosas demandas, vai reposicionando cada um, homem e mulher, em suas novas funções (Pérez-Sánchez, 1995/1997).

Essa evolução do indivíduo em direção à parentalidade também foi traçada por Benedek (1959). Essa autora trabalhou com a progressão do desenvolvimento, tomando os pressupostos da teoria da libido desenvolvida por Freud (1905). Segundo Benedek, o ser humano desenvolve-se através de fases que evoluem de uma libido pré-genital até a primazia genital. A maturidade fisiológica, que principia na adolescência, serve de motivação para que se inicie a próxima fase: a parentalidade. Durante a parentalidade, a personalidade do indivíduo continua a se desenvolver, utilizando para isso os mesmos processos primários que operaram em sua própria infância: identificação e introjeção. Benedek sugere que os mesmos processos psíquicos que se põem em marcha em um bebê estão, de forma análoga, presentes na mãe. Por exemplo,

através da introjeção da experiência gratificante de se sentir uma boa mãe, a mulher sente-se autoconfiante de suas capacidades maternas, atingindo uma nova integração de sua personalidade. Segundo essa autora, ocorre um desenvolvimento recíproco de dois egos, o da mãe e o do bebê. Cada fase da maternidade, desde a gravidez até o pós-parto, é acompanhada por uma regressão à fase oral de desenvolvimento que traz à tona a repetição de um processo ocorrido na própria infância da mãe do bebê. As tendências receptivas da mãe, sua regressão a uma certa oralidade, facilitam a identificação da mãe com seu bebê. Esse processo identificatório faz parte dos cenários narcísicos da parentalidade, descritos por Manzano, Palacio Espasa e Zilkha (1999). Contudo, se esses aspectos regressivos que emergem nesse momento caracterizarem-se por uma significativa regressão psicológica, eles devem ser considerados mais como produtos de um conflito defensivo do que resultantes da parentalidade em si (Peltz, 1985).

A mãe, segundo Benedek (1959), uma vez que também foi criança e introjetou os traços de memória de ter sido alimentada e cuidada, possuindo suas próprias experiências de ter sido maternada, conforta seu bebê com o prazer ou o sofrimento vividos em sua própria infância. Essas questões trazidas por Benedek dizem respeito às representações de nossa infância que reaparecem durante a parentalidade. Tais aspectos têm sido amplamente discutidos devido às implicações transgeracionais que causam (Fraiberg, 1994; Escosteguy, 1997; Dolto, 1994/1999). Além de delinear uma nova área de estudo, Benedek também pressupôs a existência de dois níveis de superego nos pais de uma criança em desenvolvimento. O primeiro deles foi incorporado à personalidade parental através de seu desenvolvimento ao longo da infância. O segundo está relacionado ao preenchimento das aspirações do ego, particularmente as relacionadas ao fato de ser um bom pai ou uma boa mãe. No processo de atingir esta meta, através de alterações contínuas entre sucessos e fracassos da parentalidade, a personalidade dos pais sofre mudanças que configuram a parentalidade como uma fase do desenvolvimento. Posteriormente, Benedek reviu seu conceito da parentalidade como uma fase do desenvolvimento, considerando-a mais como um processo do que uma fase propriamente dita (Parens, 1975).

Segundo Rayner (1975), durante a parentalidade os pais da criança revivem suas próprias fases de desenvolvimento e crises que tenham ocorrido. Isso envolve profundas mudanças dentro da organização mental de cada genitor. Um fracasso em atingir uma mudança adaptativa pode ocasionar a emergência de uma patologia, tanto nos pais quanto nas crianças.

As mudanças na estrutura do ego resultantes das experiências da parentalidade (Kestenberg, 1984) ocorrem cada vez que uma subfase da parentalidade é completada, ou seja, quando a tarefa de promover o crescimento da criança, de acordo com sua fase de maturação, foi atingida. Novas tarefas, novas sensações entram em jogo, sugerindo que mudanças internas estão ocorrendo com os pais. Entretanto, tais mudanças não implicam necessariamente um progresso ou avanço em direção a um nível mais elevado de maturidade. Idealmente, pensamos que as funções biológicas, emocionais e sociais, postas em movimento em decorrência das exigências normais da parentalidade, enriqueceriam e aumentariam os sentimentos parentais de integridade sexual e individualidade. Contudo, segundo Parens (1975), também se deveria avaliar a capacidade dos pais de cuidarem de sua criança, uma vez que essa é uma das tarefas dessa etapa de desenvolvimento.

O comportamento dos pais pode refletir soluções saudáveis e crescimento de sua personalidade, mas também pode não vir acompanhado de uma mudança intrapsíquica, e, até mesmo, produzir ou reviver um comportamento patológico característico do passado. Por exemplo, em casos severamente patológicos, o conflito edípico é revivido mais dramaticamente no adulto quando do nascimento de seu filho ou sua filha. Nessa ocasião ressurgiriam resquícios de um conflito central não resolvido, cuja reencenação se daria na relação do pai ou mãe com sua criança (Parens, 1975; Wyatt, 1971).

Mais recentemente, a parentalidade vem sendo estudada pelo psicanalista Colarusso (1990) como a maior crise de desenvolvimento na idade adulta. O autor procurou entender a parentalidade como uma continuação do processo de separação-indivuação que se inicia na infância. O primeiro processo de separação-indivuação tem sua resolução por volta do terceiro ano de vida da criança, e demarca a diferenciação e a constância entre o eu e o não eu (Mahler, Pine e Bergman, 1975/1993). O segundo processo de indivuação foi trabalhado por Blos (1996) durante o período da adolescência. Para o autor, o correspondente ao surgimento da membrana simbiótica que torna a criança pequena individualizada está no desprender-se da dependência familiar e na perda dos objetos infantis. O desligamento dos objetos internalizados, objetos amados e odiados, abre caminho para a descoberta de objetos externos e extrafamiliares amados e odiados pelo adolescente. Ao término da adolescência, as representações do *self* e do objeto adquirem estabilidade e limites bem determinados, tornando-se resistentes a mudanças catéticas. O superego edípico, em contraste com o superego arcaico, perde no processo de indivuação um pouco de sua rigidez e de seu poder, enquanto a

instituição narcisista do ideal do ego adquire proeminência e influência mais generalizada. Essas mudanças estruturais trabalhadas por Blos (1979/1996) correspondem a uma reestruturação psíquica que torna a constância da auto-estima e do humor cada vez mais independente de fontes externas, ou, pelo menos, dependente de fontes externas de escolha da própria pessoa.

Colarusso (1990), por sua vez, considerando os aspectos relacionados à experiência da parentalidade, pretendeu definir os parâmetros de uma *terceira individuação* que ocorreria na fase adulta (20-40 anos). Segundo ele, primeiramente existiria uma transição entre a segunda individuação e a idade do adulto jovem. Essa transição baseia-se no aumento da capacidade de realizar uma separação intrapsíquica dos objetos infantis e no engajamento em atividades específicas da fase do adulto jovem. Os jovens adultos, diferentemente dos adolescentes, funcionam em um nível relativamente independente, não moram com seus pais e cuidam de suas próprias necessidades sozinhos. Segundo Colarusso, a solidão, normativa do jovem adulto, leva a maior parte dos indivíduos a preencher a vontade real e intrapsíquica de se separar de seus objetos infantis através da constituição de uma família. A parentalidade caracterizar-se-ia como uma extensão natural das individuações anteriores, facilitando a *terceira individuação*, na medida em que produz uma situação na qual os temas infantis e os relacionamentos anteriores podem ser retrabalhados em relação a essa fase específica. A experiência da concepção adiciona uma nova dimensão à identidade sexual, através da confirmação de que o aparelho reprodutor é capaz de realizar sua função primária: procriar. A surpreendente capacidade de gerar uma nova vida é narcisicamente muito gratificante, produzindo, particularmente na mãe, uma prontidão para se engajar ao bebê. Após o nascimento, cada interação com o bebê produz, narcisisticamente, um novo senso de completude sexual que estimula o desejo de cuidar amorosamente do bebê, que está se tornando identificado com o *self* parental. Esse senso de fusão com o bebê completa os novos pais, particularmente as mães. Ter um bebê muda o relacionamento entre os novos pais e seus progenitores, gerando profundas mudanças intrapsíquicas em ambos.

Segundo Colarusso (1990), os jovens adultos devem gradualmente se reconhecer como seus pais, não diferente deles, no sentido de serem capazes de cuidar de si mesmos, além de, física e emocionalmente, serem capazes de amar e criar seus filhos. Pode-se pensar que o tornar-se pai ou mãe efetua uma das maiores mudanças intrapsíquicas, cuja trajetória principiou com um indivíduo psiquicamente imaturo e dependente, passando para o adolescente maduro

sexualmente, porém semi-independente, até chegar ao jovem adulto que se compromete em um relacionamento de intimidade e interação, capaz de conceber uma criança. Quando o casal se torna pai e mãe uma família é formada, e sua estrutura inicial é idêntica àquela da família de origem: fecha-se o círculo. A partir desse momento, todas as interações entre pais e criança produzem intensas emoções que estimulam uma reativação, nos pais, de aspectos de sua primeira individuação: revivem o momento da simbiose.

O complexo papel da parentalidade não somente expande o *self* adulto como estimula uma individuação posterior dos jovens adultos de seus próprios pais. Essa mudança intrapsíquica apresenta três questões principais. Primeiro, tornar-se pai e mãe é assumir um território que havia sido exclusivo dos progenitores. Segundo, uma constante comparação, consciente ou inconsciente, entre sua forma de criar e a maneira como eles foram criados inicia-se quando os pais estão criando seus filhos. Essas comparações tendem a reforçar o senso de conexão e continuidade entre as gerações, particularmente quando os avós estão envolvidos com os cuidados de seus netos. Terceira e última questão: a habilidade de dar algo único e importante a seu próprio ciclo de desenvolvimento: netos (Colarusso, 1990).

Através de sua união afetiva e física, o casal cria uma nova vida, gerando um ser frágil e dependente que necessita que cada membro se posicione em seu papel de pai ou de mãe. Conceber uma criança, para Colarusso (1990), subjuga, inconscientemente, a barreira do incesto, que foi imposta ao longo do tempo. A expressão dos desejos do Édipo manifesta-se através da equação: esposa igual a mãe e pai igual a marido. A resolução dessa equação resulta em uma modificação da catexia dos objetos infantis para as representações adultas presentes na esposa ou esposo e na criança. As questões edípicas não resolvidas poderão se expressar na forma de conflitos entre os novos pais e os avós, quanto ao acesso à criança. Para os jovens adultos, facilitar a redefinição dos papéis de seus próprios pais altera as representações intrapsíquicas de seus objetos infantis e de seu próprio *self*, na medida em que estimula a resolução edípica. Quando isso ocorre, os avós também são conduzidos para uma fase mais tardia do desenvolvimento: a quarta individuação.

O processo de individuação masculina foi mais detalhado por Colarusso posteriormente (1995). Segundo ele, para os homens na faixa dos 20 anos a intimidade é uma questão difícil. Eles não estão psicologicamente preparados e preocupam-se mais com as urgências sexuais do que com o estabelecimento de um relacionamento íntimo. O desenvolvimento em direção à intimidade surge com o crescente sentimento de solidão posterior ao ato sexual, que direciona a

conexão entre a emoção e o contexto sexual. A partir da repetida fusão do sexo e do amor, o homem identifica-se com a parceira, provocando uma emergente capacidade para a intimidade e uma significativa mudança intrapsíquica. Os aspectos femininos do *self* são projetados, aceitos e amados no parceiro. O ego ideal é alterado para incluir as aspirações da parceira, considerando o futuro do casal, particularmente os principais aspectos da vida adulta jovem, como o lugar para viver, o desejo de ter filhos e as ambições profissionais. Outra modificação que advém da intimidade é o abandono do medo infantil e das noções adolescentes sobre os órgãos sexuais femininos, tais como considerar a vagina castrada em decorrência do conflito edípico. A parentalidade biológica, por sua vez, elicia o processo de parentalidade psicológica, criando um estado mental que permite que os pais saudáveis tornem-se apegados e envolvidos com os filhos que estão sendo gerados. Depois do nascimento, cada interação pai-bebê proporciona um novo senso de completude sexual e estimula o desejo de se engajar com o bebê. O pai assume o papel que fora anteriormente prerrogativa exclusiva de seu progenitor. Essa situação leva à formação de um senso interno de igualdade que, além de saudável, é uma experiência benéfica e prazerosa para ambos, pai e filho.

A esses aspectos desenvolvimentais podemos somar agora algumas questões específicas da gravidez, do puerpério e do período referente aos primeiros meses de vida do bebê. Durante a gestação podemos nitidamente apreciar o aparecimento de um lugar na família que será ocupado pelo bebê. Inicialmente, esse lugar é apenas imaginado e elaborado mentalmente pelos futuros pais. Posteriormente, ele assume a forma de palavras e atos, como decorar o quarto do bebê. O relacionamento conjugal também assume uma nova configuração. O que antes era investido no relacionamento passa a ser investido no futuro bebê. Neste sentido, o casal começa a construir um espaço para que um terceiro membro seja incluído (Szejer & Stewart, 1994/1997). O processo que os futuros pais, individual e conjuntamente, realizam ao construir um lugar para o bebê constitui-se no trabalho psicológico da gravidez, descrito por Brazelton e Cramer (1990/1992). Esse trabalho constitui-se na preparação dos pais para o nascimento do bebê e para a subsequente adaptação a uma nova organização familiar, com a inclusão de um terceiro membro.

1.2.2. O trabalho psicológico da gravidez

O trabalho psicológico da gravidez pode se manifestar com tumulto e ansiedade. Tais sentimentos são comuns nesse momento, sendo que retrações emocionais ou regressões a um papel de maior dependência no contexto de outros relacionamentos da família também podem acontecer (Brazelton, 1981/1988; Soifer, 1977/1992). A noção da responsabilidade pelo novo bebê produz um sentimento de urgência. A ansiedade dos pais pode levá-los de volta às brigas e aos sentimentos ambivalentes de ajustamentos anteriores (Brazelton, 1981/1988).

A gravidez de uma mulher vai refletir toda a vida do casal anterior à concepção, tanto individual quanto conjugal. Tornar-se pai ou mãe reaviva necessariamente antigas experiências com os próprios pais (Debray, 1987/1988; Bydlowski, 2000b). Cada um dos pais que passa por esse momento revive suas experiências do triângulo edípico, as forças que os levaram a uma resolução ou não dessa situação e, conseqüentemente, da separação dos pais. Conceber um filho apresenta um duplo registro: produz a repetição do material inconsciente dos pais, principalmente referente à resolução do conflito edípico, e simultaneamente instaura a emergência da constituição de uma nova organização (Bydlowski, 2000b). Todos esses aspectos vão influir na maneira como eles se ajustarão a essa nova situação e a esse novo papel (Brazelton & Cramer, 1990/1992).

A gravidez contribui para o amadurecimento da mulher. Embora, Dolto (1988, 1998) afirme que a maturidade psicosssexual possa ser atingida por outras vias e não somente através dos descendentes, para os autores Klaus e Kennel (1982/1993), o nascimento do primeiro filho é visto pela mulher como uma admissão à vida adulta: com a gestação, a mulher faz a passagem da era da infância para a da maturidade. Dependendo se a gravidez foi planejada ou não, se o pai do bebê vive com ela ou não, se tem ou não apoio familiar, as mudanças físicas e emocionais que se processarão nesse período poderão ter variadas repercussões e resoluções. A responsabilidade pelo bem-estar de outra pessoa trará mudanças no relacionamento com o pai do bebê, na medida em que seu tempo e atenção terão que ser divididos entre duas pessoas (Klaus & Kennel, 1982/1993).

Durante o primeiro trimestre da gravidez, a mulher adapta-se ao fato de que será mãe, iniciando um trabalho de preparação para o parto e nascimento do bebê. Como a mulher convive diariamente com as mudanças em seu corpo, com a perspectiva de uma mudança em sua maneira de viver mais independente, é natural que surjam sentimentos ambivalentes,

expressos no desejo de ter ou não o bebê, de ter que mudar ou não seu estilo de vida. Segundo Brazelton e Cramer (1992), a primeira tarefa que se impõe à mulher é aceitar o corpo estranho que nela se implantou. Algumas vezes ela pode responsabilizar seu companheiro por seu estado, evitando-o; posteriormente, a mãe vem a aceitar o embrião, considerando o futuro filho como uma parte benigna de si própria. Esse processo gera muitos sentimentos ambivalentes, cujo lado negativo pode se expressar pelos enjôos matinais e outros sintomas psicológicos. Associados à ambivalência surgem temores quanto a ter um filho disforme, ao parto e à perda das formas corporais (Soifer, 1977/1992).

Em um segundo momento, em decorrência dos movimentos fetais, tem início a conscientização do bebê como um ser independente e separado. Essa consciência prepara a mulher para o nascimento e a separação física de seu filho (Klaus & Kennel, 1982/1993). Os movimentos do feto desencadeiam um processo de personificação do feto: a mãe passa a atribuir certas características pessoais ao bebê, significando os movimentos percebidos (Maldonado, 1997). Para Brazelton e Cramer (1990/1992), esse momento pode ser caracterizado como o começo do apego primordial. Os movimentos intra-uterinos são as primeiras contribuições do feto ao relacionamento com os pais. Esse autor também coloca que, na medida em que os movimentos e níveis de atividade do feto vão configurando ciclos e padrões, a mãe começa a interpretá-los, atribuindo ao bebê um temperamento, uma personalidade. A participação do pai, nos momentos de movimentação do feto, permite transformar, desde a gravidez, a relação fusional mãe-feto em uma relação a três (Szejer & Stewart, 1994/1997). Segundo Klaus e Kennel (1982/1993), é justamente nesse período que a mulher começa a aceitar mais sua gravidez, modificando suas atitudes para com o bebê. Essas mudanças podem ser objetivamente observadas: ela poderá comprar roupas, o berço, escolher um nome para o bebê ou preparar seu lar para acomodá-lo. Brazelton e Cramer (1990/1992) também colocam que nessa época é que se cogitam nomes, escolhem-se roupas, pinta-se o quarto, reorganizam-se as casas para acomodar o novo hóspede. Com o bebê, a mulher experimenta uma forma de dupla identificação. Identifica-se simultaneamente com sua mãe e com seu feto, elaborando dessa forma os papéis e atributos da mãe e do bebê, baseadas nas experiências que teve com sua própria mãe quando bebê. Na gravidez, a mulher realiza um sonho antigo de tornar-se igual à própria mãe, participando de seus atributos mágicos de generatividade. Conseqüentemente, a mulher irá reviver antigos conflitos familiares anteriormente esquecidos ou reprimidos, em especial com relação à sua própria mãe e a sua

maternagem (Brazelton, 1981/1988). A futura mãe tende a agarrar-se às figuras maternas que estão à sua volta, podendo querer carinho e aconselhamento tanto de sua sogra, ou outras figuras maternas, quanto de sua própria mãe (Brazelton, 1981/1988). Na fala de uma gestante percebe-se a escolha de uma figura maternal e uma avaliação de seu relacionamento com a mãe. No último trimestre da gestação é que a mulher se prepara para a crise do nascimento. É nesse momento que a futura mãe busca se organizar e planejar sua vida futura, começando, por exemplo, a pensar em quem ajudará nos cuidados da criança, se amamentará ou não, e, se o fizer, caso trabalhe, como se organizará para continuar amamentando.

O futuro pai também necessita fazer adaptações semelhantes às da mulher. A maneira como o homem sente as mudanças na mulher pode variar. Algumas vezes o homem pode se sentir inseguro; e, outras vezes, pode até se sentir responsabilizado (Maldonado, 1997). Segundo Maldonado, Dickenstein e Nahoum (1996), a gestação do vínculo pai-filho costuma ser mais lenta, consolidando-se após o nascimento e conforme a criança vai se desenvolvendo. O homem, por não ter e sentir o bebê dentro de si, tem uma dificuldade a mais para estabelecer um vínculo com o feto que está sendo gestado. Dessa forma, o movimento fetal para o homem mobiliza fortes sentimentos de inveja, podendo gerar várias reações. O homem pode participar dos movimentos fetais, sentindo-os através do ventre da mulher e “comunicando-se” com o feto por um processo semelhante de personificação feito pela mulher, iniciando a formação de uma situação triangular adulta, ou ainda pode reviver antigos sentimentos de rivalidade fraterna, sentindo o feto como um intruso que vai roubar sua posição privilegiada diante da mulher (Maldonado, 1997). Uma outra forma de expressão do desejo de participar mais ativamente da gravidez está relacionada ao ritual da couvade. Através do processo de identificação e de rivalidade em relação à mulher, o homem manifesta alguns dos sintomas físicos característicos da gestante (Maldonado, 1997). O homem possui um papel importante, na medida em que representará um modelo para o aprendizado do novo filho acerca da masculinidade e um apoio importante para a esposa. Durante o processo da gravidez, cada homem faz uma auto-avaliação e avaliação retrospectiva de sua experiência como dependente de seu pai, considerando o seu papel como provedor da família, como um adulto do sexo masculino pronto a ajustar-se à responsabilidade de cuidar de um ser dependente (Klaus & Kennel, 1982/1993). Os pais, da mesma forma que as mães, precisam renovar os relacionamentos que tiveram com pessoas que desempenharam papel importante em seu passado. Tanto o pai quanto a mãe, ao gerar um filho, têm a possibilidade de igualar-se aos

próprios pais e até de superá-los. Segundo Brazelton e Cramer (1990/1992), os futuros pais sempre desejam ser melhores do que seus antecessores. O bebê que está sendo gestado pode tornar-se portador de atributos que pertenceram a indivíduos importantes no passado dos pais, trazendo consigo a possibilidade de reviver e elaborar vínculos que estiveram latentes durante anos (Brazelton & Cramer, 1990/1992). No último trimestre da gravidez muitos pais buscam conhecer o seu futuro bebê, ficando atentos aos movimentos e ao comportamento do feto. Frequentemente falam e cantam para o seu bebê, numa tentativa de tornarem-se mais próximos dele antes do nascimento (Brazelton, 1992/1994). Contudo, sentimentos ambivalentes também podem surgir. O futuro pai pode apresentar o desejo de que nada disso estivesse acontecendo; e as fantasias de fuga, de evadir-se completamente, de ter encontros com outras mulheres, podem aumentar significativamente nesse período, causando preocupações e apreensões na gestante (Brazelton, 1981/1988).

Todos os jovens pais reavaliam seus relacionamentos anteriores, reconsiderando o papel de seus pais em sua infância. Dessa forma, eles constroem um conceito de pai e mãe ideais, a partir do qual se avaliam (Brazelton, 1981/1988). Segundo esse autor, o mergulho em antigos relacionamentos, o retorno aos próprios pais, seja na realidade ou na fantasia, serve como uma forma de sustentar seus novos papéis parentais (Brazelton & Cramer, 1990/1992).

Brazelton e Cramer (1990/1992) referem o trabalho psicológico da gravidez como um processo que ocorre durante as quarenta semanas de gestação e que possibilita aos futuros pais a oportunidade de realizar toda uma preparação psicológica, que é, ao mesmo tempo, consciente e inconsciente. Esta preparação está relacionada às mudanças que vão ocorrendo no corpo da mulher (Debray, 1987/1988). Ao final da gestação, a preparação geralmente proporciona um sentimento de completude e prontidão para receber o bebê.

Considerando as transformações que ocorrerão no casal, Costa e Katz (1992) colocam que o nascimento de um filho mobiliza inúmeros conflitos do casal, os quais, se forem reprimidos, poderão determinar o surgimento de perturbações no relacionamento conjugal, com repercussões na educação do bebê. Apesar disso, os efeitos psicológicos do nascimento de um filho são pouco conhecidos, e só recentemente passaram a merecer a atenção dos estudiosos.

A vinda de um bebê requer uma mudança nos padrões transacionais do casal, cujas funções devem se diferenciar para satisfazer às exigências da criança e manejar as restrições impostas. Na primeira gestação, as mudanças são mais radicais, pois a partir do momento em que o casal toma conhecimento do bebê a relação passa a não ser mais dual. O casal passa de

uma relação a dois para uma relação a três. Não se trata mais de um homem e uma mulher formando um vínculo de duas pessoas, mas de um pai e uma mãe criando um vínculo com um terceiro (Maldonado, 1997).

Segundo Costa e Katz (1992), o nascimento do filho corresponde ao surgimento de um terceiro na relação exclusiva marido-mulher. Para esses autores, quando existe um terceiro real ou fantasiado, como um filho que poderá nascer, reativa-se o conflito edípico, ocasionando ciúmes entre os parceiros. A mobilização desse conflito infantil universal ocorre porque a união dual do casal representa uma proteção contra o terceiro em discórdia na infância (o pai para o menino e a mãe para a menina).

O momento em que a díade homem-mulher passa a incluir um terceiro é de extrema importância na constituição da família e no desenvolvimento do núcleo familiar. A chegada do primeiro filho realiza a passagem da díade para a tríade, gerando uma situação crítica, tanto do ponto de vista individual quanto do ponto de vista do casal, que requer novas formas adaptativas e de relacionamento (Neder & Quayle, 1996).

A transição para a parentalidade pode ser vista como a possibilidade de aceitação e adaptação a este terceiro vértice do triângulo. Contudo, segundo Szejer e Stewart (1994/1997), alguns casais não conseguem funcionar de maneira harmoniosa a menos que estejam a dois, e o terceiro é excluído. Brazelton e Cramer (1990/1992) também destacam, nesse momento de transição, o sentimento de abandono, evocado pelos sentimentos infantis de rejeição e separação de cada um dos parceiros.

O casal que aguarda seu primeiro filho se preocupará com o fato de ter que compartilhar sua intimidade e recursos emocionais com um terceiro, sendo que as ansiedades edípicas reavivadas e as questões de posse e rivalidade ressurgem, como acontece nos conflitos da infância. O ciúme e a competição que surgem, assim como a preocupação de perder a plena atenção do cônjuge, são muito comuns e praticamente inevitáveis. Porém, as intensas preocupações com a constelação triangular, muitas vezes, significam assuntos não resolvidos de inclusão/exclusão desde o casal parental da infância (Raphael-Leff, 1993/1997).

Dessa forma, o casal precisa ajustar-se no sentido de realinhar seus papéis. Segundo Maldonado (1997), muitas vezes essa nova definição de papéis, a transformação do papel de filho para o de pai, traz à tona antigos conflitos de relacionamento do casal: por exemplo, a mulher pode ter atuado como filha ou mãe do marido, e, quando espera o próprio filho, precisa ajustar-se à realidade de ser mãe daquela criança e não mais do marido.

Nesse sentido, a gravidez pode romper uma estrutura fragilmente estabelecida ou promover um maior nível de integração e aprofundamento no relacionamento do casal. Quando a mulher ou o homem não superaram sua dependência infantil em relação aos próprios pais, a gravidez pode constituir uma ameaça ao casamento ou ao equilíbrio pessoal.

Algumas vezes, o homem pode temer ser deixado de lado com a chegada do bebê. Ao ver a mulher voltar-se internamente para a gravidez e o bebê, ele pode acabar considerando seu filho um intruso na antiga relação dual. A mulher pode temer ser menos querida que o filho, ter que dar de si mais do que receber, proteger mais do que ser protegida, cuidar mais do que ser cuidada. O bebê pode ser visto pelo casal como um rival a competir pela partilha do amor (Maldonado, 1997).

Segundo Maldonado (1997), a gestação do vínculo pai-filho costuma ser mais lenta e a participação do homem na gravidez, por não ter o bebê dentro de si, varia muito. Frequentemente, as mulheres queixam-se do pouco envolvimento do homem no início da gestação. Mas, por outro lado, existe aquele homem que se exclui por não poder participar diretamente do contato com o filho que está sendo gestado, evitando envolver-se com a gravidez. Muitas vezes, põe-se à margem do processo, participando pouco, inclusive depois que o bebê nasce: é como se a gravidez, o parto e os cuidados com o bebê fossem coisas exclusivamente femininas, às quais ele não pode ou não deve ter acesso.

Essa última colocação encontra suporte na afirmação de Bee (1994/1997), segundo a qual o nascimento do primeiro filho desencadeia uma intensificação dos papéis sexuais tradicionais:

“Pelo fato de os filhos dos humanos serem notavelmente vulneráveis e de crescimento lento, eles exigem um período longo de apoio físico e emocional, até mesmo os casais com uma filosofia de igualdade irão adotar uma divisão mais tradicional de papéis, após o nascimento do primeiro filho. Como uma espécie, não escapamos de dividir aquelas duas responsabilidades, com as mães a assumir a tarefa de apoiar emocionalmente e os pais assumindo o papel de apoio físico e proteção.” (p. 425)

A gravidez afeta a reciprocidade entre os cônjuges, desestabilizando o equilíbrio do gênero. Segundo Raphael-Leff (1993/1997), a polarização das diferenças masculino-feminino pode originar problemas sexuais, redefinir ou exacerbar disputas de poder e controle sobre a participação de cada integrante do casal.

De acordo com essa autora, mesmo entre casais heterossexuais que tenham realizado uma distribuição igualitária das atividades domésticas, a gravidez, inevitavelmente, acentua a assimetria e torna as diferenças cada vez mais aparentes (Raphael-Leff, 1993/1997). Apesar das reações individuais variarem conforme as diferentes épocas de nossa sociedade, o princípio básico do fato biológico e experiência material da gravidez empurra homens e mulheres a reavaliarem a si próprios como seres masculinos ou femininos. Por exemplo, uma mulher independente pode surpreender-se com um desejo de ser mimada por seu companheiro, ou acalentada por sua mãe ou amigas. Ao contrário, uma mulher dependente ou sem afirmação até a gravidez pode experimentar uma nova liberdade. A mulher vazia pode não se sentir mais solitária e o homem auto-suficiente pode sentir-se esvaziado e excluído durante a gestação do filho (Raphael-Leff, 1993/1997).

Outro sentimento que costuma surgir entre o casal é a competição. Segundo Brazelton (1992/1994), todos os adultos que tomam conta de um bebê irmão, naturalmente, entram em competição por ele, sendo os sentimentos competitivos um componente normal dos cuidados com um indivíduo dependente. Cada um dos membros do casal desejará desempenhar as funções junto ao bebê ou à criança com mais habilidade do que o outro. Esse autor afirma que nos dias atuais, em que os homens envolvem-se mais com a espera do bebê, a competição natural entre mães e pais começa mais cedo. A competição pelo papel de quem cria os filhos soma-se, então, à competição de cada um deles com o bebê não nascido pela atenção do outro. Nesse sentido, o casal precisa estar preparado para enfrentar essa sutil rivalidade, reconhecendo que este sentimento é um aspecto natural e necessário para o crescimento do apego pelo futuro bebê.

Contudo, o impulso de um dos pais no sentido de excluir o outro pode levar a atritos no casal e na família extensa, na medida em que a competição pode se estender para outros membros familiares. Se o projeto de ser pais não envolve somente o casal, mas, de uma forma mais ou menos direta, a duas linhagens do bebê, pode-se considerar em que medida as idéias dessas linhagens concordam ou entram em dissonância. A competição entre as famílias, então, pode surgir na medida em que as diferenças culturais e individuais se interponham na criação e educação do bebê. O casal, freqüentemente, terá que negociar essas diferenças de costumes e tradições (Szejer & Stewart, 1994/1997).

Costa e Katz (1992) destacam aspectos regressivos que podem surgir, de forma manifesta ou dissimulada, durante a gestação de um filho. Apesar das satisfações que os

indivíduos e a sociedade procuram evidenciar, a gravidez representa o ressurgimento de inúmeros conflitos que repercutem no relacionamento conjugal. Como o casamento representa uma forma de restabelecer, ainda que parcialmente, a relação simbiótica mãe-bebê, devido à íntima relação entre os cônjuges, o surgimento de um terceiro na relação exclusiva marido-mulher corresponde ao ingresso do pai nessa relação exclusiva mãe-bebê. A etapa inicial e prazerosa da “simbiose conjugal” começa a ser rompida com o início da gestação, permitindo, dessa maneira, que uma relação narcisista evolua para uma relação edípica, com o nascimento de um filho. Para que isso ocorra plenamente, o casal desencadeia um processo de elaboração da perda da posição infantil de indiferenciação mãe-bebê. Quando isso não ocorre simultaneamente, muitas vezes um parceiro deseja a gravidez e o outro concorda apenas para não entrar em conflito com o cônjuge.

Ainda segundo Costa e Katz (1992), o nascimento de um filho provoca uma crise vital que pode levar tanto ao crescimento quanto à estruturação patológica do casamento, sendo que uma das principais causas dessa “crise” repousa no rompimento do vínculo simbiótico que existe em todos os relacionamentos conjugais:

“O rompimento do vínculo simbiótico conjugal, além de mobilizar a angústia infantil de separação, coloca os cônjuges diante de uma realidade que é narcísica e onipotentemente negada pelo ser humano: as diferenças de sexo, a necessidade de estabelecer papéis definidos no relacionamento homem-mulher que, de certa forma, implica em renunciar a bissexualidade inata e, por último, abandonar a posição de filho e passar a ocupar a posição de pai e mãe. O nascimento é a primeira experiência irreversível da vida adulta, a qual implica num compromisso permanente e integral com um outro ser que não cessa senão com a morte.” (p.89)

A simbiose conjugal é explicada por Alvarenga (1996) a partir da formação do casal, na qual o amor recíproco produz em cada pólo da relação um descentramento que dá origem a um eu conjugal. O casal, em busca de uma unidade, cria um psiquismo unificado no qual a dupla é investida como objeto amoroso. Desenvolve-se um fascínio pelo vínculo, e a díade passa a ser regida por uma nova economia libidinal. Cada parceiro buscará no outro o reconhecimento, esperando que ele reafirme a imagem que tem de si mesmo. Dessa forma, o cônjuge apóia sua libido no parceiro, esperando a confirmação de seu ser e de sua forma de amar.

Raphael-Leff (1993/1997) também destaca o relacionamento entre o casal como o mais íntimo entre amantes adultos e o mais complexo, no qual ocorrem múltiplos intercâmbios

conscientes e inconscientes. Dessa forma, o relacionamento do casal é o mais próximo equivalente do primitivo relacionamento emocional com os pais durante a infância.

Outro aspecto que irá influenciar o futuro relacionamento do casal após o nascimento do bebê são as expectativas que cada um tem, durante o período pré-natal, a respeito do modo como seu companheiro ou sua companheira deveria se comportar enquanto pai ou mãe. Muitas vezes, essas idéias constituem-se na parte fundamental dos elementos determinantes do encontro: um homem se casa com determinada mulher porque vê nela uma boa mãe para seus filhos. Essa projeção fantasmática do outro, como pai ou como mãe, não leva em consideração o que o outro realmente é e está intimamente relacionada com os modelos parentais. O parceiro ou parceira não possuem necessariamente os mesmos modelos, projetando-se de maneira diferente na função paterna ou materna. Nesse sentido, quando nasce o filho, a desigualdade entre o que foi fantasiado e a experiência da realidade é, muitas vezes, dolorosa (Szejer & Stewart, 1994/1997).

Durante a gravidez, o ato sexual pode sofrer uma mudança sutil, de uma atividade recreativa ou procriativa para uma de mútua criação ou expressão de experiências corporais separadas. Muitas vezes, a concepção de uma criança desejada intensifica a ternura no ato sexual, aproximando o casal que pode experimentar um rejuvenescimento do desejo (Raphael-Leff, 1993/1997).

Segundo Raphael-Leff (1993/1997), durante a gravidez, a fantasia de submissão à fusão e entrega orgástica associada à idéia de reentrada no útero é complicada pela mistura da consciência inibidora de um intruso ou identificação com o feto *in utero*. A privacidade do casal é interrompida pela presença de um terceiro e a diade pode oscilar entre o sentimento de que a gravidez enriquece seu relacionamento íntimo e o sentimento de invasão pelo feto, que passa a ocupar o lugar do pênis ou espiar a cópula de dentro.

Durante o primeiro trimestre, tanto a mulher quanto seu companheiro podem se preocupar com o efeito da penetração sobre o embrião. Eles temem a possibilidade de aborto ou de que o feto possa ser prejudicado de alguma forma. E, apesar de o feto estar bem protegido contra dano ou infecção, a ansiedade de manter um relacionamento sexual pode persistir ao longo da gestação (Raphael-Leff, 1993/1997).

Brazelton e Cramer (1990/1992) referem que, no final do primeiro trimestre, o ato sexual, em alguns homens, pode ser concebido como uma forma de energização da mulher grávida, que se refletirá também sobre o feto. Outros homens menos sintonizados reclamavam

que suas necessidades sexuais não eram satisfeitas. Dessa forma, os futuros pais dividem-se entre aqueles que alimentam suas esposas e os que se sentem frustrados e com ciúme da esposa e do bebê.

Segundo Raphael-Leff (1993/1997), os parceiros tornam-se profundamente diferentes, o que pode ocasionar tensão e conflito entre os cônjuges:

“Os parceiros tornaram-se profundamente diferentes. Mesmo em repouso, ela é uma geradora ativa; mesmo sozinha, ela não está mais por si mesma. O parceiro pode sentir-se excluído; a fêmea invadida e explorada. Ela tem náusea matinal e uma cintura que engrossa; ele permanece imutável. Ela tem contato direto com a criança; ele sente-se excluído. Ressentimentos profundos, que muitas vezes permanecem inconscientes, podem emergir durante o relacionamento sexual, criando tensão física e conflitos silenciosos entre os parceiros.” (p. 44)

Alguns homens podem sentir muita ternura pela mulher que está carregando seu filho e, como forma de demonstrar seu amor, aumentam o contato sexual com a parceira. Outros homens começam a apresentar problemas de penetração, através de sintomas genitais ou gástricos, ou expressam ansiedade com relação à mulher que será mãe. Essa dificuldade geralmente está relacionada com casos de inveja não resolvida da faculdade criadora da parceira feminina. Também pode ocorrer que alguns homens, inseguros de sua identificação masculina, manifestem sentimentos de inveja, apropriando-se dos cuidados do pré-natal e dos planos sobre o nascimento do bebê, ou ainda exibindo um domínio machista através da violência verbal e/ou física, coerção sexual e até mesmo estupro (Raphael-Leff, 1993/1997).

Por sua vez, a mulher pode se sentir apaixonadamente sexual durante a primeira fase de sua gravidez, enquanto seu companheiro está inibido por suas ansiedades inconscientes. Na medida em que eles diferem na intensidade de seus desejos sexuais e são incapazes de exprimir e compartilhar seus sentimentos, a alienação pode crescer. Esse distanciamento pode levar ao desenvolvimento de sentimentos de rejeição ou depreciação em cada um dos parceiros. A mulher, por exemplo, pode se sentir sem atrativos em decorrência das alterações corporais. O parceiro, que teme infligir sobre ela seus desejos de que ainda fossem os mesmos amantes, retrai-se e espera sinais de encorajamento por parte da parceira. Dessa forma, o aparente desinteresse sexual do parceiro confirma a sensação de falta de atrativos da mulher. No entanto, com o desenrolar da gravidez, a motivação para encontrar novos meios de expressar a afeição pode revigorar o namoro de um casal de futuros pais (Raphael-Leff, 1993/1997).

Segundo Raphael-Leff (1993/1997), o casal, geralmente, recolhe-se durante os primeiros tempos da gravidez, tornando-se mais caseiro e auto-absorto. Dessa maneira, os parceiros conseguem ir se reorganizando e suprindo suas necessidades físicas e emocionais. Conforme o casal vai realinhando suas antigas relações, é possível que os futuros pais comecem a se direcionar para aqueles amigos que possuem maior prática em gravidez e paternidade. Os amigos solteiros e aqueles que não têm filhos podem começar a ser evitados pelo temor de que possam despertar inveja.

O que se pode concluir, então, é que a chegada do primeiro filho se constitui tanto em promessa quanto em ameaça para o indivíduo e para o casal. Ela rompe o equilíbrio existente e propicia novas formas de adaptação que podem corresponder a estágios mais desenvolvidos e adequados no relacionamento do casal (Neder & Quayle, 1996). E todas as questões levantadas anteriormente, que se constituem no trabalho psicológico da gravidez, individual e do casal, correspondem às renegociações necessárias, durante o período gestacional, para que se construa um lugar para o filho que está por vir.

1.2.3. Adaptação após o nascimento do bebê

A preparação psicológica para o nascimento do bebê é um momento de extrema importância na transição para a parentalidade. No entanto, ela não termina com o parto, pois grande parte das mudanças maturacionais ocorrerá depois. Nesse sentido, segundo Maldonado (1997), o puerpério deve ser considerado como a continuação dessa situação de transformação que se iniciou na gravidez. Segundo a autora, esse período de transição implica novas mudanças fisiológicas na mulher, a consolidação da relação pais-filho e grandes modificações da rotina e do relacionamento familiar.

Para Winnicott (1957/1977), além de um momento de transformações, o nascimento de um bebê assinala um período de muita ansiedade frente à necessidade de se cuidar de um ser extremamente dependente. Contudo, ele afirma que os pais poderiam se tranquilizar se conseguissem perceber a capacidade vital do bebê:

“Em cada bebê há uma centelha vital, e seu ímpeto para a vida, para o crescimento e o desenvolvimento é uma parcela do próprio bebê, algo que é inato na criança e que é impelido para a frente de um modo que não temos como compreender.” (Winnicott, p.29)

Apesar da pouca compreensibilidade que possamos ter da capacidade vital de um bebê, conhecemos sua extrema dependência, e o quanto a assistência a um recém-nascido é uma tarefa absorvente e contínua. Proporcionar um ambiente acolhedor e ser capaz de conter e tolerar as contínuas mudanças de estado de um bebê fazem parte das tarefas parentais. Ao aceitar as expressões de hostilidade ou agressividade de forma carinhosa e tolerante, os pais do bebê permitem que ele gradualmente regularize os aspectos ambivalentes de seu conflito psíquico (Bowlby, 1979/1990).

Nesse sentido, aprender a lidar com um recém-nascido, conhecer sua individualidade, compreender sua extrema dependência e sensibilidade é coisa que exige tempo e energia por parte do casal, principalmente nesse período inicial de ajustamento ao bebê. Brazelton (1992/1994) destaca esse período como fundamental para a adaptação à nova condição de pais enquanto educadores adultos.

Inicialmente, após o parto, a estada no hospital facilita esse período de transição, na medida em que não altera dramaticamente a rotina de vida do casal. Ela permite a passagem da situação de ainda ter o bebê na barriga para a situação de voltar para casa com o bebê nos braços e ser responsável por ele. O hospital representa um local seguro, onde as dificuldades que surgem podem ser contornadas pelo pessoal especializado, e ir para casa pode representar a perda dessa proteção. Poder-se-á dizer que, simbolicamente, existem dois partos: um quando nasce o bebê, o outro no dia da alta, quando ele nasce para os pais (Maldonado, 1997).

Segundo Brazelton (1992/1994), a saída do hospital é vista por muitas mães com receio e ansiedade. E, para o casal, a saída do hospital é vista, então, como um misto de alívio e apreensão. Perde-se a segurança dos enfermeiros e dos médicos quanto aos cuidados do bebê, mas ganha-se em intimidade entre o casal e o relacionamento com o bebê. Nesse sentido, o alojamento conjunto tem permitido ao casal um período de aprendizagem supervisionada sobre o atendimento das necessidades do recém-nascido, facilitando a adaptação dos pais ao bebê, oferecendo orientação, ensinamentos práticos e estímulo à amamentação (Maldonado, Dickenstein & Nahoum, 1996).

Independentemente de quanto o casal se preocupe com o bebê, da experiência que os parceiros tiveram anteriormente como pais ou da facilidade que tenha caracterizado o parto e a hospitalização, a ida para casa sempre representa um obstáculo a ser transposto. As primeiras três semanas em casa tendem a ser um período problemático e que exige profundas mudanças no sentido da adaptação (Brazelton, 1992/1994). É muito importante que, nesse período, os

pais desenvolvam seus próprios esquemas de rotinas e horários. Cada família organiza sua própria rotina de troca de roupas do bebê, alimentação, horários de sono e lazer. Os pais precisam estabelecer as prioridades e determinar os momentos em que o bebê mais necessitará deles, assim como necessitam tomar várias decisões quanto aos cuidados do bebê.

Parte dessa reorganização se relaciona ao trabalho, e é especialmente delicada nos casos em que ambos os pais trabalham fora. As pressões que o trabalho exerce são importantes no período de adaptação. Nesse sentido, as redes de apoio vêm facilitar essa adaptação, pois a organização de esquemas de apoio poderá ajudar nos momentos de crise e auxiliar no ajustamento às novas responsabilidades para com a nova família (Brazelton, 1992/1994).

O período pós-parto tem repercussões significativas no relacionamento do casal, e grande parte dessa reorganização é facilitada quando o casal se estrutura numa relação igualitária, de cooperação e solidariedade, tendo o homem um papel fundamental, ao compartilhar com a mulher as tarefas de casa e os cuidados com o bebê (Maldonado, Dickenstein & Nahoum, 1996). Brazelton (1981/1988), também, salienta que as gerações atuais apresentam uma tendência a uma participação mais igualitária na criação dos filhos, destacando o papel do pai como facilitador nesse período de transição. Apesar dessas constatações, o que se observa, segundo Levy-Shiff (1996), é que, para acomodar as tarefas adicionais na família, que envolvem os cuidados com a criança, as divisões de papéis entre o casal tornam-se mais tradicionais, independentemente do status profissional da esposa, seu nível educacional, divisões de trabalho já estabelecidas pelo casal anteriormente ou suas ideologias sobre os papéis sexuais. A autora também relata que os padrões sócio-emocionais do casal se modificam, considerando-se as atividades em que o casal despense tempo junto, como atividades de lazer, atividades sexuais e a extensão em que os parceiros se comportam de maneira positiva frente ao outro. Esses padrões decrescem no período pós-natal. Em contrapartida, observa-se um aumento dos conflitos conjugais. Essas mudanças conjugais podem ser compreendidas como um processo subjacente ao ajustamento do casal, em geral, e à reorganização da vida após o nascimento do bebê, em particular, e estão relacionadas às características individuais dos parceiros, às características individuais da criança, da família e do contexto sócio-cultural em que essas relações se estabelecem.

A chegada de um novo ser produz efeitos palpáveis e perturbadores para um casal, para uma família. O que tinha sido antecipado durante a gravidez passa a ser realidade, sendo que o bebê, esse novo membro da família, mexe com a ordem até então estabelecida, e cada um é

levemente deslocado. Por exemplo, durante a gestação, cada parceiro tem uma idéia de como seu companheiro ou companheira deveria se comportar enquanto pai ou mãe. Como foi dito anteriormente, esses aspectos fazem parte dos elementos determinantes da escolha conjugal. Um homem escolhe determinada mulher porque vê nela uma boa mãe para seus filhos. Essa projeção fantasmática do outro, como pai ou como mãe, está relacionada aos modelos parentais que os parceiros possuem. Tal projeção, freqüentemente, não leva em conta o que o outro realmente é. Na medida em que o outro não possui necessariamente os mesmos modelos parentais, ou, ainda, não se projeta do mesmo modo em relação a eles, essa desigualdade é freqüentemente dolorosa quando nasce o filho. Nem sempre é fácil fazer o luto de um sonho para admitir a realidade e permitir ao parceiro o tempo necessário para encontrar o seu lugar, tal qual ele o concebe, dentro de um certo espaço de liberdade. Essas discrepâncias podem causar muito sofrimento e criar tensões e mal-entendidos entre o casal (Szejer & Stewart, 1994/1997).

Outro aspecto muito freqüente durante esse período de transição é a regressão do casal, em decorrência da amamentação do filho recém-nascido, o que origina uma série de conflitos inevitáveis no relacionamento (Szejer & Stewart, 1994/1997). Costa e Katz (1992) referem esse período como particularmente propício a regressões. Com efeito, até o início da amamentação, os seios da mulher eram uma fonte exclusiva de prazer erótico do marido. A partir do nascimento do bebê, eles passam a atender prioritariamente às necessidades de satisfação do recém-nascido. O marido, conseqüentemente, pode sentir-se inibido ao desejar tocar e colocar a boca nos seios da mulher. É como se ele estivesse se apoderando da principal fonte de prazer do filho e roubando o seu alimento. Podem surgir sentimentos de confusão, vergonha e culpa, levando o parceiro a se afastar. A mulher, por sua vez, poderá se identificar com o marido e também com o bebê, e, nesse sentido, desenvolver uma atitude correspondente, mantendo os seios encobertos durante as relações conjugais para proteger o precioso alimento do filho, ameaçado regressivamente pela competição e a voracidade infantil do marido. Outra possibilidade, considerando esse mesmo contexto, é a mulher sentir-se desvalorizada em sua feminilidade diante da atitude do marido de reduzi-la a uma restrita condição maternal, recusando-se a um contato mais íntimo com os seus seios. Assim como o marido, a mulher pode afastar-se, criando-se, assim, tensões e conflitos entre os cônjuges. Como resultado, o homem poderá sentir ódio do filho, diante da recusa da mulher em lhe oferecer os seios com o início da amamentação. Em contrapartida, a mulher, tendo reativado, pela atitude do homem,

seu natural conflito entre maternidade e feminilidade, poderá deixar de amamentar o filho com o objetivo de resgatar a feminilidade supostamente perdida e evitar os sentimentos de perda provocados pelo afastamento do marido. Na seqüência, os cônjuges podem encontrar na fantasia de um relacionamento com uma terceira pessoa o alívio da frustração vivenciada com a experiência da amamentação, o que pode levar a uma separação concreta do casal (Costa & Katz, 1992). Contudo, segundo Costa e Katz (1992), se os cônjuges puderem encarar de maneira realista esses sentimentos regressivos, considerando-os como um aspecto natural da identificação com o filho recém-nascido, a experiência da amamentação passará a integrar os aspectos mais maduros do casal e servir de base para um melhor relacionamento entre os cônjuges e destes com o filho.

Brazelton e Cramer (1990/1992) ressaltam, igualmente, a importância do relacionamento entre marido e mulher como auxiliar na adaptação da mulher na amamentação, destacando a importância da presença de um marido amoroso que auxilie a mulher a desenvolver sua função materna. O homem possuirá um papel determinante na medida em que puder suportar e conter as angústias de sua esposa, evitando que as interações da dupla mãe-bebê se envolvam em uma via mais patológica (Debray, 1987/1988; Winnicott, 1957/1977).

Szejer e Stewart (1957/1997) nos falam de outro aspecto no relacionamento conjugal que sofre modificações após o nascimento do filho e que é alvo de freqüentes queixas do casal: o interesse sexual pelo cônjuge. A psicanálise tenta explicar esse fato a partir da angústia que alguns indivíduos sentem diante da mudança de status com o nascimento do filho: a esposa torna-se mãe e o marido torna-se pai. Os cônjuges podem sofrer uma importante inibição sexual, cuja origem é o desejo de realização do incesto. O afastamento sexual pode ser iniciativa de um dos parceiros ou de ambos, estabelecendo-se um acordo inconsciente cujas racionalizações têm como tema central as necessidades e exigências do recém-nascido. Muitas vezes, esses indivíduos atribuem ao filho a causa dessa mudança, reforçando a hostilidade inconsciente contra o mesmo.

No entanto, segundo os autores citados, algumas mulheres não vêem nenhuma incompatibilidade entre sua função de mãe, esposa e mulher sedutora, conseguindo conciliar, sem dificuldades, esses papéis. Outras, pelo contrário, por motivos individuais, abandonam sua sexualidade, cumprindo sem dificuldades e plenamente seu papel de mãe. Determinante para esses comprometimentos é a forma como o casal se relaciona, assim como o comportamento

do homem, no sentido de que após o nascimento do filho alguns homens só conseguem ver na mulher a imagem de mãe, enquanto para outros a mulher se torna ainda mais sedutora.

Na primeira parte do trabalho, foi referido o desenvolvimento, a partir da gestação, da competição entre o casal, seja pelo afeto do filho, seja pelo afeto do outro parceiro, mas também em termos de valores e cultura associados aos laços familiares. Para Szejer e Stewart (1994/1997), por exemplo, o pai, após o nascimento do filho, pode sentir que o lugar que tem junto à sua companheira está ameaçado, particularmente nos casos, que são freqüentes, em que o marido a tem no lugar de mãe substituta. Brazelton (1981/1988), por sua vez, busca uma explicação na depressão pós-parto para compreender a competição entre os parceiros:

“Esta é uma parte normal da depressão normal após o parto e da adaptação à nova situação. O sentimento é irracional; ainda assim, não pode ser ignorado. Somente com o tempo e a experiência, os temores passarão. Enquanto isso, o fato de ela não confiar em si mesma torna-a incapaz de confiar no esposo. Seus sentimentos de competição pelo bebê começam a mostrar-se nesta espécie de sentimento acerca dele.” (p. 145).

Maldonado (1997) também exemplifica esse aspecto através do homem que teme ser deixado de lado com a chegada do bebê ao ver a mulher voltar-se internamente para ele. Por sua vez, a mulher pode temer ser menos querida que o filho, ter que dar de si mais do que receber, proteger mais do que ser protegida, cuidar mais do que ser cuidada. Dessa forma, o bebê passa a ser visto como um rival a competir pela partilha do amor.

Como pôde ser visto, a vinda de um bebê exige transformações importantes na dinâmica familiar. Esse terceiro membro, não importa o quanto tenha sido desejado, pode romper o equilíbrio às vezes precário e provisório do casal, fazendo reviver antigas experiências de separação, abandono ou rejeição. Contudo, embora esse processo de transição venha carregado de ansiedade e pareça assustador, ele pode possibilitar a ampliação da discriminação e da aceitação das diferenças, bem como a construção de um núcleo familiar e o fortalecimento do vínculo existente (Neder & Quayle, 1996).

1.3. Estudos Empíricos sobre a Transição para a Parentalidade

A transição para a parentalidade envolve uma profunda mudança desenvolvimental, com grandes implicações tanto para os pais, enquanto indivíduos, quanto para o casal, para o relacionamento pais-filhos e para o desenvolvimento infantil. Como todas as transições que

durante o curso do desenvolvimento correspondem a pontos nodais, a transição para a parentalidade freqüentemente vem acompanhada de um período de estresse e desorganização, tornando-se necessária uma nova integração, na medida em que o indivíduo e o casal se movimentam para um nível mais organizado de funcionamento adaptativo.

Considerando-se a importância desse período, as pesquisas sobre a transição para a parentalidade vêm se tornando progressivamente mais sistemáticas nos últimos anos. No entanto, a maior parte delas não se utiliza dos fundamentos psicanalíticos como base para seus estudos. Elas se caracterizam por serem pesquisas longitudinais, de caráter experimental, ou quase-experimental, em sua maioria, com amostras relativamente grandes, que se servem da análise estatística na busca da compreensão de seus dados - compreensão esta que não contém um entendimento teórico dos resultados obtidos.

Em pesquisa no banco de dados PsycInfo (1990-2000), encontramos um bom número de artigos relacionados ao tema deste trabalho. Foi encontrado apenas um estudo de caso, constituindo-se os demais em estudos empíricos, longitudinais ou transversais, que utilizavam, em sua maioria, questionários e escalas para acessar aspectos relacionais, de personalidade, temperamento infantil, etc., ao invés de entrevistas. Também foram utilizados, em um grau bem reduzido, testes projetivos e sessões de vídeo. As temáticas dos resumos acessados demonstram uma grande variabilidade das questões de pesquisa, com algumas repetições para o tema da concepção e características da transição para a idade adulta (Arnett, 1997; Belda, 1999; Peters, 1999). Transmissão transgeracional (Gordon, Chase-Landsdale, Matjaskoj & Brooks, 1997), competição e suporte familiares (Mills, 1997), efeitos do alcoolismo nas transições para o papel adulto (Chilcoat & Breslau, 1996), mudanças conjugais (Levy-Shiff, 1996), modelos parentais (Foss, 1996)⁴ e temperamento infantil (Boxer, 1996) são apenas alguns dos temas propostos nos trabalhos desenvolvidos atualmente. Alguns desses trabalhos serão detalhados posteriormente.

Embora os estudos empíricos tenham se multiplicado nas últimas três décadas, os estudos psicanalíticos ainda formam um pequeno corpo de conhecimento. A psicanálise já possui cem anos, e, como foi preconizado por Rayner (1975), ainda engatinha nos estudos do desenvolvimento do indivíduo após o período da adolescência. Blos (1971) colocava que, embora os estudos sobre o impacto dos pais sobre o psiquismo infantil fossem muitos, o

⁴ Dado extraído do resumo, demais artigos foram lidos na integralidade, com exceção das teses de doutorado.

reverso não era verdadeiro. Segundo Michels (1993), esse reducionismo pode ser entendido se pensarmos que, embora a psicanálise tenha se tornado um ramo da psicologia do desenvolvimento, ela tende a ver o mesmo como sinônimo dos primeiros anos de vida e a idade adulta como um subproduto desse desenvolvimento, mais do que uma fase desenvolvimental. Várias razões contribuem para que isso aconteça. Primeiro, o método psicanalítico enfatiza o impacto do passado no presente, e existem poucos dados baseados em estudos psicanalíticos de fases posteriores do desenvolvimento humano. Segundo, o interjogo do desenvolvimento biológico e psicológico é mais dramático na infância. Porém, esse ponto de vista vem sendo desafiado por estudos recentes sobre as funções cerebrais e os estudos clássicos sobre o impacto da maternidade e gravidez na vida mental. Como se pode ver, a psicanálise tem motivos para estudar o desenvolvimento adulto, sem ignorar sua existência ou confundi-lo com um desenvolvimento sócio-comportamental. No processo desenvolvimental adulto, a sexualidade não pode ser o centro do desenvolvimento, como ocorreu na infância. Com a maturação da função simbólica, a relativa importância da determinação orgânica na vida mental diminui frente ao desenvolvimento do papel sexual. O desenvolvimento psicológico adulto resultaria primariamente da interação de estruturas mentais com a experiência, integradas em uma forma simbólica. Para o adulto, existe uma maior variabilidade individual e inconsistência do que ocorria no desenvolvimento infantil, calcado na maturação biológica. Os profissionais da área clínica perceberam que o adulto pode ser melhor compreendido se considerarmos e reconhecermos uma organização temporal de desenvolvimento. Os grandes temas relacionados ao desenvolvimento adulto são os relacionados ao trabalho, ao sexo, à parentalidade e ao envelhecimento (Michels, 1993).

Considerando as investigações psicanalíticas, percebemos que a maioria dos trabalhos são estudos clínicos que buscam esclarecer sobre aspectos teóricos desse período de transição para a parentalidade. As teorizações foram citadas no corpo teórico desse trabalho. Entretanto, um estudo longitudinal foi desenvolvido por Fries (1977), utilizando os dados do acompanhamento clínico a uma paciente. Esse acompanhamento teve início durante o período pré-natal e prolongou-se até os 23 anos da paciente, quando esta ingressava na parentalidade. A autora procurou investigar o efeito do ambiente sobre o desenvolvimento infantil e suas repercussões na posterior parentalidade do sujeito. Outros três pacientes foram igualmente acompanhados, mas o estudo restringiu-se especificamente a um paciente do sexo feminino, Mary. Foi avaliada a reatividade sensorio-motora dos neonatos, além do estudo do período

neonatal e do ambiente familiar, considerado psicológica e socialmente. Através de diferentes aspectos estudados foi possível fazer algumas previsões sobre o desenvolvimento futuro da paciente: por exemplo, após o nascimento do bebê Mary, sua mãe não conseguia estabelecer um contato com a filha. Paralelamente, sua avó rejeitava sua mãe por ter dado a luz a uma menina. Somente com o restabelecimento do relacionamento entre a avó e a mãe do bebê é que a mãe de Mary conseguiu envolver-se com seu bebê. O estudo conclui assinalando o aspecto preventivo do acompanhamento realizado.

Dois pesquisadores dessa área, Osofsky e Culp (1993), fizeram uma abrangente revisão, inclusive histórica, dos estudos sobre esta temática. Segundo eles, os estudos mais antigos, datados da década de 50 e início de 60, eram baseados em avaliações clínicas de aspectos intrapsíquicos e necessidades da mulher grávida, seu marido e o casal. Alguns desses trabalhos, citados anteriormente na revisão teórica, eram ricos em insights, porém pobres na generalização dos achados, e, muitas vezes, utilizavam uma amostra pequena e atípica, uma vez que se referiam a pacientes em psicoterapia.

Outros estudos, realizados no início da década de 70 e meados da década de 80, investigavam casais em diferentes estágios da vida familiar, buscando determinar as mudanças na satisfação conjugal durante os primeiros quinze anos do casamento. A maioria desses estudos indicava um declínio na satisfação conjugal e na qualidade do casamento. Contudo, grande parte deles focava as mudanças que ocorriam nos primeiros anos de vida da criança.

Para Osofsky e Culp (1993), os estudos recentes, em geral, apontam uma necessidade de se estudar a transição para a parentalidade como uma transição de vida que deve ser compreendida através de uma perspectiva mais abrangente, por exemplo, realizando-se estudos longitudinais sobre a transição para a parentalidade do primeiro filho e estudos empíricos, focalizando os relacionamentos familiares.

Considerando, então, a transição para a parentalidade como parte de um desenvolvimento relacional mais amplo, envolvendo a dinâmica familiar e fatores ambientais, outras linhas de pesquisa têm surgido. Na medida em que se considera a transição para a parentalidade como parte de um sistema inter-relacionado de fatores e eventos, os estudos que têm como objetivo atingir um entendimento mais profundo e compreensivo vêm destacando a importância de fatores tais como características individuais, temperamento infantil, qualidade do relacionamento do casal, interações da díade homem-mulher e discrepâncias entre as

expectativas do período pré-natal e a realidade do pós-parto (Osofsky & Culp, 1993). Alguns exemplos de estudos não psicanalíticos mais recentes serão apresentados a seguir.

Hooker, Fiese, Jenkins, Morfei e Schwagler (1996) trabalharam o impacto potencial da parentalidade sobre o desenvolvimento do self adulto em uma população de 113 casais recrutados através de jornais, consultórios pediátricos e a Liga LeLeche. Esses casais haviam tido seus primeiros filhos, que se encontravam na idade de 12 meses ou menos, durante a coleta no grupo de pais-bebês, e 24 a 36 meses, no grupo pais-pré-escolares. Primeiramente, foi enviado um pacote de questionários e os casais foram instruídos a preenchê-los separadamente. Na etapa seguinte, foram realizadas entrevistas na residência dos casais. Ao final da entrevista, os questionários eram recolhidos. As autoras trabalhavam com o construto de *possible selves*,⁵ considerados como cenários imaginados pelos pais para o *self* no futuro, incluindo tanto os *selves* que eles gostariam de se tornar (*hoped-for selves*) quanto aqueles em que eles teriam medo de se transformar (*feared selves*). Análise Qui-quadrado demonstrou que a parentalidade está fortemente representada nos *selves* dos jovens adultos, embora se encontre alguma diferença de gênero e de grupo. Pais de bebês têm maior probabilidade de possuir um *self* que eles gostariam de ter do que pais de pré-escolares, que, por sua vez, apresentam mais *selves* do tipo em que eles não gostariam de se transformar. As mães tanto de bebês quanto de pré-escolares apresentam mais *feared selves* do que os pais.

O estudo da caracterização da fase adulta é um tema recorrente nos estudos levantados através do PsycInfo. Por exemplo, a dissertação de Belda (1999) examinou a interação entre a cultura coletivista de origem e a cultura individualista de residência em jovens hispano-americanos através do uso de modelos em transformação. Como foi predito, estar empregado e viver independentemente foram altamente destacados como características da idade adulta. Por outro lado, estar casado e ter filhos era considerado como uma característica apenas quando a etnicidade estava sendo tomada em consideração. Um estudo semelhante foi desenvolvido por Peters (1999) com 63 adolescentes afro-americanos, cuja média de idade era 19,41 anos. A análise estatística sugeriu que os adolescentes não possuem os modelos tradicionais relacionados à idade adulta. Essa pesquisa também sugeriu que esses modelos não tradicionais são influenciados pelas duas culturas nas quais esses adolescentes estão inseridos, a cultura de residência e a cultura de origem. A concepção da transição para a idade adulta também foi

⁵ Optou-se pela manutenção da grafia em inglês.

examinada por Arnett (1997) em dois estudos realizados com 346 estudantes universitários na faixa etária de 18-23 anos e 21-28 anos. Os participantes indicaram as características importantes em uma pessoa adulta através do preenchimento de um questionário contendo 40 possíveis critérios de avaliação. Em ambos os estudos, o principal critério enfatizava aspectos de individualismo, incluindo aceitar a responsabilidade pelas conseqüências de seus atos, decidir de acordo com seus valores e crenças, independentemente de influências parentais ou de outras pessoas, e estabelecer um relacionamento com os pais de igual para igual. Por outro lado, os papéis associados com a transição para a idade adulta, como terminar a faculdade, ingressar no mercado de trabalho, casar e ter filhos foram rejeitados como critérios para a idade adulta pela maioria dos estudantes dos dois grupos.

A paternidade foi estudada por Zaap (1998) em sua dissertação. Baseada nos pressupostos desenvolvimentais de Erikson, ela trabalhou com quatro pais que haviam tido seu primeiro filho. Os pais mais jovens estavam com 29 anos e os dois mais velhos com 38 e 42 anos de idade. A autora aplicou testes projetivos e questionários e realizou uma entrevista semi-estruturada. Os resultados sugeriram que os pais mais velhos experienciaram a transição para a paternidade mais facilmente do que os pais mais jovens. Estes demonstram mais estresse ao tentar coordenar trabalho e responsabilidades de casa do que os pais mais velhos, que aparentam ter um maior nível de maturidade. Os pais mais jovens verbalizam mais sobre o fato de terem sacrificado suas atividades de lazer, enquanto os pais mais velhos pensam sobre sua própria saúde no futuro que está por vir. Esse estudo também sugeriu que a mãe possui um papel importante no engajamento do pai com o bebê. Quanto mais envolvido o pai, mais ele tende a assumir sua responsabilidade.

Considerando a perspectiva da interdependência e a feminilização do amor, Johnson e Huston (1998) demonstraram a evidência de que o amor das esposas por seus maridos motivou-as a aliar suas preferências referentes à divisão dos cuidados com a criança com as de sua esposa durante a transição para a parentalidade. Os autores estudaram 69 casais dois meses após o casamento e dois anos após o nascimento do primeiro filho. Os resultados obtidos pela regressão linear hierárquica demonstraram que as preferências dos maridos recém-casados predisseram mudanças nas preferências de suas esposas, e que a influência das preferências do marido dependia do nível de amor de sua esposa.

Outro estudo avaliou a influência do choro e do sexo do bebê sobre a percepção que os pais teriam da criança e sobre sua própria auto-imagem durante a transição para a

parentalidade. Teichner, Ames e Kerig (1997) estudaram 100 díades mãe-pai, cujo primeiro filho estava com 4 meses de idade (53 meninos e 47 meninas). As díades foram avaliadas quanto à percepção que tinham de seus filhos e de si mesmos enquanto pais. Os resultados demonstraram que tanto mães quanto pais tendem a ver mais negativamente o choro da menina do que o do menino. Quando o choro dos bebês tornava-se mais forte, as mães de meninos tendiam a ver seus filhos como mais fortes e vigorosos, contrariamente, as mães de meninas tendiam a percebê-las como mais fracas. O choro da menina correlacionava-se negativamente com a percepção da mãe sobre ela mesma enquanto mãe. A mesma relação não apareceu com mães de meninos. Resumindo, o choro e o sexo do bebê são fatores importantes que afetam a percepção parental da criança e dos cônjuges enquanto pais. Além disso, esses processos são diferentes para mães e pais.

A transição para a parentalidade modifica a estrutura familiar desde a gravidez e traz à cena o tema da dinâmica familiar. Para descrever essa dinâmica, Hakulinen, Paunonen, White e Wilson (1997) estudaram 136 mães e 131 pais durante o terceiro trimestre de gestação da mulher. Mães e pais preencheram uma escala e demonstraram diferenças em 4 das 6 dimensões da dinâmica familiar. A comunicação aberta foi percebida pelas mulheres de alto nível social. Pais e mães de segundo filho perceberam um maior isolamento e conflito de papéis do que os pais e mães de primeiro filho.

Para estudar a parentalidade enquanto geradora do desenvolvimento adulto, Palkovitz (1996) sintetizou evidências empíricas e teóricas da perspectiva sistêmica e de ciclo-vital, no sentido de buscar uma compreensão maior entre a parentalidade e o desenvolvimento adulto.

Com o objetivo de estudar o estilo defensivo e o ajustamento nos relacionamentos interpessoais durante a transição para a parentalidade, Ungerer, Waters, Barnett e Dolby (1997) elaboraram um estudo do qual participaram 157 casais que estavam esperando seu primeiro filho. Um questionário foi administrado no segundo trimestre de gravidez, e a satisfação com o relacionamento foi acessada 4 e 8 meses após o nascimento do bebê. O preditor mais forte de satisfação no relacionamento, encontrado tanto para as mães quanto para os pais, foi a satisfação prévia com o relacionamento. O estilo defensivo contribui significativamente para a predição da satisfação do relacionamento em ambas coletas do pós-parto.

Outra pesquisa desenvolvida na área da transição para a parentalidade corresponde aos estudos que enfocam o relacionamento conjugal. Por exemplo, foi desenvolvido por Hackel e

Ruble (1992) um estudo que investigou como a não-confirmação das expectativas relacionadas com os cuidados do bebê e responsabilidades no serviço doméstico influenciam a satisfação conjugal após o nascimento do primeiro filho. Hackel e Ruble (1992) estudaram 50 casais durante a transição para a primeira parentalidade, recrutados em classes de curso pré-natal. Foi utilizada como instrumento uma bateria de questionários enviados pelo correio ou pessoalmente durante o segundo ou terceiro trimestre da gestação e após 4 meses de vida do bebê. Esta bateria de questionários verificava o nível de satisfação conjugal, a intimidade sexual e emocional, os conflitos, a divisão de trabalho ou tarefas e experiências atuais positivas ou negativas. As respostas foram igualmente enviadas pelo correio. Uma amostra de casais sem filhos e que planejavam ter seu primeiro filho nos próximos anos foi incluída nesse estudo para uma melhor interpretação das mudanças nos aspectos positivos e negativos do casamento na amostra do estudo longitudinal. Os achados, submetidos a uma análise de multivariância, indicaram que uma forte não-confirmação de expectativas importantes originou respostas mais negativas sobre o casamento. No entanto, em algumas mulheres encontrou-se o oposto, menos sentimentos negativos, quando elas faziam mais do que o esperado. Esses dados foram interpretados em função da personalidade e do papel tradicional da mulher que influenciaria suas reações frente à não-confirmação de expectativas importantes. Nicolson (1990) já havia desenvolvido um estudo-piloto considerando a questão das expectativas. Diferentemente do trabalho anterior, ele centrou-se nas expectativas femininas sobre o comportamento de seus parceiros durante a transição para a parentalidade. A amostra constituía-se de 24 mulheres casadas, com idade entre 21 e 41 anos, que foram entrevistadas durante a gravidez e um mês, três meses e seis meses após o parto. Através de uma entrevista semi-estruturada, essas mulheres relataram que, durante o primeiro mês do bebê, suas expectativas sobre o funcionamento de seus maridos enquanto pais foram, em sua maioria, completamente preenchidas. No entanto, a partir do terceiro mês de seus bebês, elas relataram dificuldades no seu relacionamento conjugal, relacionadas à percepção do marido como pouco participativo enquanto pai e destrutivo no relacionamento do casal. O estudo destaca a necessidade de que se aprofundem as investigações nesse campo.

Outros dois autores americanos, Crawford e Huston (1999), concordam com as pesquisadoras Hackel e Hubleno que tange à necessidade de se incluírem casais sem filhos nos trabalhos sobre a parentalidade. Desta forma, segundo Crawford e Huston (1999), comparando-se casais com filhos com casais sem filhos será possível estabelecer o que

realmente é característico desse momento ou é relacionado ao próprio curso do relacionamento conjugal. Esses autores desenvolveram um estudo longitudinal com o objetivo de avaliar o impacto da transição para a parentalidade sobre o relacionamento conjugal. A amostra constituiu-se de 69 casais recém-casados. Ao longo de dois anos, 23 casais tornaram-se pais. Foram realizadas entrevistas face a face com os recém-casados, e, posteriormente, foram feitas entrevistas pelo telefone. Através da análise de variância, encontrou-se que não há diferenças entre casais com filhos e casais sem filhos, no que se refere à quantidade de tempo gasto em atividades de lazer de que ambos os cônjuges gostem. No entanto, encontrou-se que: primeiro, a parentalidade reduz a quantidade de tempo que os novos pais se dedicam a atividades solitárias; segundo, a parentalidade aumenta a quantidade de tempo que os casais dedicam a atividades de que as esposas gostam, mas não os maridos; terceiro, a parentalidade reduz a quantidade de tempo que as esposas dedicam a atividades de que elas não gostam, mas que seus maridos apreciam.

As novas pesquisas sobre a transição para a parentalidade têm considerado os trabalhos teóricos e empíricos sobre a formação de relacionamentos, da teoria sistêmica. Essa abordagem proporciona um contexto ampliado para a compreensão desse período enquanto criação de um novo sistema além dos binômios marido-esposa, mãe-pai ou pais-filhos, um sistema que compreende a família como um todo.

Esses trabalhos destacam que o desenvolvimento conjugal e os relacionamentos da família dependem da personalidade individual, bem como de fatores biológicos e culturais (Hinde & Hinde, citados por Osofsky & Culp, 1993). Por exemplo, quando um bebê nasce, o sistema de relacionamentos estabelecido é abalado e modificado, resultando em uma nova forma de relacionamento. Os modelos de antigos relacionamentos são revividos e revistos. A criança adquire um largo repertório de memórias internalizadas, abstrações de memórias e modelos, os quais levam à estabilidade no relacionamento com os pais. Contudo, é importante reconhecer que a reemergência, nos pais, de antigos sentimentos e maneiras de se relacionar de seus modelos parentais pode ajudá-los na emergência de uma nova forma de se relacionar e, em outros casos, interferir na sua habilidade de lidar com essa transição de forma positiva (Osofsky & Culp, 1993).

A partir desta visão, também estão sendo desenvolvidos estudos que buscam compreender, retrospectivamente, experiências dos pais na família de origem que podem prever mudanças no relacionamento conjugal. Foi realizado um estudo longitudinal por

Belsky e Isabella (1985), com o objetivo de explorar a relação entre as experiências na família de origem e as mudanças no casamento após o nascimento de um filho. Os dados foram coletados a partir de um estudo maior sobre o desenvolvimento infantil e da família. Foram feitas coletas em diferentes momentos, iniciando no último trimestre de gestação e continuando durante o primeiro ano de vida da criança. A análise de regressão múltipla revelou que a narrativa de como os pais da criança foram criados na família de origem e como seus pais se relacionavam prediziam mudanças no casamento a partir do último trimestre de gravidez até o momento em que o bebê estava com 9 meses.

Dentro do projeto mais extenso desenvolvido por Belsky e colaboradores, denominado *The Pennsylvania Infant and Family Development Project*, foi realizado um estudo sobre estabilidade e mudanças na interação mãe-bebê e pai-bebê no *setting* familiar durante o primeiro, o terceiro e o nono mês de vida do bebê (Belsky, Gilstrap & Rovine, 1984). Este estudo longitudinal buscou estabelecer relações entre casamento, parentalidade e comportamento infantil. Os dados obtidos através de entrevistas individuais e conjuntas do casal foram submetidos a uma análise de variância. Associando casamento e parentalidade, foram encontrados que altos níveis de envolvimento paterno com o bebê estão positivamente relacionados com alto nível de interação conjugal. Em contraste, um alto nível de interação conjugal está significativamente associado com um baixo nível de envolvimento materno com o bebê, quando ele se encontra com um mês de vida; no entanto, quando o bebê está com 3 e 9 meses, a associação entre alto investimento no relacionamento conjugal e baixo envolvimento materno com o bebê não é significativa.

Belsky (1981) destacou a importância de se estudar o relacionamento conjugal e suas influências no desenvolvimento infantil e vice-versa, assim como destacou vários pontos como determinantes da parentalidade: características individuais dos pais, características da criança, fontes de estresse e fontes de suporte no contexto em que se desenvolvem os relacionamentos da família (Belsky, 1984). Esse destaque originou outros estudos que trabalham com características individuais, tanto dos pais quanto da criança, assim como suporte social.

Por exemplo, Levy-Shiff (1996) desenvolveu um estudo com o objetivo de investigar os antecedentes pré-natais e pós-parto relacionados com mudanças no ajustamento conjugal e satisfação em homens e mulheres durante a transição para a parentalidade. Foi realizado um estudo longitudinal com 102 casais, da gestação até 9 meses do pós-parto. O foco deste trabalho estava no exame dos fatores individuais e contextuais, incluindo suporte social, que

exacerbam ou moderam o declínio conjugal. Foi encontrado que o declínio no ajustamento conjugal está presente tanto em homens quanto mulheres, porém nas últimas é mais acentuado. No entanto, a mais consistente variável encontrada como preditora do declínio conjugal para ambos os parceiros foi o envolvimento paterno com o bebê. Um alto nível de envolvimento paterno nos cuidados do bebê, constituindo nesse sentido um suporte social, está associado com um declínio mais limitado da satisfação conjugal.

Osofsky e Culp (1993) destacam a importância dos estudos de casais de alto e baixo risco com o objetivo de determinar os fatores facilitadores para o relacionamento conjugal nesse período de transição. Considerando esse aspecto, Osofsky e Culp (1993) desenvolveram um estudo longitudinal da transição para a parentalidade, delineado para aprender mais sobre os processos normativos e os fatores de risco para pais e filhos na transição para a parentalidade. Foram estudados 107 casais que esperavam seu primeiro filho e que recebiam cuidados pré-natais no centro de Ciências da Saúde da Universidade do Kansas. Eles foram entrevistados durante as visitas obstétricas. Caso o marido não comparecesse, os questionários eram enviados por correio. Os casais eram entrevistados individualmente também no período do pós-parto aos 3, 6 e 13 meses de vida do bebê, em uma sessão de laboratório. No estudo foi utilizada uma bateria de questionários que media níveis individuais de depressão, auto-estima, apoio familiar e social e outros que acessavam o relacionamento conjugal e o estilo de interação. Foram encontradas diferenças significativas nas mães, considerando os seis aspectos medidos durante os períodos de pré-natal e três meses do pós-parto. As mulheres, por exemplo, encontravam-se menos deprimidas aos três meses do pós-parto do que no período pré-natal, porém menos satisfeitas em seus relacionamentos conjugais. Não foram encontradas diferenças significativas para os homens nesse período. Foram encontradas também diferenças significativas na auto-estima das mulheres, comparando-se o período pré-natal e o pós-parto, sendo que elas apresentavam uma auto-estima mais elevada durante a gestação. Não foram encontradas diferenças significativas nos pais durante esse período.

Cox, Owen, Lewis e Henderson (1989), preocupados com o pouco controle das variáveis relacionadas ao casamento e funcionamento parental e à interação entre esses dois aspectos, desenvolveram um estudo longitudinal que buscava compreender o impacto do casamento dos pais, medido pré-natalmente, em seu funcionamento enquanto pais após o nascimento do primeiro filho, medido aos três meses do pós-parto. Foram entrevistados 38 casais brancos durante o segundo trimestre de gestação e o terceiro mês do período do pós-

parto. A primeira etapa era feita na residência dos futuros pais e a segunda etapa na residência e no laboratório. Através de uma análise de múltipla regressão, as autoras encontraram que, mesmo considerando-se as diferenças individuais de ajustamentos psicológicos, as mães eram mais confortadoras e mais sensíveis com seus filhos e os pais tinham atitudes mais positivas direcionadas aos bebês e ao seu papel enquanto pais quando o casal possuía um relacionamento próximo e de confiança mútua.

Tomlinson e Irwin (1993) também desenvolveram um estudo de casos múltiplos sobre a adaptação familiar durante quatro anos após o nascimento do primeiro filho. Os dados foram coletados com 16 mães primíparas durante o segundo trimestre de gravidez, aos quatro meses, doze meses e aos quatro anos após o nascimento do bebê. Foi utilizada uma entrevista semi-estruturada com o objetivo de verificar a percepção da mulher com relação à adaptação conjugal e ao papel da reorganização familiar, seguindo o método do estudo de casos múltiplos. Foram encontrados relatos de estresse conjugal e desorganização familiar relacionados, em parte, com esse período de transição para a parentalidade. Para alguns dos participantes, o uso de substâncias psicoativas e estresse sócio-econômico também estavam associados a esses resultados.

Outro estudo, desenvolvido por Frosh, Mangeldorf e McHale (1998), procurou trabalhar com a dinâmica interpessoal dos comportamentos conjugais durante os primeiros meses do nascimento de um filho, considerando fatores como história do relacionamento conjugal, personalidade, auto-estima, e ajustamento conjugal. O destaque desse estudo se encontra na contribuição metodológica das autoras, que utilizaram videotapes com o objetivo de estudar a interação do casal, uma vez que a maioria dos trabalhos desenvolvidos lida essencialmente com entrevistas e questionários. Foram estudados 104 casais de classe média e seus filhos, recrutados a partir de anúncios de nascimento em jornais. As famílias eram contatadas por telefone. Aos casais que aceitavam participar, era enviado um pacote de questionários (auto-estima, personalidade, ajustamento conjugal, por exemplo), respondido individualmente pela mulher e pelo homem. Uma semana após, as famílias eram visitadas em casa por, aproximadamente, uma hora e meia, na qual eram filmadas várias situações semi-estruturadas, por exemplo, uma discussão do casal sobre a responsabilidade dos cuidados do bebê. Utilizando a análise estatística correlacional, esse estudo transversal encontrou que, quanto maior o ajustamento conjugal exibido, mais positivo e menos negativo é o engajamento do casal na discussão proposta e maior a harmonia durante os jogos familiares propostos.

Casais mais velhos demonstraram um engajamento menos positivo durante a discussão do que os casais mais jovens. Durante os jogos propostos, uma hostilidade maior foi observada em mulheres que relataram histórias menos positivas de relacionamento e uma afetividade mais negativa.

Embora os pesquisadores desta área pressuponham que as grandes mudanças que acompanham a parentalidade e o estresse que significa incluir uma criança no relacionamento do casal desgastam o casamento, dificultando a manutenção do nível de satisfação conjugal, recentemente uma linha de pesquisa tem buscado examinar essa questão mais de perto. Huston e Vangelisti (1995) destacam essa área de pesquisa e sua importância na medida em que o nascimento de um filho tem enriquecido alguns casamentos, minado outros e ainda apresentado muito pouca influência sobre outros.

Osofsky e Culp (1993) também colocam que se deve considerar a importância de se estudar não somente os aspectos que se modificam nesse período, mas aqueles que se mantêm estáveis durante a transição para a parentalidade, assim como o que leva à manutenção dessa estabilidade.

Os estudos sobre a transição para a parentalidade e as subseqüentes mudanças nos relacionamentos que têm lugar durante essa fase estão começando a ser compreendidos em profundidade. Os modelos desenvolvimentais têm sido aplicados nessa área, promovendo uma maior compreensão desse período de transição, especialmente os desenvolvidos pela teoria sistêmica nos últimos anos. Mas ainda existem muitas questões a serem estudadas e clarificadas nessa área de estudo.

1.4. Questões de Pesquisa

A transição para a parentalidade tem demonstrado, nas últimas três décadas, ser um campo recente do conhecimento, com inúmeras possibilidades de aprofundamento ainda hoje. A maioria dos trabalhos nessa área reflete uma orientação mais sistêmica do que qualquer outro aporte teórico. A psicanálise, por exemplo, tem refletido muito pouco sobre a influência do filho sobre o psiquismo adulto (Blos, 1971).

No entanto, poderíamos considerar algumas das diferenças entre os trabalhos baseados na teoria sistêmica e os estudos desenvolvidos segundo uma perspectiva psicanalítica. Primeiramente, observa-se um crescente aumento do número de artigos publicados cuja

orientação teórica se baseia na teoria familiar sistêmica. Nesses últimos anos, boa parte da produção científica nessa área do conhecimento se concentra sob essa orientação. Por outro lado, os trabalhos de orientação mais analítica são em número reduzido e as publicações muito esparsas. Contudo, um campo nascente e recente da psicanálise tem abordado questões relacionadas ao momento inicial da parentalidade: a psicoterapia pais-bebês (Szejer, 1999; Stern, 1997; Bydlowsky, 2000a).

Outro aspecto a ser destacado é que os estudos empíricos desenvolvidos, considerando os pressupostos sistêmicos, são, em sua maioria, quantitativos. Alguns exemplos de pesquisas realizadas nessa área foram descritas anteriormente. Esses trabalhos utilizam recursos estatísticos na análise dos dados e apresentam uma compreensão tangencial sobre as questões da parentalidade. Eles são ricos no estabelecimento de correlações entre os aspectos importantes que sofrem mudanças nesse período de transição, mas não oferecem uma compreensão teórica sobre o que possa estar subjacente a essas mudanças. Por exemplo, na maior parte dos trabalhos, encontra-se que a parentalidade é um período de conflito entre o casal, mas nem sempre esse conflito pode ser atribuído diretamente à parentalidade, mas sim a questões pendentes, tanto da história passada do casal quanto das histórias de cada membro da díade conjugal.

O terceiro aspecto é a questão da parentalidade enquanto uma transição ou um momento de crise do casal. A teoria sistêmica entende a transição para a parentalidade enquanto momento de crise normal do ciclo de vida familiar. O acréscimo de um novo membro na família, no caso um filho, desencadearia uma perturbação na organização familiar, causando um estresse significativamente intenso. Seria necessário um período de ajustamentos que possibilitaria à família seguir em frente nos próximos estágios do ciclo de vida familiar (Carter & McGoldrick, 1989/1995). Apesar de Huston e Vangelisti (1995) mostrarem uma nova direção para as pesquisas sobre a transição para a parentalidade, a maior parte dos estudos ainda compreende essa transição como um momento de estresse e conflito conjugal, marcado pela insatisfação. Por outro lado, a parentalidade é vista pelos psicanalistas como uma fase de desenvolvimento posterior às fases psicosexuais trabalhadas por Freud. A parentalidade promove uma maior integração e amadurecimento do ego, levando o indivíduo a inscrever-se na idade adulta, direcionando seu narcisismo para a preservação de uma obra durável, o filho, cuja responsabilidade de criar e educar é basicamente dos pais. É nesse momento que o desejo sexual ganha um sentido que está ligado à necessidade de continuidade social. Continuidade no

sentido da descendência de duas linhagens que se uniram para formar uma outra, e continuidade de uma obra social que se expressa no filho (Dolto, 1994/1999).

Foi procurando dar continuidade aos estudos cujo referencial teórico é psicanalítico que esta dissertação se constituiu. O principal tema a ser considerado foram os aspectos desenvolvimentais da transição para a parentalidade, as transformações decorrentes do nascimento do primeiro filho. Essa passagem possui três momentos. O primeiro constitui-se nos processos de individuação que ocorrem em um período anterior à gestação. O segundo refere-se ao período de preparação psicológica que antecede o parto, no qual o casal e os indivíduos separadamente começam a construir um lugar para o bebê que está por vir. No terceiro momento, o casal se confrontará com a concretude do bebê, e essa preparação psicológica se transforma em adaptação real. É uma fase de ajustamentos, na qual podem aparecer movimentos de progressão e regressão, tanto no relacionamento do casal quanto nos indivíduos.

Nesse sentido, procurando contribuir para as investigações nesse campo, foi desenvolvido um estudo longitudinal, de natureza qualitativa, no qual se trabalhou com casais que esperavam seu primeiro filho. O trabalho orientou-se no sentido de procurar responder à seguinte questão: Como se dá a transição do casal para a parentalidade, considerando três momentos principais, um período anterior à gestação, a gravidez propriamente dita e o período do pós-parto?

Os objetivos desta dissertação podem ser, assim, sintetizados em três eixos centrais:

1. Primeiramente, investigar aspectos relacionados ao desenvolvimento adulto no período anterior à gestação, verificando dados relacionados à história do casal;
2. Em segundo lugar, durante o período gestacional, verificar se o casal conseguiu elaborar um lugar para o bebê que está para nascer, identificando as mudanças que possam estar ocorrendo nesse período, tanto na esfera individual quanto conjugal;
3. Por último, compreender o período de adaptação ao nascimento do bebê, o estabelecimento ou não dos novos papéis de pai e mãe, verificando novamente questões referentes a modificações pessoais e conjugais que possam demarcar e caracterizar o desenvolvimento adulto referente à transição para a parentalidade.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1. Participantes

A amostra de conveniência é formada por seis casais adultos que, no início do trabalho, esperavam seu primeiro filho. Esses casais fazem parte de um estudo longitudinal realizado pelo Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS (1999)⁶, que acompanha 80 casais da gestação ao segundo ano de vida da criança, envolvendo diferentes configurações familiares, idades e níveis sócio-econômicos. Cada pesquisador acompanhou um grupo de casais em diferentes momentos do desenvolvimento do bebê. Dos seis casais presentes neste estudo, cinco foram acompanhados pela autora. O casal Muriel e Ildo foi acompanhado por outra pesquisadora do GIDEP, seguindo o mesmo procedimento de coleta de dados.

Os seis casais apresentados a seguir foram recrutados em cursos de gestantes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e Hospital Fêmeina ou por indicação de terceiros. Os critérios para a aceitação dos participantes deste estudo foram idade igual ou superior a 20 anos, gestante e feto gozando de boa saúde, e casais vivendo e morando juntos em Porto Alegre ou Grande Porto Alegre.

Ane e Aldo foram recrutados no Hospital Fêmeina de Porto Alegre. Eram casados, ela tinha 21 anos e ele 25 anos quando iniciamos o trabalho. Ane ingressara na Universidade, mas interrompera os estudos. Aldo era universitário e estava terminando seu curso. Ambos trabalhavam em uma loja. **Thanise e Francisco** ingressaram no estudo por indicação de uma pesquisadora do GIDEP. Eles também eram casados, ela tinha 26 anos e ele 31 na primeira fase do trabalho. Ambos eram profissionais liberais. **Fernanda e Maurício** ingressaram no trabalho através dos grupos de gestantes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Conviviam na mesma casa, ela tinha 20 anos e ele 25. Ambos tinham terminado o segundo grau, mas somente ele trabalhava como vendedor de uma multinacional. **Lisiane e Adriano** eram casados, ela tinha 25

⁶ O projeto desenvolvido pelo GIDEP estuda os aspectos subjetivos e comportamentais da interação pais/bebê.

anos e ele 29. Ambos eram funcionários públicos e graduados, apenas ele era pós-graduado. **Muriel e Ildo** foram recrutados no Hospital de Clínicas. Ela tinha 28 anos, interrompera sua graduação com a gravidez e trabalhava como secretária. Ele, 30, era graduado e trabalhava como professor. **Luciana e Fabiano** eram casados, ela tinha 25 anos e ele 40. Luciana era estudante do último ano de graduação e Fabiano era profissional liberal da mesma área de sua esposa e pós-graduado. Somente ele trabalhava.⁷

2.2. Delineamento e procedimentos

Esta dissertação é um estudo longitudinal de natureza qualitativa, realizado em duas etapas: a primeira no último trimestre de gravidez da gestante e a segunda aos 3 meses do bebê. Segundo Stake (1994), quando o estudo de caso é usado para oferecer compreensão sobre um problema, é denominado estudo de caso instrumental. Esta pesquisa insere-se nesse tipo de estudo de caso na medida em que seu objeto de estudo não são os casos em si, mas sim o que eles contribuem para a compreensão do tema de pesquisa, a transição para a parentalidade.

Os procedimentos foram os mesmos para todos os casais. Examinando a formação da amostra, podemos dizer que, excetuando as gestantes indicadas por terceiros (2), as demais participantes deste estudo foram contatadas diretamente nos hospitais pela pesquisadora (4). Nos hospitais, a pesquisa foi explicada, em termos gerais, às participantes quando elas estavam fazendo o curso para gestantes. Aquelas que se interessavam em participar preenchiam uma ficha de contato inicial, que incluía um telefone para o agendamento das entrevistas. Aquelas que preenchiam os critérios para a inclusão na amostra eram contatadas novamente para que se tomasse conhecimento da aceitação do marido ou companheiro, e se esclarecesse o processo de trabalho a ser desenvolvido. Para as gestantes indicadas por terceiros, o preenchimento da ficha de contato inicial dava-se por telefone, assim como o detalhamento da pesquisa. Com o preenchimento dos critérios da amostra e a concordância do casal, marcava-se a data para a realização da primeira fase do trabalho durante o último trimestre de gestação da mulher. Após o nascimento do bebê, fazia-se uma breve visita ao casal, que poderia ser realizada em casa ou no hospital. Quando o bebê completava 3 meses, marcava-se a realização da segunda etapa do trabalho. Tanto a primeira quanto a segunda etapa do trabalho eram realizadas na residência do casal e compreendiam entrevistas individuais e conjugais.

⁷ Os nomes dos participantes foram alterados para manter o sigilo dos mesmos.

A primeira fase foi realizada no último trimestre de gestação da mulher, na residência do casal. Inicialmente o casal preenchia o **Consentimento informado** e, posteriormente, com o auxílio da pesquisadora, completava-se a **Entrevista de dados demográficos do casal**, complementando as informações contidas na **Ficha de contato inicial**. A etapa seguinte consistia na realização das entrevistas individuais com cada membro do casal. Com a mãe, realizava-se a **Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante**, com o pai, a **Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai**. Após a finalização das entrevistas individuais, o casal era novamente reunido para a realização da entrevista conjunta, denominada de **Entrevista do casal sobre sua história**.

A segunda etapa deste trabalho foi realizada quando o bebê já havia completado três meses de idade. Em comum acordo, foi marcada uma data para a visita à família. Nessa etapa, novamente, o casal foi entrevistado conjunta e individualmente. Inicialmente, a mãe e o pai do bebê eram entrevistados separadamente, completando a **Entrevista sobre a experiência da maternidade** e a **Entrevista sobre a experiência da paternidade**, respectivamente. Em um segundo momento, era feita a entrevista conjunta, **Entrevista do casal com o bebê de 3 meses**.

Todas as entrevistas, tanto individuais quanto conjugais, foram gravadas, transcritas e analisadas. É necessário destacar que as fitas de registro dos dados são mantidas pelo grupo de pesquisa ao qual este projeto está vinculado, no Instituto de Psicologia da UFRGS, para fins exclusivos de pesquisa.

2.3. Instrumentos

Os instrumentos utilizados na primeira e na segunda etapa desse trabalho serão apresentados a seguir, assim como os aspectos significativos para esse estudo por eles proporcionados.

Na primeira etapa foram utilizados os seguintes instrumentos:

1) **Ficha de Contato Inicial** (Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi & Ribeiro, 1998): é uma ficha de dados demográficos e de informações relevantes para a seleção da amostra, como a condição de saúde da gestante, se vive com o pai do bebê, entre outras. Esta ficha foi preenchida no hospital, juntamente com a gestante. No caso de gestantes indicadas, a ficha foi preenchida por telefone (ver Anexo A).

2) **Entrevista de dados demográficos do casal** (Piccinini & cols., 1998): constitui-se em dados demográficos mais específicos, como escolaridade, profissão, carga horária de trabalho, religião, entre outros (ver Anexo B).

3) **Consentimento Informado** (Piccinini & cols., 1998): consiste no consentimento do casal para a utilização do material obtido nas entrevistas (ver Anexo C).

4) **Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante** (Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi & Ribeiro, 1998): corresponde à entrevista individual com a gestante, na qual foi possível investigar as expectativas com relação ao funcionamento do parceiro como pai, as expectativas de mudanças futuras tanto no relacionamento do casal quanto individuais e sua significação, as mudanças que já estavam ocorrendo no período, pessoais e conjugais, e sua significação, o relacionamento com a família de origem, os modelos parentais, entre outros (ver Anexo D).

5) **Entrevista sobre a gestação e expectativas do futuro pai** (Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi & Ribeiro, 1998): constitui-se na entrevista individual com o futuro pai, abordando os mesmos aspectos investigados na entrevista com a gestante, descrita acima (ver Anexo E).

6) **Entrevista com o casal sobre sua história** (Castoldi & Lopes, 1998): nessa entrevista, procurou-se conhecer a história do casal até o momento da confirmação da gravidez (ver Anexo F).

Na segunda etapa do trabalho, desenvolvida após o terceiro mês do bebê, foram utilizados os instrumentos abaixo listados:

1) **Entrevista sobre a experiência da maternidade** (Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi, Ribeiro, Levandowski & Corrêa, 1999): consiste em uma entrevista individual com a mãe, através da qual foi possível tomar conhecimento das mudanças que ocorreram após o

nascimento do bebê, tanto individuais quanto conjugais, e suas significações, o relacionamento com a família de origem, a adaptação aos novos papéis de mãe e de pai, entre outros (ver Anexo G).

2) **Entrevista sobre a experiência da paternidade** (Piccinini & cols., 1999): a entrevista individual com o pai abordou os mesmos aspectos investigados na entrevista com a gestante, descrita anteriormente (ver Anexo H).

3) **Entrevista com o casal com o bebê de três meses** (Piccinini & cols., 1999): essa entrevista foi realizada com o casal e trabalhou questões referentes à adaptação do casal ao bebê, os reflexos sobre o relacionamento conjugal, entre outros (ver Anexo I).

CAPÍTULO III

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram analisados segundo os pressupostos da análise qualitativa de conteúdo descritos por Laveille e Dionne (1997/1999). Segundo os autores, essa análise não é um método rígido, composto por etapas bem circunscritas, mas um conjunto de caminhos possíveis que permitem a reconstrução do sentido do conteúdo trabalhado. Um desses caminhos é a associação dos dados recolhidos com um modelo teórico, sobre o qual o pesquisador se apóia ao interpretar os conteúdos.

Nesta dissertação, cada caso, composto de seis entrevistas transcritas, foi pormenorizadamente detalhado e discutido no grupo de supervisão. Todos os aspectos possivelmente relacionados à transição do casal para a parentalidade foram levantados, assim como todos pontos que distinguem cada caso. Esses temas distintos nos levaram a considerar não somente a história pregressa do casal, mas também as questões desenvolvimentais relacionados à transição para a parentalidade. Os aspectos desenvolvimentais da transição do casal para a parentalidade constituíram um novo e significativo tema de investigação, no sentido de auxiliar na compreensão do objeto de estudo. Das entrevistas, selecionou-se o material relevante a ser utilizado na interpretação de cada caso.⁸ Resumidamente, existiam dois eixos temáticos extraídos da literatura – o trabalho psicológico da gravidez e a adaptação ao bebê –, posteriormente, surgiram conteúdos emergentes das entrevistas que constituíram um outro eixo temático – os aspectos desenvolvimentais. Este último eixo permeava as entrevistas tanto de gestação quanto de quatro meses de vida do bebê, nesse sentido, ele tornou-se o mais importante para a análise dos casos.

Os temas desenvolvidos na introdução teórica deste estudo – questões desenvolvimentais, trabalho psicológico da gravidez e adaptação ao bebê – serviram de suporte para a análise do material, que foi distribuído em três momentos distintos⁹ e intrinsecamente

⁸ Laveille e Dionne (1997/1999) utilizam as palavras *interpretação* e *análise* como sinônimos.

⁹ A possibilidade de divisão em três momentos foi criada pelos próprios instrumentos de pesquisa, já que trabalhavam não somente com o período de gestação e nascimento, mas investigava também a história pregressa do casal.

relacionados: **a pré-história da gravidez, o trabalho psicológico da gravidez**, e, por último, a **adaptação ao bebê** (no caso aos quatro meses de vida do bebê). O primeiro deles contempla as fases desenvolvimentais anteriores à gestação, mas necessárias para sua consecução. O segundo, caracteriza-se por todo o trabalho psicológico ocorrido durante o período gestacional. O terceiro é aquele no qual é possível verificar a emergência dos papéis de pai e de mãe, considerando as experiências parentais e as mudanças ocorridas durante o período de adaptação ao bebê. A seguir apresentaremos uma síntese dos casos, considerando algumas temáticas comuns a todos eles. Para uma melhor compreensão dos mesmos, a discussão dos aspectos singulares de cada caso será apresentada imediatamente após essa síntese. Por fim, discutiremos os aspectos comuns a todos eles e teceremos algumas considerações finais.

3.1. Casos estudados

3.1.1. Caso 1: casal Ane e Aldo

3.1.1.1. Pré-história da gravidez

Ane e Aldo narraram sua história de forma espirituosa e agradável, mesmo pequenas discordâncias eram motivo para gracejos. O que mais se destacava em suas narrativas era a extrema dependência que eles tinham um do outro, a necessidade de esconder da família acontecimentos importantes e o desregramento que regia suas vidas. Apesar desses aspectos, o transcorrer do relacionamento não apresentou maiores dificuldades.

Ane e Aldo conheceram-se no microônibus que levava ambos para a Universidade. Inicialmente, apenas Aldo mostrava interesse em conhecer Ane. Ela achava-o um “gordo nojento”. Estrategicamente, ele começou a sair com outras colegas e despertou ciúmes nela. Aldo aproximou-se também de uma amiga de Ane, através da qual eles se conheceram e combinaram a primeira saída juntos. Após o encontro, Ane estava ansiosa para saber se Aldo iria procurá-la ou não quando a visse novamente no microônibus. Quando se encontraram, ele trazia um grande presente para ela. A partir desse momento, o casal separou-se apenas um dia. Nesse dia Aldo teve febre. Ane e Aldo não conseguiam ficar sem ver um ao outro.

O namoro foi se desenvolvendo sem contratemplos. As famílias conheceram-se sem demora, e, em pouco tempo, freqüentavam a casa uma da outra. O noivado do casal, mantido em segredo, foi uma consequência do namoro. A revelação do noivado ocorreu durante a festa de aniversário da irmã de Aldo. Todos receberam muito bem a notícia, exceto o pai de Ane,

que ficou um tanto abalado com o comprometimento de sua filhinha, tida como “o xodó do papai”. Novamente em segredo, o casal começou a montar uma loja, que representaria um portoseguro financeiro para o futuro casal. Nesse período, Aldo passou a dormir na sala da casa dos pais de Ane. Eles possuíam inteira liberdade, porém nenhuma privacidade. À procura de intimidade, Ane e Aldo mudaram-se para a casa dos pais dele. Em sua casa, Aldo dispunha de um quarto individual, localizado do lado de fora da residência. No entanto, como o tipo de vida desregrada e sem horários do casal perturbava a convivência com os pais de Aldo, eles decidiram alugar um apartamento. O início da vida em comum foi descrito pelo casal como “liberou geral”. Sem pais por perto, eles faziam o que queriam e na hora que mais lhes conviesse, como fazer batatas fritas de madrugada e passar direto do café para a janta. Ane e Aldo decidiram legalizar sua situação e casaram-se com o apoio das famílias. Pouco tempo após o casamento, Ane engravidou de forma inesperada de sua filha Fabiana. Embora não planejada, o casal ficou muito emocionado com a notícia da gravidez. Aldo tinha medo de contar para seus pais. Mas a recepção dos familiares foi muito boa, apesar da dificuldade inicial da família de Ane em aceitar a gestação. Preocupado com os gastos do aluguel, o casal mudou-se para um terreno da família de Aldo.

3.1.1.2. O trabalho psicológico da gravidez

Ane e Aldo moravam próximos do seu local de trabalho e da família dela. A residência do casal ficava em um pequeno sítio da família de Aldo e constituía-se em uma casa de madeira pré-fabricada ainda sem pintura, tanto interna quanto externa. O interior era simples e levemente desorganizado. Ane e Aldo eram um jovem casal muito simpático, disponível e bastante despachado.

As entrevistas de Ane e Aldo foram igualmente longas, destacando, ambas, uma importante dependência e influência das famílias de origem. Eles divergiram, contudo, quanto às mudanças que estavam ocorrendo na gestação e que ocorreriam no futuro com a vinda de sua filha. De um lado encontrava-se Ane, assinalando as mudanças; de outro, Aldo, desconsiderando-as.

O casal apresentou preocupações normais durante a gravidez, tais como medo de alguma complicação no transcurso da gestação, tanto com o bebê quanto com a futura mãe. Inicialmente, Ane ficou apreensiva, pensando que sua gravidez poderia ser tão complicada

quanto as gestações de sua mãe. Suas ansiedades foram se diluindo com o desenvolvimento tranqüilo de sua gravidez. Ela não pensava sobre o parto, mas Aldo mostrava-se preocupado, principalmente com o corte que poderia ser feito em sua esposa. Ane centrava suas preocupações sobre os cuidados do bebê após o parto, mas ela sabia que poderia contar com a ajuda de seus pais. O casal tinha plena segurança de contar com o auxílio dos familiares após o nascimento do bebê. Os pais de Ane e Aldo estavam disponíveis a qualquer hora do dia ou da noite, e o casal, freqüentemente, recorria a eles para esclarecer dúvidas ou para pedir ajuda, “a gente sempre liga pra eles”, mencionou Ane. A mãe dela, inclusive, antecipou-se, dizendo que cuidaria de sua neta, que eles não precisariam colocar em creche. Ane concordava, pois apresentava uma grande afinidade com sua mãe, chegando a afirmar que elas pensavam da mesma forma.

Quando eles se imaginaram como pais, afirmaram que gostariam de ser como seus pais, sempre corretos. Segundo o casal, seus pais souberam educar os filhos. Ane teria um bom relacionamento com a filha, seriam muito unidas. Todavia, ela não sabia ao certo como seria lidar com um bebê pequeno. Aldo afirmou que provavelmente ela cuidaria muito bem de sua filha, uma vez que já cuidava muito bem dele. Ela achava que teria um pouco de dificuldade com Aldo, pois ele era muito manhoso como um filho. Apesar disso, Ane esperava que ele fosse um pai participante moderno, não como os pais de antigamente, que estavam quase sempre ausentes. Aldo não conseguia imaginar-se no papel de pai, dizendo que teria de aprender, mas procuraria ajudar sua esposa. Apesar dessas afirmações, ele assinalou que seria como o exemplo que teve em casa, seu pai, um homem comedido.

O casal percebeu que algumas mudanças foram ocorrendo durante a gestação. Aldo mostrou-se mais preocupado com a sobrevivência de sua família e estava procurando um novo emprego. Mesmo Ane, considerada muito mimada por Aldo, estava amadurecendo e modificando sua postura.

Com relação às mudanças conjugais, o casal apresentou algumas divergências. Ane achou que o casal estava mais unido do que antes. Eles trabalhavam em conjunto nos preparativos para a chegada de Fabiana. Segundo Ane, antes da gravidez era cada um para o seu lado. Aldo não pensava da mesma forma: para ele tudo continuava igual.

Quando pensaram como seria após o nascimento de sua filha, novamente eles divergiram. Ane acreditava que tudo iria mudar. Eles não poderiam ter a mesma vida desregrada com um bebê, mas ela afirmava que o casal já estava se preparando e que as

mudanças estavam acontecendo. Ane esperava, contudo, que o relacionamento conjugal não mudasse muito, acreditando que eles se uniriam mais para cuidar de Fabiana. Aldo, por outro lado, embora tenha dito que o relacionamento deveria melhorar, colocou que o casal passaria a dividir a atenção que antes era só para os dois. No entanto, o que ele perderia da atenção de Ane ganharia de sua filha, então continuaria a mesma coisa. Para Aldo, o casal levaria a mesma vida, apenas com mais um integrante.

3.1.1.3. Adaptação no quarto mês de vida do bebê

O casal continuava morando no mesmo local. A residência continuava a mesma, sem pintura e um pouco desarrumada, mas não se percebia desordem nos brinquedos de Fabiana. O quarto do bebê, que ficava em frente ao do casal, ainda não estava organizado, nem a mobília montada. O casal estava bem à vontade e disponível. O principal destaque desse período foi a interferência da família de Ane nos cuidados de Fabiana.

As entrevistas de Aldo e Ane mostraram que suas expectativas com relação a esse momento haviam sido superadas. O casal considerou a adaptação mais fácil do que se esperava. Apesar do cansaço e insegurança de ter de cuidar de um bebê muito pequeno, estava sendo muito tranqüila a vida do casal com a chegada de sua filha. Ane, apesar do parto difícil, afirmava que a maternidade brotara com o nascimento de Fabiana. Foi como se ela soubesse o que fazer a partir do momento em que a filha nasceu. Contudo, os primeiros dias em casa, quando não estava trabalhando, foram difíceis. Aldo dizia que ser pai estava sendo melhor do que esperava, embora estivesse cansado com a correria trabalho-faculdade-casa.

O casal correspondeu às expectativas um do outro quanto às suas atuações como pai e mãe. Ane estava muito bem como mãe, muito apegada à sua filha, carinhosa, porém superprotetora, o que não era esperado. Aldo, apesar de não estar muito presente, devido a seu novo emprego, mostrava-se um pai atencioso. Ele cuidava da filha, embora com algumas restrições e reclamações. Por exemplo, não gostava de trocar fraldas nem de dar banho. Ane e Aldo contavam com a ajuda dos familiares, principalmente com os pais de Ane. Frequentemente, Ane tentava pedir auxílio aos familiares, mas Aldo não estava permitindo. Ele afirmava que o casal tinha que resolver seus problemas sozinho. Aldo estava muito incomodado com a intromissão dos pais de sua esposa. Segundo ele, os pais dela passavam por cima das decisões tomadas pelo casal, desconsiderando suas opiniões a respeito dos cuidados com a

filha, além de estarem presentes quase sempre, na casa de Aldo e Ane, sem qualquer limite de horário ou de respeito ao espaço do casal.

Com relação às mudanças, ambos concordaram que elas haviam ocorrido, principalmente no que se referia ao tempo em que eles ficavam juntos. Aldo passava a maior parte do tempo fora de casa, na faculdade ou no trabalho, porém os fins de semana eram dedicados à família e às obrigações domésticas. Aldo restringiu as transformações ao período inicial da adaptação do casal, uma vez que eles continuavam a fazer as mesmas coisas de antigamente, apenas com a presença de mais um membro da família. Ane, porém, destacou uma nova organização, sobretudo no que se referia aos horários de refeições e de sono, que respeitavam a necessidade do bebê em estabelecer uma rotina. Ela também assinalou um maior compromisso e aumento da responsabilidade com a vinda de sua filha. Aldo estava trabalhando em outro lugar para aumentar a renda familiar, enquanto Ane continuava trabalhando na loja do casal e cuidava da filha.

3.1.1.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Ane e Aldo

Ane e Aldo encontraram-se em um momento no qual as questões referentes à *terceira individuação* ainda não se explicitavam. Ambos eram estudantes, dependentes de suas famílias de origem, não trabalhavam, mas apresentavam uma vida social e relações afetivas fora da família. Esses elementos poderiam demarcar aspectos da transição adolescente: a descoberta de objetos externos extrafamiliares, nos quais se possa direcionar tanto o amor quanto o ódio, anteriormente colocados nas figuras parentais e fraternas.

O início da relação foi marcado pela dependência que tinham um do outro. Poderíamos pensar que essa dependência demonstraria uma forma de reprodução ou substituição do relacionamento de dependência que ambos tinham com seus pais. O desprendimento dos objetos infantis, que torna apto o adolescente a ingressar no mundo adulto, muitas vezes pode ser impedido frente à complexidade desse processo de transição, podendo também apresentar aspectos de reprodução de experiências infantis vividas no passado (Blos, 1979/1996). Ane, principalmente, manifestava uma intensa identificação com a mãe, chegando a afirmar que a afinidade entre ambas era tanta que pensavam da mesma forma, além de ser ela a filhinha querida do papai. O início do namoro ocorreu através da rede de amigos pessoais de ambos, mas a continuidade do relacionamento, em muitos momentos, revelava uma significativa

dependência, por parte do casal, da aceitação parental. Primeiramente, foi possível perceber que todas as etapas da relação de Ane e Aldo, que apontavam para a evolução do casal no sentido de estabelecer um comprometimento e fixar a escolha do objeto amado, foram inicialmente escondidas dos pais, como se o casal temesse alguma forma de castigo ou repreensão. Até mesmo quando eles estruturaram um meio de tornar-se independentes financeiramente, seus atos foram mantidos em segredo até sua completa realização, como se a qualquer momento a intervenção parental pudesse interferir negativamente, o que nunca ocorreu. Mesmo assim, o desenvolvimento da relação entre Aldo e Ane demonstrou uma clara tendência em direção à constituição de um espaço de maior intimidade e autonomia para o casal. Esse desenvolvimento pode ser compreendido com a apresentação a seguir: no primeiro momento da relação, Aldo foi morar com Ane, mas o casal não tinha privacidade. Eles ficavam na sala da casa da família dela. No segundo, ambos mudaram-se para a casa dele. Aldo possuía um quarto separado na casa, no qual o casal se alojou temporariamente. Em decorrência de atritos entre o modo de vida dos pais de Aldo e o do jovem casal, Ane e Aldo mudam-se. Nesse terceiro momento, já independentes financeiramente em função da loja que haviam montado, decidem alugar um apartamento que seria só deles. Por último, acontece um semi-retorno ao lar, quando, no período da gravidez, adquirem sua casa própria, construída, porém, no terreno da família de Aldo.

Ao mesmo tempo em que existia o desenvolvimento do casal em direção à *terceira individuação*, havia um enredamento com questões familiares, relacionado principalmente a Ane e sua família, que mostrava ser bastante permissiva e intrusiva. Os familiares de Ane também foram os que mais se abalaram diante dos movimentos de evolução do casal em direção ao comprometimento e à formação de uma nova família. Esse desenvolvimento era percebido pelo fato de eles estarem funcionando em um nível mais independente: não moravam mais com os pais e cuidavam de suas próprias necessidades sozinhos, o que demonstrava um direcionamento à *terceira individuação*. Porém, ainda restavam algumas questões de dependência emocional dos pais, assinalada pela importância da opinião dos mesmos frente aos atos mais independentes do casal, como noivar e montar um negócio próprio.

A gestação, que a princípio viria como um novo passo em direção à consumação da *terceira individuação*, veio carregada de ambivalências entre o independizar-se e o manter-se dependente. A questão da casa de Aldo e Ane ilustra bem esse aspecto: a residência do casal era própria - uma independência -, mas no terreno da família dele - uma dependência. Contudo,

não podemos deixar de considerar que faz parte do trabalho psicológico da gestação um certo retrocesso em direção aos relacionamentos parentais. Esse processo se estabelece na medida em que a concepção de um bebê marca a reativação das experiências anteriores vividas com os próprios pais. Nesse momento, antigos conflitos podem ser reeditados e atualizados na gravidez, mas também podem ter uma oportunidade única de ser elaborados, uma vez que a gestação e o início do pós-parto são um período de extrema permeabilidade dos futuros pais ou dos pais do bebê (Bydlowisky, 2000b; Stern, 1995/1997; Szejer, 1999).

Tanto Aldo como Ane, mas principalmente ela, demonstraram uma regressão em seu processo de autonomia durante a gestação da filha. Aparentavam mais insegurança e buscavam sempre nos pais o conforto para seus medos e ansiedades. Todas as dúvidas e temores eram basicamente solucionados pelos pais deles, independentemente da hora do dia ou da noite. Nesse sentido, poderíamos pensar em uma identificação do casal com o bebê, como se eles necessitassem de cuidados semelhantes aos de um bebê recém-nascido, ao invés de uma identificação com os aspectos mais maduros de seus pais. Ane demonstrava uma intensa identificação com sua mãe, receando que sua gestação fosse problemática como a dela, ou ressaltando que ambas pensavam da mesma forma. A presença de aspectos regressivos, como a intensa identificação com os pais e o retorno a uma certa dependência, é esperada durante esse período, e a aproximação a figuras maternas pode ser considerada como uma forma de elaboração do papel materno, na medida em que a mãe se sente apoiada, cuidada, maternada. No entanto, no caso de Ane e Aldo não havia muito limite nessa aproximação, ocorrendo uma certa invasão por parte dos familiares dela no ambiente familiar do jovem casal, que não foi coibida por nenhum dos dois. A mãe de Ane, mesmo durante a gravidez, colocou-se em uma posição de possuidora das qualidades maternas, sem permitir que sua filha tomasse posse de sua própria generatividade. Essa situação intensificou-se após o nascimento de Fabiana e será mais adiante trabalhada.

Existe, nesse casal, uma certa confusão frente aos papéis de cada um. Ane considerava que Aldo comportava-se como um filho. Ele também afirmava que, se ela cuidava bem dele, saberia cuidar igualmente de sua filha, como se Ane fosse uma espécie de mãe cuidadora. Nesse sentido, podemos entender o afastamento do casal retratado por Ane quando se referia ao período de casada anterior à gestação. Existia uma forte dependência um do outro, mas, ao mesmo tempo, um afastamento, segundo Ane, pois ficava cada um para o seu lado. Buscando refletir sobre essa questão, consideraremos a representação que cada um possui frente ao outro.

Ane era igual à mãe, Aldo igual ao filho, o que inviabilizaria a verdadeira intimidade preconizada por Erikson (1963/1971), criando uma situação de pseudo-intimidade entre o casal. Essa questão também poderia ser entendida como uma falha no estabelecimento dos limites entre o eu e o não-eu da primeira individuação, porque defino quem sou através do estabelecimento do outro fora de mim (Mahler, Pine & Bergman, 1975/1993). Existia uma confusão nas fronteiras das identidades deles, que se manifestava nas questões acima comentadas. De qualquer maneira, a gestação é um momento em que a simbiose mãe-bebê também é revivida e os aspectos dessa resolução podem aparecer na forma de sintomas, de dificuldades em estabelecer os limites identitários, de dificuldades em perceber o filho gestado como um ser separado (Bydlowisky, 2000a).

Apesar disso, o casal conseguiu estabelecer contato com o bebê, identificando particularidades de sua manifestação corporal e realizando o processo de personificação do feto (Maldonado, 1997). Aldo mostrava-se participativo e procurava auxiliar Ane sempre que possível. Sua presença em cursos e nos momentos de intimidade, nos quais conversavam sobre o bebê, apreciando juntos sua movimentação, distinguia aspectos importantes do trabalho psicológico da gravidez no sentido de elaborar um espaço para a filha que iria nascer. Tornando-se presente, Aldo desmanchava qualquer fantasia de que esse bebê pudesse ter sido gerado apenas pela mãe. Sua participação proporcionava a elaboração de uma relação a três e de todas as repercussões e restrições impostas pela chegada de um bebê (Brazelton & Cramer, 1990/1992).

O trabalho psicológico da gravidez é também marcado pela construção de um conceito de pai e mãe ideais e pela reavaliação dos modelos parentais. Ane e Aldo sempre referiram seus pais como modelos de pai e de mãe, afirmando que gostariam de ser como eles na criação de sua filha. O casal manifestava uma forte identificação com os modelos parentais, revelando uma representação do funcionamento parental que futuramente seria reproduzida em seu próprio relacionamento após o nascimento de sua filha. A mãe, cuidadora primária, responsável pela educação, passaria a maior parte do tempo com os filhos. O pai, uma figura mais permissiva e menos repressora que a mãe, responsável pelo sustento da casa, passaria a maior parte do tempo fora dela.

Apesar de alguns resquícios de dependência, Aldo e Ane apresentaram uma nova organização no sentido de um amadurecimento, um senso maior de responsabilidade e uma preocupação com o futuro da família que estava se constituindo. Esses aspectos poderiam

demonstrar um engajamento em atividades específicas da idade adulta, como a constituição de uma nova organização que permitiria assegurar aos descendentes um desenvolvimento satisfatório e seguro. No momento da gestação, a filha do casal assumiu a condição de primeiro lugar, no sentido de que os recursos financeiros e emocionais estavam voltados para ela. Essa mudança de foco do relacionamento conjugal para o bebê poderia ser considerada o deslocamento do narcisismo para a descendência, o que também é esperado nesse momento (Dolto, 1981/1988; Freud, 1914).

O período de pós-parto foi marcado pela aprendizagem sobre o bebê. Apesar do cansaço, a adaptação do casal estava acontecendo, mesmo considerando-se as dificuldades iniciais vividas por Ane, que se sentia muito sozinha com sua filha em casa. Gradualmente, o casal organizou uma rotina dentro de suas possibilidades. Ane tinha a expectativa de uma organização menos tradicional de sua família. Todavia, o casal apresentava uma intensificação na distinção dos papéis sexuais, reproduzindo, de uma certa maneira, a estruturação das famílias de origem de cada um: o pai que trabalhava fora e passava o fim de semana com a família e a mãe que assumia a maior parte dos cuidados do bebê. Independentemente disso, o casal não relatava insatisfação conjugal, como foi encontrado no estudo de Levi-Shiff (1996) ao estudar casais que estavam passando por esse momento de transição. Essa organização refletia uma necessidade advinda da própria sobrevivência dessa família. Aldo necessitava trabalhar em outro lugar que não a loja. Considerando suas funções parentais, ambos satisfizeram as expectativas um do outro, mesmo que apresentassem durante a entrevista alguns pontos de discordância, como o relaxamento de Aldo, ou a falta de autonomia e insegurança de Ane. O casal conseguiu absorver as limitações de cada um, permitindo ao outro ocupar seu espaço dentro de suas próprias possibilidades, o que é um aspecto importante do período após o nascimento do bebê, descrito por Szejer e Stewart (1994/1997).

Aparentemente, o ciclo de desenvolvimento seguiu seu curso, porém os aspectos de dependência delineados durante todo o desenvolvimento do casal reapareceram no período do pós-parto de forma clara e maciça, principalmente em se tratando de Ane e sua família. Não existiam limites que separassem física e psiquicamente Ane de sua família. Os familiares invadiam sua casa a qualquer hora, traziam amigos e parentes como se fossem os proprietários, efetuavam reformas independentemente da vontade de Ane e Aldo. A própria redefinição de papéis estava sendo prejudicada frente a essa ausência de limites. Os pais Ane e Aldo freqüentemente eram destituídos de sua função parental. Poderíamos pensar que o que estava

se manifestando era a dificuldade dos familiares de Ane em posicionar-se em uma nova fase de seu desenvolvimento, que determinaria o reconhecimento de seu próprio envelhecimento e finitude. Podemos pensar que, agindo como os pais da filha de Ane e Aldo, os familiares de Ane romperiam com a cadeia de desenvolvimento, não sendo envolvidos pela linha da mortalidade, marcada pelo papel dos avós. A palavra *avó*¹⁰ é justamente uma expressão cuja etimologia remete a antepassados (Cunha, 1982).

Faz parte da *terceira individuação* facilitar a transição dos avós para uma nova etapa de desenvolvimento, caracterizada como a *quarta individuação*. Contudo, isso só é possível se o casal de pais conseguir posicionar-se como os pais do bebê, o que estava sendo difícil para o casal. É significativo que, mesmo aos quatro meses de vida de Fabiana, o quarto do bebê ainda permanecesse como um lugar de depósito, apesar de estar praticamente montado - um quarto de bebê sem o bebê. O quarto do casal virou o quarto do bebê, ou, melhor ainda, o quarto do casal virou o quarto de Ane e Fabiana, pois Aldo frequentemente dormia na sala. Nesse sentido, vários aspectos desenvolvimentais necessitariam de um maior amadurecimento e elaboração. Primeiro, a necessidade do casal de assumir-se como pais do bebê e não como filhos que necessitam da imprescindível ajuda parental. Tornando-se pais e deixando a dependência de filhos é que eles poderão reposicionar a família de Ane em seu verdadeiro lugar, o de avós, e posicionar a filha Fabiana no lugar de dependência que lhe cabe enquanto bebê. Outra questão pendente é a inclusão do pai nessa relação tão íntima da mãe e sua filha: Aldo estremeceu sua relação com Ane em decorrência da falta de limites da família dela, mas cedeu seu lugar de marido. O tornar-se pais, mesmo nesse momento, não significa o abandono completo e resignado de um lado significativo da idade adulta que é o relacionamento afetivo-sexual.

3.1.2. Caso 2: casal Thanise e Francisco

3.1.2.1. Pré-história da gravidez

Thanise e Francisco contaram sua história com a mesma fluência e espontaneidade dos acontecimentos que a compunham. Não ocorreram dificuldades que atrapalhassem o comprometimento do casal com o relacionamento.

¹⁰ Grifo da autora

O casal conheceu-se através de uma amiga em comum. Ele encantou-se com a simpatia e o carinho de Thanise; e ela, com a segurança que ele transmitia. Thanise e Francisco sempre foram muito companheiros e compreensivos um com o outro. O namoro foi acontecendo naturalmente, sem percalços. O noivado foi uma consequência natural do bom entrosamento do casal e marcou o início de uma nova fase do relacionamento. A partir do momento em que se tornaram noivos, eles sabiam que iriam se casar, passando a se preparar para o casamento e a trabalhar para conseguir comprar o necessário para montar sua moradia. Eles sempre colocavam dificuldades a sua frente para buscar a solução depois. O casamento foi um bom exemplo: eles marcaram a data sem ter onde morar, mas, depois de marcado o dia, preocuparam-se em construir sua casa, que foi feita “ligeirinho”, conforme contou Francisco.

O início da vida em comum foi normal, pois “a gente tinha vida de casado”. Francisco não sentiu falta da convivência da família, porém Thanise estranhou um pouco. Ela era muito apegada a seus pais, e o casal sempre jantava na casa deles quando a saudade “apertava”. Thanise e Francisco pensavam em ter filhos desde o período de namoro. Após um ano de casados, eles planejaram a concepção, deixando de usar métodos contraceptivos. Contudo, o casal não esperava que a gestação ocorresse tão rápido, principalmente Thanise, que possuía fantasias de esterilidade. A notícia foi motivo de muita alegria tanto entre eles quanto entre os familiares. Para o futuro, eles esperavam o nascimento de Bruno e a mudança de residência, pois receberiam um apartamento de presente dos pais de Francisco.

3.1.2.2. O trabalho psicológico da gravidez

Thanise e Francisco moravam em uma casa de alvenaria, construída nos fundos da casa dos pais dele, em uma zona nobre da cidade. A residência não era grande, mas era muito bem organizada e aconchegante. O mobiliário jovial dava um tom alegre à casa. Thanise era uma jovem gestante, muito falante. Francisco, embora mais reservado, era muito simpático e divertido.

As entrevistas de Thanise e Francisco foram distintas em tempo, mas não em conteúdo. Ela apenas detalhou mais os aspectos por eles delineados, nos quais se destacaram o desejo de compartilharem esse momento, o companheirismo entre o casal e as mudanças ocorridas durante a gestação.

Thanise e Francisco não apresentavam preocupações acentuadas com relação à gravidez ou ao parto. Apenas Francisco preocupava-se com o relacionamento sexual do casal, receando que pudesse atingir o bebê e machucá-lo de alguma forma. Como podiam contar com a ajuda da família, não estavam preocupados com questões de apoio após o nascimento de seu filho. Da mesma forma, estavam conhecendo os prováveis hospitais para o nascimento de Bruno, o que ajudava a tranquilizá-los quanto ao parto.

Quando imaginaram-se em suas funções de pai e mãe, Francisco e Thanise afirmaram que pretendiam manter uma boa relação com seu filho. Ela queria ser uma boa mãe, ensinar e aprender com Bruno, ser uma pessoa com quem ele pudesse contar, como sua mãe fora com ela. Thanise destacou a importância de valorizar a autonomia e a independência, como ela foi educada. Francisco seria um pai companheiro, carinhoso e participativo, que ajudaria nos cuidados do bebê, fazendo o melhor possível por Bruno. Ele não fez referência a “modelos prontos” de pai ou mãe.

Tanto Thanise quanto Francisco perceberam mudanças pessoais e conjugais. Ele incorporou mais responsabilidade, apesar de não querer que o casal deixasse de fazer o que sempre fizera. Ela estava vendo com muita tranquilidade suas mudanças corporais, um pouco ansiosa, porém mais segura de si. O relacionamento do casal também melhorou, tornando-se mais estreito após a gestação: “a gente antes vivia um pro outro e agora a gente tem uma pessoa em comum”, comentou Francisco.

Ambos tinham expectativas de mudança no relacionamento conjugal com a vinda do bebê. Thanise e Francisco sempre sonharam em formar uma família, e, após o nascimento de Bruno, acreditavam que o relacionamento seria melhor, uma vez que eles valorizariam mais a família. Bruno seria mais um integrante. O casal mencionou a aspectos relacionados ao estresse inicial e à perda da liberdade que ocorreria após o nascimento do bebê. Ambos concordaram que seria importante preservar algum espaço para o casal.

3.1.2.3. Adaptação no quarto mês de vida do bebê

Thanise e Francisco continuavam morando no mesmo local, junto à residência dos pais dele. A casa encontrava-se da mesma forma, mas os apetrechos e brinquedos de Bruno marcavam presença. O casal estava muito bem, apenas o bebê sofria de uma infecção.

Novamente as entrevistas foram semelhantes e destacaram a tranquilidade da adaptação à nova vida, a incorporação das mudanças e a busca da preservação de um espaço para o casal.

Tanto Thanise quanto Francisco afirmaram que a vida estava como eles imaginavam. Excetuando o cansaço, o casal não sentiu maiores dificuldades naquele momento. Como seu filho era um bebê tranquilo, a adaptação tornou-se mais fácil. Thanise e Francisco apoiavam-se mutuamente, revezando-se nos cuidados de Bruno. E, quando necessário, os familiares mostravam-se disponíveis para dar o apoio adequado.

Quanto às suas funções de pai e mãe, Francisco e Thanise corresponderam às expectativas um do outro. Ele era um pai atencioso, carinhoso e muito participativo, superando as expectativas de sua esposa. Ela tornou-se uma mãe dedicada, protetora, interessada e tranquila. Thanise esperava, no entanto, que o aleitamento fosse durar um pouco mais, entretanto ela não tinha leite suficiente para continuar amamentando. Mesmo assim, o desmame foi visto de uma forma positiva, como uma independência tanto para ela quanto para o bebê.

Com relação às mudanças ocorridas após o nascimento de Bruno, uma frase de Francisco resumiu os sentimentos do casal: “tua vida engrena para outro lado”. Thanise e Francisco perceberam que muita coisa havia modificado. Antes eles se preocupavam apenas consigo mesmos, e, naquele momento, estavam se dedicando exclusivamente ao seu filho. Em primeiro lugar estavam as necessidades de Bruno, “depois vem o resto”. Tais mudanças já eram esperadas pelo casal. Thanise observou que elas estavam sendo incorporadas desde o momento em que decidiram ter um filho e não representavam nenhum pessoal ou conjugal. Mesmo assim, Thanise e Francisco procuravam conversar muito e preservar um espaço de troca.

3.1.2.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Thanise e Francisco

Um dos aspectos teóricos assinalados da transição para a *terceira individuação* é a existência de uma experiência adulta, originalmente estimulada pela capacidade crescente de separação intrapsíquica dos pais e engajamento nas tarefas específicas da fase do adulto jovem, como o desenvolvimento da capacidade de intimidade (Colarusso, 1995). Thanise e Francisco demonstraram a evolução de uma transição adolescente para o ingresso ao mundo adulto.

Quando eles se conheceram, encontravam-se desprendidos da autoridade parental, e igualmente apresentavam uma rede de amizades que proporcionava o desligamento das figuras parentais, na medida em que deslocavam suas pulsões libidinais e agressivas dos pais para as relações extrafamiliares (Colarusso, 1995). Foi através dessas novas relações que ambos se

conheceram e iniciaram um relacionamento. As questões de intimidade e comprometimento em um relacionamento afetivo com um objeto amado foram tranquilas para ambos, que demonstraram uma estabilidade do senso do *self* e limites bem determinados entre as representações do *self* e do objeto, como referido por Blos (1979/1996). Fixados em uma escolha heterossexual e estimulados por sua crescente capacidade de independência emocional e financeira, Thanise e Francisco planejaram partir para uma nova etapa de seus desenvolvimentos, na qual a questão da generatividade fez-se representar pelo desejo de constituir uma família. Ambos trabalharam e construíram, com seus próprios recursos, uma casa, possibilitando que o relacionamento se oficializasse através do casamento. Essa transição, segundo eles, esteve sempre muito clara desde o início do namoro. Facilmente eles estabeleceram um compromisso, sem rompimentos ou conflitos inconciliáveis. Mesmo o projeto de ser pais já tomava corpo durante os anos de namoro e noivado, tanto que a gravidez veio muito rapidamente, a despeito de todas as fantasias de infertilidade de Thanise. Apesar dessa fluidez do desenvolvimento, é necessário demarcar que a casa foi construída nos fundos da casa dos pais de Francisco - conscientemente, uma questão econômica e uma forma de viabilizar, de forma rápida e barata, a concretização de um comprometimento já estruturado no relacionamento do casal. Poderíamos refletir sobre a manutenção de uma certa dependência das figuras parentais, ou sobre a necessidade de uma segurança nesse momento de transição para uma vida adulta mais independente. Outro aspecto que poderia reforçar essa dependência reside no fato de que eles contavam com a ajuda do pai dele para tornarem-se completamente independentes, uma vez que o mesmo proporcionaria a essa família em formação uma casa própria. Essa é apenas uma face da questão, mas poderíamos pensar também que essa atitude parental representaria um auxílio desprendido proporcionado por um pai amoroso ao seu filho, e, nesse sentido, esse ato pode ser entendido como uma forma de ajudá-lo em seu desenvolvimento.

Sabe-se que os conflitos gerados pela ambivalência podem se apresentar de forma acentuada durante o trabalho psicológico da gravidez, e que, de uma certa forma, também preparam os pais para um futuro engajamento com o bebê (Brazelton & Cramer, 1990/1992). No caso desse casal, a ambivalência aparecia moderadamente e centrava-se em aspectos mais relacionados a questões de mudança do estilo de vida e do relacionamento do casal. Em alguns momentos, os cônjuges referiam as mudanças no estilo de vida como expectativa da perda da liberdade ou aumento da responsabilidade, mas de nenhuma forma essas questões

transformaram-se em intensas inquietações. Os aspectos relacionados às mudanças do relacionamento do casal mostraram-se mais como uma forma de preocupação do que como uma angústia frente a uma possível perda do espaço conjugal.

A vinda de Bruno assinalou uma modificação da organização familiar desde a gestação. Um nascente senso de responsabilidade frente à tarefa de assegurar as condições psíquicas, físicas e econômicas para o desenvolvimento de um ser totalmente dependente fez com que o casal mudasse o foco do relacionamento conjugal para as futuras necessidades do bebê. O altruísmo, marca da sexualidade oblativa (Dolto, 1994/1999), faz-se mostrar no momento em que o bebê, ainda no ventre da mãe, aparece em primeiro lugar. A casa é estruturada para recebê-lo, tapetes a tornam mais aconchegante, o quarto do bebê é montado, roupinhas são compradas, sempre permitindo a participação não intrusiva das famílias. É possível perceber nesse casal que o lugar da parentalidade já era visitado antes da concepção do bebê. Nesse sentido, no momento em que os cônjuges decidiram ter filhos, sentiram-se preparados para as mudanças que poderiam ocorrer, como se durante a constituição do projeto de ser pais eles fossem elaborando as questões referentes à parentalidade. Thanise, após o nascimento do bebê, falou claramente dessa elaboração anterior e durante a gestação. Apenas Thanise referiu em sua entrevista um modelo parental, tomando como referência sua mãe e sua experiência de ser maternada. Ela assinalou um aspecto da maternagem de sua mãe que teria repercussão no período após o nascimento do bebê: o desmame precoce do bebê. Paralelamente ao companheirismo da mãe, foi destacado o ensinamento de autonomia e independência que ela procurara fazer nascer em sua filha. A família de Francisco também incentivava a autonomia dos filhos: até mesmo a faculdade eles próprios tinham que pagar. Francisco, apesar de não ter se referido a seus pais enquanto modelos, conseguia elaborar um modelo de pai e de mãe ideal.

Durante a gestação, não somente os papéis parentais são elaborados, mas também o lugar do filho que está por vir (Szejer & Stewart, 1994/1997). A presentificação desse lugar manifestava-se através da percepção do aumento da barriga e do reconhecimento dos movimentos fetais. A inclusão do terceiro membro no relacionamento do casal, anteriormente dual, apareceu em Francisco na forma de uma preocupação em não machucar o bebê durante o ato sexual. Essas questões de inclusão também foram trabalhadas no momento em que o futuro pai participava ativamente da gestação de seu filho, acariciando a barriga de sua esposa, ao mesmo tempo em que se comunicava com o filho (Szejer & Stewart, 1994/1997).

Apesar de elaborarem a inclusão de seu filho, Thanise e Francisco, como foi referido anteriormente, mostravam-se preocupados com o relacionamento conjugal, que não poderia ser deixado de lado. Trata-se de uma preocupação pertinente, na medida em que esse aspecto é um elemento importante da fase adulta. A sexualidade e o relacionamento amoroso compõem uma parte do desenvolvimento adulto, sintetizado por Michels (1993) em quatro temas principais: trabalho; sexo, que inclui o relacionamento amoroso; parentalidade e envelhecimento.

Thanise e Francisco apresentavam, durante a gestação de Bruno, a capacidade de proporcionar segurança e apoio suficientes para que o outro cônjuge se desenvolvesse dentro de sua trajetória. Esse aspecto aparece como uma característica marcante do casal e se mantém após o nascimento de Bruno.

Percebe-se em ambos a presença de um tema relacionado à *terceira individuação* no momento em que eles se referem ao contato com os pais. É muito importante que os jovens pais desenvolvam um senso de mutualidade e igualdade com os seus progenitores (Colarusso, 1995). Poder oferecer uma contribuição ao seu desenvolvimento, ou seja, netos a seus pais, coloca os jovens progenitores no centro de uma continuidade genética que se expande por gerações (Colarusso, 1988). Nesse casal foi permitido às famílias de origem tanto o contato com seu descendente, quanto a prestação de ajuda e apoio, quando se fizeram necessários. Os familiares mostraram-se envolvidos, mas não intrusivos, apontando para a constituição de um espaço bem delimitado entre os *selves* de cada membro e o estabelecimento de um relacionamento adulto entre os jovens pais e seus genitores.

As mudanças demonstram um amadurecimento no sentido da consecução de aspectos essenciais relacionados à individuação de Thanise e Francisco. Primeiro, a transição dos papéis de filho e de filha para genitores tornou-se perceptível frente à capacidade crescente de eles serem continentes para com o bebê, oferecendo-lhe um ambiente caloroso e recursos afetivos necessários para o seu desenvolvimento. Não ocorreram conflitos que marcassem uma discrepância entre as expectativas da gestação e o período após o nascimento do bebê, de forma que tanto o funcionamento enquanto pai e mãe, quanto o relacionamento conjugal e o relacionamento pais-bebê estavam se desenvolvendo de forma tranqüila e um tanto harmoniosa, apesar do cansaço e do aumento da responsabilidade. Para Thanise e Francisco as mudanças que ocorreram pareciam já estar organicamente integradas às suas funções parentais, de forma que não eram consideradas mudanças, mas constituíam-se em aspectos esperados e anteriormente elaborados pelo casal.

3.1.3. Caso 3: casal Fernanda e Maurício

3.1.3.1. Pré-história da gravidez

Fernanda e Maurício relataram a história de seu relacionamento sem fazer referência a dificuldades para assumir tanto a relação quanto a gravidez, que ocorreu durante o período de namoro.

Quando o casal se encontrou pela primeira vez, em um barzinho próximo à casa da mãe de Fernanda, ela era estudante e não trabalhava e ele era vendedor de uma firma multinacional, com apartamento e carro próprio. Ela não demonstrou interesse por ele, principalmente porque não o conhecia. Por intermédio de uma amiga dela, Maurício foi apresentado. O namoro demorou um pouco para engrenar, mas Maurício insistiu, “ele foi comendo pelas beiradas”, definiu Fernanda. Ambos gostavam muito de estar juntos, conversavam bastante e começaram a estabelecer uma relação afetiva, vindo a conhecer a família um do outro. Não existiam brigas irreconciliáveis, mas elas ocorriam com alguma frequência. Como eles não usavam métodos contraceptivos, uma gravidez não planejada, mas “consciente”, aconteceu. Fernanda se preocupava com a reação de Maurício, pois era filha de mãe solteira e angustiava-se com a possibilidade de não constituir uma família com o seu namorado. O relacionamento do casal não estava muito bom quando souberam da gestação. Maurício foi muito receptivo à notícia da gravidez. Ser pai sempre fora um desejo seu. Com a gravidez, Fernanda e Maurício passaram a residir no apartamento da mãe dela, uma vez que o apartamento de Maurício ainda estava na planta e localizava-se em outra cidade. Maurício fora incentivado por sua mãe a ir morar junto de seu filho, o que ele fez aos três meses da gestação de seu filho.

O início da vida a dois foi “sem estresse” e considerado uma experiência muito boa pelo casal, principalmente com a expectativa da chegada de Marcos. O filho representava não somente mais um laço de união entre o casal, mas também a maturidade que eles estavam adquirindo.

3.1.3.2. O trabalho psicológico da gravidez

Fernanda e Maurício formavam um casal jovem que morava com a mãe dela em um apartamento na grande Porto Alegre. O apartamento era simples mas confortável. Existia um

quarto para o casal, que estava sendo arrumado para receber o bebê que iria nascer: nova pintura, novo carpete e mobílias infantis.

As entrevistas de Fernanda e Maurício distinguiram-se em alguns aspectos, mas aproximaram-se em outros. A distinção repousava no fato de Maurício possuir uma estrutura financeira montada e Fernanda ainda ser dependente de sua mãe; as semelhanças focalizavam as mudanças e o desejo do casal de já ter o filho entre eles, acompanhado do medo de que ele nascesse antes da hora.

Inicialmente, a principal preocupação de Fernanda era de não ter seu namorado por perto para ajudá-la na educação de seu filho. Tal angústia foi desaparecendo na medida em que a reação de Maurício trouxe confiança na continuidade do relacionamento. Fernanda via com satisfação a participação de Maurício. Embora trabalhasse o dia inteiro, ele, sempre que podia, acompanhava-a aos exames e conversava com o filho. Maurício e Fernanda apresentavam preocupações com relação à saúde dela e do bebê, mas sempre pensavam positivamente. Naquele momento, no entanto, eles estavam muito preocupados com a possibilidade de um parto prematuro, pois Fernanda estava com dilatação. O casal não se preocupava em ter alguém para ajudá-los, eles sabiam que a mãe de Fernanda estaria presente e apoiaria quando necessário.

Quando pensaram como seriam como pais, eles concordaram que buscariam dar o melhor possível para o Marcos. Maurício passara pela experiência de cuidar de sua irmã e acreditava que seria um pai dedicado, participativo e que incentivaria o filho como seu pai. Fernanda imaginava que seria uma “mãe do meu jeito”, sem buscar modelos em outras pessoas. Como mãe, ela acreditava que seria muito boa, porém coruja e possessiva, mesmo com seu marido.

Tanto Fernanda quanto Maurício perceberam mudanças pessoais e conjugais. Maurício estava mais responsável, pois tinha que sustentar sua família, e preocupava-se em comprar um outro apartamento, mais próximo da mãe de sua esposa. Fernanda centrou-se muito em suas mudanças físicas e na ansiedade de ter tudo pronto bem antes do nascimento de seu filho.

O relacionamento do casal também modificou. Eles estavam mais unidos, como no início do namoro. Maurício comentou que nenhum homem gostaria de separar-se da mulher e perder o convívio com os filhos; nesse sentido, o filho aproximaria o casal. Quando pensaram nas mudanças que ocorreriam no relacionamento conjugal, Maurício ponderou que iriam passar por muita coisa juntos, mas que o relacionamento não mudaria. No entanto, não sabia

responder ao certo. Fernanda, por outro lado, acreditava que muitas coisas iriam mudar relacionadas à liberdade que eles possuíam e a maior responsabilidade, mas tais mudanças não eram sentidas de forma negativa: “as mudanças servem para fazer a gente amadurecer”. Maurício e Fernanda concordavam que a partir da vinda de Marcos o relacionamento estaria mais unido, pois teriam que cuidar do filho. O casal concordava que as necessidades de seu filho estariam sempre em primeiro lugar.

3.1.3.3. Adaptação no quarto mês de vida do bebê

O casal continuava morando no apartamento da mãe de Fernanda. Toda a mobília do bebê estava organizada no quarto do casal. Havia um berço muito bonito, mas que não estava sendo utilizado, pois Marcos dormia ao lado da mãe. Diferentemente do período da gestação, Fernanda assumiu o papel anteriormente ocupado por sua mãe na visita anterior. Foi ela que nos recepcionou, oferecendo sua hospitalidade. Maurício, dessa vez, permaneceu na sala. O que se destacou no período foi a tranqüilidade da adaptação, mesmo com o cansaço de cuidar de um bebê ainda muito pequeno, e a absorção das mudanças como necessárias naquele momento.

Tanto Fernanda quanto Maurício esperavam a agitação que se sucedeu ao nascimento do filho do casal. Inicialmente, Fernanda sentiu um pouco de dificuldade, principalmente em decorrência do cansaço. Mas sua mãe tomava conta do bebê. Contudo, Maurício questionou a postura de sua esposa e cobrou que ela assumisse os cuidados do filho do casal. Passados dois meses, Fernanda mudou sua postura e passou a cuidar não somente de seu filho mas também da casa: “com o tempo tem que ir desligando esses laços, tem que se virar sozinha”.

Como pai e mãe, Maurício e Fernanda corresponderam às expectativas um do outro. Ele era um pai paciente e participativo, que gostava muito de sair para passear com o filho. Mesmo trabalhando muito, sempre que estava em casa Maurício procurava ajudar sua esposa, cuidando de Marcos. Fernanda era uma mãe carinhosa, que fazia tudo o que estava ao seu alcance para deixar o filho feliz. Eventualmente perdia a paciência, principalmente quando tinha as atividades da casa para cumprir. A única diferença encontrada foi que ela achava que seria muito possessiva. O cansaço fez com que ela procurasse dividir os cuidados de seu filho com o companheiro.

Com relação às mudanças ocorridas com o nascimento do bebê, Fernanda e Maurício comentaram que elas foram muitas. A vida estava muito preenchida pela presença do filho. O casal não conseguia mais fazer o que estava habituado, como ir a um restaurante. A organização financeira também estava diferente. O que antes era gasto com o casal passou a ser utilizado para a manutenção de Marcos, cujas necessidades estavam em primeiro lugar. A sexualidade do casal também sofreu alterações, necessitando de planejamento: “uma confluência dos astros”, como não estar cansado e o bebê não estar acordado. Mas isso não representou uma dificuldade nem gerou atritos. Tais mudanças eram esperadas, pois “não é mais um casal”. Fernanda e Maurício comentaram que quando se propuseram a ter um filho, tinham consciência de que suas vidas iriam mudar.

3.1.3.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Fernanda e Maurício

Quando o casal se conheceu e começou a namorar, ambos moravam com os pais, apresentando uma característica marcadamente adolescente porém essencial para o desenvolvimento e estabelecimento de um senso de *self* adulto: o afrouxamento dos laços infantis e o desligamento da autoridade dos pais (Freud, 1905). Fernanda estava terminando os estudos e pensava em sua escolha profissional, além de possuir relacionamentos afetivos extra-familiares. Maurício, por sua vez, estava empregado, era financeiramente independente, tinha um carro e estava comprando um apartamento próprio em outra cidade. Apesar de possuir uma estrutura que possibilitasse uma vida separada de seus pais, Maurício ainda optava por manter-se ao lado deles. O apartamento comprado estava na planta, não estava pronto para morar, como talvez ainda não estivesse pronta a independência psíquica de seus genitores.

Fernanda, por outro lado, viveu sempre ao lado da mãe, sem a presença do pai, fato nada incomum em sua família. Apesar disso, Fernanda demarcava nitidamente as diferenças e limites entre as duas durante a gestação. Até aquele momento, no entanto, ela possuía um círculo de amigas que permitia a saída dos conflitos familiares e o ingresso em um universo fora da família (Blos, 1979/1996). A vinda de Marcos aconteceu nesse momento de vida semi-estruturado e semi-independente de ambos, assinalando o nascer de um comprometimento com a relação conjugal e com o filho que iria nascer. O filho veio delimitar a diferenciação e delinear uma separação que já estava sendo esboçada, mas que ainda mantinha os resquícios de uma dependência das figuras parentais. Com a gestação do bebê, as próprias famílias de origem autorizaram a passagem para uma nova organização, para a constituição de uma nova família.

A mãe de Maurício incentivou e autorizou a saída do filho e a conseqüente mudança de papéis que começava a ser construída. Da mesma forma, a mãe de Fernanda permitiu a entrada de seu genro em sua casa.

O bebê foi conscientemente concebido e lançou o jovem casal em uma nova etapa de seu desenvolvimento. A primeira, já referida acima, corresponde ao comprometer-se em uma união com um objeto amado. A segunda referia-se à elaboração dos papéis de pai e mãe durante o trabalho psicológico da gravidez. Conscientemente, Fernanda temia a repetição de sua história familiar: tornar-se outra mãe solteira. A vontade dela era possuir uma família completa, pai-mãe-bebê. Seu receio terminou, contudo, quando ela ingressou no terceiro mês de gravidez. Maurício foi morar com Fernanda na casa da mãe dela.

O exercício mental de se projetar enquanto pais de seu filho foi encenado e acessado no momento em que o casal fazia os preparativos para receber o bebê. Fernanda e Maurício encontravam-se muito ansiosos com a vinda de Marcos, desejavam que ele já estivesse com eles, ao mesmo tempo em que tinham muito medo de que o bebê nascesse antes do tempo. Essa questão demonstrava um aspecto ambivalente desse período: querer ter o bebê, recear ter o bebê. O risco de prematuridade do bebê gerou uma ansiedade que poderia estar relacionada aos próprios sentimentos de prematuridade dos pais, a sensação de não estarem preparados para cuidar de um ser dependente. É muito característico durante a gestação ocorrer a identificação com o bebê que está sendo gestado, e esse processo, um tanto quanto regressivo, não necessita, contudo, ser considerado como negativo, uma vez que prepara os pais para atendimento das necessidades de um recém-nascido.

Apesar de uma nova organização estar sendo estabelecida e aparecer nos preparativos para receber o bebê (a arrumação do quarto do casal para acomodar mais uma pessoa, a compra do enxoval ou a compra de um plano de saúde), ainda permanecia um laço com a família, que durante a entrevista de gestação marcou o distanciamento do casal. A mãe de Fernanda foi a anfitriã, ao invés da filha. Maurício retirou-se para o quarto. Refletindo sobre essa cena, poderíamos pensar sobre a dificuldade que representaria para Fernanda e sua mãe, aceitarem e conviverem com um homem em casa, ou melhor, dois, porque futuramente estariam presentes Maurício e Marcos. O papel masculino nessa família de mães solteiras não era ocupado e algumas vezes até mesmo desvalorizado. Fernanda freqüentemente ironizava seu companheiro e fazia gracejos quando afirmava que o bebê seria só dela, pois encontrava-se em sua barriga, ou quando afirmava que não deixaria Maurício pegá-lo porque não teria um

manejo tão adequado quanto o dela. Fernanda demonstrou uma ausência de modelo paterno e de referenciais masculinos, o que dificultou a inclusão de seu companheiro dentro desse gineceu. Talvez a falta de uma representação masculina criasse dificuldades para Fernanda trazer o marido amorosamente para a relação familiar que estava se constituindo. Mesmo assim, essa impossibilidade que se encenava no tom pilhérico e jocoso com que tratava o companheiro possuía outro lado, o da aceitação da ajuda e participação do companheiro em exames, ou mesmo durante os períodos de movimentação do bebê. Esses dois lados caracterizavam a ambivalência vivida por Fernanda naquele momento. Maurício, por sua vez, começava a pensar em uma nova forma de estruturar a organização familiar, referindo-se principalmente à saída deles do apartamento da mãe de sua companheira. Fernanda não discordava, afirmando que eles deveriam ter um apartamento só deles, que tivesse mais um quarto para acomodar, confortavelmente, o filho do casal.

Exceto por esse aspecto referido acima, não ocorreram dificuldades na aceitação das mudanças que foram ocorrendo, como se elas fizessem parte desse processo de transição do casal e fossem aceitas sem uma ambivalência acentuada, ou agravamento do lado negativo da ambivalência expresso em somatizações severas (Soifer, 1997/1992).

Apesar da ambivalência de Fernanda, Maurício conseguia manter um contato íntimo com o bebê através da barriga da mãe. Nesses momentos, cada membro do casal vai se posicionando dentro de seus novos papéis: quem é o pai, quem é a mãe e quem é o filho. Igualmente esse momento de carícias na barriga da gestante também modifica a configuração diádica do casal. O trabalho de elaboração psíquica de Maurício e Fernanda presentifica-se nesses momentos de contato com o bebê. Essas ocasiões, poderíamos pensar, são de riquíssimo valor para Fernanda, no sentido de poder incluir seu marido na relação dual que possui com seu filho. Os futuros pais possuem um papel fundamental durante o processo de transição de suas parceiras para a maternidade, no sentido de ficarem ao lado da futura mãe e fazê-las entender que o bebê não foi concebido magicamente, necessitando de sua participação para que fosse gerado. No caso de Fernanda, a presença de seu companheiro foi essencial. Com a gestação, o relacionamento do casal melhorou, tornou-se mais sólido e comprometido com a relação e, principalmente, com o futuro do filho.

Os momentos de gestação e pós-parto são períodos de intensas mudanças e reorganizações. Uma delas é a reavaliação de experiências vividas anteriormente, com destaque para a infância. Dentro dessa perspectiva, as representações que fazemos de nossos próprios

genitores são trabalhadas enquanto modelos de pai e de mãe. Maurício referiu seu pai como modelo de pai, trabalhando os aspectos positivos do relacionamento de ambos. Já Fernanda não fez referência a modelo algum, em especial ao modelo paterno. Quando se referia a suas vivências passadas, Fernanda pontuava uma ausência. Como não teve pai, não apresentava um modelo paterno. Contudo, ela foi capaz de construir uma imagem de pai ideal, de forma que esse lugar não lhe é inexistente, ou não lhe foi completamente negado. Tomada por uma atitude auto-suficiente, Fernanda não tinha sua mãe ou ninguém como modelo. Penso que poderíamos refletir sobre esse aspecto se considerássemos o conceito de representação trabalhado por Stern (1995/1997). A representação de Fernanda de estar-com-sua-mãe estava associada à representação de estar-sem-seu-pai. Talvez ela, nesse momento, estivesse tentando elaborar uma nova configuração representacional, a de estar-com-a-mãe associada a estar-com-o-pai. Esse momento, denominado por Stern (1995/1997) de *constelação da maternidade*, abre a possibilidade de modificações no mundo representacional dos futuros pais e os coloca frente a uma nova identidade.

Após o nascimento do bebê, ocorreu uma regressão de Fernanda a um estado de maior dependência. Ela delegou à sua mãe os cuidados de seu filho. Durante os dois primeiros meses, quem assumiu a maior parte dos cuidados de Marcos foi a mãe de Fernanda. O período de pós-parto é um momento particularmente sensível, principalmente em se tratando da mãe do bebê, que se encontra mais regressiva no sentido de estar identificada com o bebê. Contudo, essa regressão permite a constituição de um estado de tal permeabilidade ao mundo pré-verbal do bebê que facilita o aprendizado sobre o bebê e sobre os cuidados com o mesmo. Esse momento muito especial, de uma patologia normal, foi chamado por Winnicott (1958/1993b) de preocupação materna primária. No caso de Fernanda, ocorreu uma dificuldade para assumir seu papel de mãe do bebê, o que aconteceu a partir de cobranças vindas de seu companheiro. Com o tempo, refletindo sobre o que estava se passando, Fernanda conseguiu assumir seu papel, ao mesmo tempo em que não restringiu o contato de seu filho com sua mãe. Todavia, ela não conseguiu incluir a família de Maurício, projetando sobre o bebê sua rejeição à família do mesmo. Por exemplo, era Marcos quem não gostava de ir na casa dos pais de Maurício e não Fernanda. Apesar de não incluir dentro de seu novo universo representacional a família de seu marido, Fernanda conseguiu incluir a figura paterna. Ao assumir os cuidados de seu filho, Fernanda sentiu a falta de seu companheiro e começou a dividir os cuidados de Marcos com eie.

É interessante destacar que as mudanças que ocorreram foram sentidas como fazendo parte dessa nova etapa do desenvolvimento do casal, um momento transitório e reconhecido como tal. Excetuando esse episódio, a adaptação estava sendo mais tranqüila do que o esperado. Todavia, Fernanda apresentava uma característica que poderia mascarar a presença de uma certa agressividade ou ansiedade relacionadas às transformações desse período que conscientemente estão sendo aceitas pelo casal: um riso nervoso.

3.1.4. Caso 4: casal Lisiane e Adriano

3.1.4.1. Pré-história da gravidez

Lisiane e Adriano moravam em um local de difícil acesso. A residência do casal constituía-se de uma casa pré-fabricada de dois andares, muito bonita, apesar de não estar pintada. O interior da casa era muito organizado e limpo. As peças não eram numerosas e o quarto do bebê ficava bem próximo ao quarto do casal.

O casal mostrou-se muito disponível e acessível. A entrevista foi realizada na sala, ambos sentados lado a lado à mesa de jantar. A entrevista fluiu, sem que ninguém a monopolizasse. Em diversos momentos, Lisiane e Adriano dialogavam, na maioria das vezes complementando a fala um do outro. A história do casal desenrolou-se normalmente, sem maiores dificuldades. O que mais se destacou foi o distanciamento das famílias de origem, tanto geográfico quanto emocional. Em diversos momentos foi demarcada a diferença entre eles e seus genitores e a autonomia e independência que eles possuíam.

Lisiane e Adriano conheceram-se no local de trabalho. Ela era natural de outro estado e dividia o apartamento com outra moça. Ele ainda morava com os pais. Desde o início ela apaixonou-se pelo seu jeito fácil e alegre. Ele, no entanto, preferiu tornar-se apenas um bom amigo de Lisiane. Quando ela havia desistido dele, os dois ficaram juntos durante uma festa do trabalho. Apesar de Adriano não dar muita importância, o namoro foi engrenando aos poucos e naturalmente. Lisiane mudou-se de apartamento e ele ajudou a organizar a nova casa de sua namorada, “sem compromisso”. Como Adriano passava muito tempo na casa de Lisiane, a mãe dele sugeriu que ele se mudasse definitivamente para lá. Ele foi. Lisiane estava muito insegura sobre o futuro do relacionamento, achava que estava evoluindo muito rápido. Como ela tinha um relacionamento muito tumultuado com seu pai e a vida em família havia sido muito conturbada, ela não pensava em se casar e ter filhos. Apesar disso, Lisiane e Adriano

começaram a conviver juntos, trabalhando para estruturar o apartamento do casal. Eles não contavam com a ajuda da família e acreditavam que sua proposta de vida diferenciada, autônoma e independente, incomodava seus familiares. Tal incômodo transformou-se em pressão para que o casamento fosse oficializado. Lisiane e Adriano cederam e casaram-se, desta vez com o patrocínio das famílias. O casamento religioso foi na cidade de Lisiane, mas seu pai recusou-se a levá-la ao altar. A união civil ocorreu passado algum tempo, sem que os familiares dela soubessem. Lisiane e Adriano assinalaram que estavam ficando semelhantes com a convivência. Ela perdendo a severidade e ele tornando-se mais sério.

Após dois anos de casamento, Lisiane e Adriano programaram-se para comprar uma casa própria. Sem contar com ajuda financeira, fizeram um empréstimo e mandaram construir sua nova residência. O casal, já estruturado, possuindo os bens considerados essenciais, planejou a gravidez, organizando detalhadamente a data em que deveria nascer o bebê, as férias, a organização dos horários de trabalho. A primeira tentativa resultou em um aborto espontâneo. A segunda tentativa foi feita nos mesmos moldes da primeira, sendo bem sucedida. Lisiane e Adriano engravidaram de Lucciano. Como haviam programado anteriormente, Lisiane, grávida, foi com Adriano- e Lucciano na sua barriga - pular o carnaval da Bahia.

3.1.4.2. O trabalho psicológico da gravidez

Em suas entrevistas, Lisiane e Adriano consideraram basicamente os mesmos tópicos, diferindo um pouco tanto em tempo quanto em conteúdo. A principal distinção esteve relacionada às funções parentais. Lisiane estava mais preocupada do que seu marido. Novamente apareceram o distanciamento da família e o fato de que o casal fazia questão de dispor de seus próprios recursos para cuidar do bebê que iria nascer.

Lisiane e Adriano não demonstraram estar preocupados com a gravidez, fazendo comentários sobre a saúde do bebê e da gestante. Como a gravidez fora planejada, o casal encontrava-se mais ocupado com a organização tanto da casa para receber o futuro filho quanto dos horários de trabalho, do pedido de férias e do ingresso na creche.

Diferentemente de Adriano, Lisiane estava preocupada com sua capacidade de ser uma boa mãe. Como não possuía experiência com crianças, achava que poderia ter um pouco de dificuldade. Lisiane contaria com a experiência e o auxílio de seu marido, que trabalhava com

crianças e poderia esclarecer suas dúvidas. Adriano concordava com ela e, mesmo durante a gestação, procurava passar algumas informações.

Quando eles imaginaram-se como pais, Lisiane achou que seria uma mãe possessiva, porém carinhosa, calma e atenciosa como sua mãe, contudo, jamais omissa como ela havia sido em sua criação. Adriano, por sua vez, achava que ser pai não seria difícil e que ele iria ser um pai participativo, auxiliando Lisiane sempre na criação de Lucciano.

Tanto Lisiane quanto Adriano relataram modificações ocorridas durante a gestação. Ele, principalmente, no sentido de uma nova organização e construção de novos projetos. Ela, referindo-se a mudanças pessoais e de relacionamento. Adriano achava que não haviam ocorrido mudanças radicais, assinalando, contudo, que sua esposa estava mais tranqüila. As mudanças por ele destacadas situavam-se mais na estruturação da casa e na composição do quarto do que em mudanças pessoais. Lisiane, por outro lado, acentuou os aspectos de mudança pessoal tanto dela quanto dele. Ela achou que o marido estava mais companheiro, e ela estava se sentindo mais calma e compreensiva, inclusive seu relacionamento com outras pessoas também estava melhorando. Lucciano já era sentido como fazendo parte da família. Lisiane e Adriano perceberam que o relacionamento do casal havia mudado.

Pensando sobre as mudanças que ocorreriam no futuro, eles não souberam afirmar o que aconteceria, nem pensaram muito sobre o assunto. Lisiane, contudo, afirmou que ocorreriam mudanças. Ela não soube definir se as transformações seriam para melhor ou para pior, apenas que, se fosse ruim, eles teriam que conversar. O casal destacou que eles não contariam com a ajuda da família, uma vez que sempre haviam sido muito independentes.

3.1.4.3. Adaptação no quarto mês de vida do bebê

O casal continuava morando na mesma residência. Entretanto, percebia-se que a casa estava pintada com cores claras e muito bonitas, parecendo uma casinha de bonecas. No interior encontrava-se a mesma arrumação, porém com alguns brinquedos espalhados pelo mobiliário. Enquanto respondiam às perguntas, eles sempre se revezavam no atendimento ao Lucciano. Novamente, o casal dialogou, complementando a fala um do outro, e em alguns momentos ambos chegavam a falar simultaneamente. O casal centrou-se em três aspectos essenciais de sua adaptação: as diferenças na experiência da parentalidade, a questão da preparação e, por último, um momento de estresse conjugal.

Primeiramente, o casal relatou uma diferença entre o modo como cada um estava percebendo o momento de transição. Lisiane estava satisfeita, achando muito bom cuidar de seu filho, apesar do cansaço. Adriano, por sua vez, estava enfrentando uma certa dificuldade em lidar com um bebê pequeno, o que não correspondia às suas expectativas iniciais. Apesar de lançar mão de algumas estratégias para manter sua tranquilidade, Adriano perdera a paciência durante o período de cólicas de seu filho, o que ocasionou um pequeno estresse entre o casal. Ele não conseguia suportar o choro de Lucciano, ficando estressado, sem conseguir acalmá-lo devidamente. Nesse momento, o casal não contava com ninguém para auxiliá-los com Lucciano. A família de Adriano, que morava mais próximo, também não conseguia ficar com o bebê quando ele chorava.

Lisiane e Adriano corresponderam às expectativas um do outro quanto ao funcionamento como mãe e como pai. Lisiane era uma mãe carinhosa, protetora e muito compreensiva, chegando a surpreender Adriano com sua capacidade de entender os sinais de Lucciano. Ele, excetuando o momento de estresse relatado, também era um pai participativo e atuante, trocava fraldas, dava mamadeira de suco, banho, etc.

Com relação às mudanças, tanto pessoais quanto conjugais, o casal assinalou que ambos já sabiam que, no momento em que decidiram ter filhos, isso implicaria uma série de modificações; por exemplo, quando eles fossem à praia, teriam que se revezar nos cuidados do bebê, porque ele não iria até a beira-mar. Para eles, tais mudanças eram esperadas, mas, como tudo fora planejado e preparado, elas não foram sentidas como mudanças, estavam incorporadas.

3.1.4.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Lisiane e Adriano

Lisiane e Adriano eram jovens independentes, trabalhavam no mesmo local. Ela morava sozinha e ele ainda com os pais. Aparentemente haviam completado sua transição adolescente quando lançaram-se em outra fase de seus desenvolvimentos. A questão da intimidade e o comprometimento em uma relação a dois foram sendo vagarosamente constituídos, principalmente devido às inseguranças de Lisiane, que, no entanto, não comprometiam o continuar de sua trajetória desenvolvimental. Essas inseguranças baseavam-se em suas experiências enquanto filha de seu pai e enquanto membro de uma família com dificuldades severas de relacionamento e comunicação. É interessante destacar que uma das características desse casal é o diálogo: eles conversam muito e sempre.

Considerando Adriano, o comprometer-se com o relacionamento ocorreu com a interferência materna. A mãe dele colocou de forma explícita que Adriano já estava mais no apartamento de Lisiane do que convivendo com a família, e convidou-o a sair de casa. A mudança inclusive foi feita com a ajuda dos pais dele. Podemos pensar que esse empurrão da família possa ter desmanchado a pouca resistência que impedia Adriano de assumir o comprometimento no relacionamento com Lisiane.

O casal passou a estruturar sua casa e sua vida sem contar com o auxílio das famílias de origem. Lisiane e Adriano sempre fizeram questão de delimitar as diferenças entre eles e seus familiares, assim como nunca pediram ajuda a eles. Essa demarcação e estabelecimento das diferenças conferiam ao casal um status de transgressor dos valores e ideais das famílias de origem. A própria situação de não estar legalmente casado marcava essa diferenciação. O interessante é que o casal cedeu às pressões familiares e casou-se tanto no civil quanto no religioso. Apesar disso, o discurso não se modificou, eles eram “*os diferentes*”¹¹ e mantinham-se à distância de um contato mais próximo com as famílias. Nesse ponto, talvez possamos pensar que a necessidade de se manter à distância dos pais, de marcar as transgressões aos valores e às diferenças encenava um aspecto característico da adolescência. O adolescente, na busca de estabelecer uma identidade diferenciada, pode, muitas vezes, entrar em confronto com os valores e ideais parentais (Aberastury, 1970/1991). Poderíamos refletir um pouco sobre a ambivalência presente no casal e que poderia estar representada nas palavras diferença e semelhança. Por um lado Lisiane e Adriano faziam questão de marcar a diferença que tinham de seus pais; por outro, fizeram exatamente o que seus pais esperavam, tornando-se semelhantes a eles: casados oficial e religiosamente.

O casal funcionava através de planejamentos. Primeiro, consolidaram a união, depois, fizeram um financiamento para comprar a casa própria e programaram-se para conceber um bebê. O primeiro planejamento de concepção resultou em um aborto espontâneo no primeiro trimestre de gestação. No ano seguinte foi feito o mesmo planejamento, observando os mesmos moldes da organização anterior. Uma particularidade apenas pode ser pensada como um aspecto da ambivalência presente na gestação: o casal, no segundo mês de gestação do bebê, viaja para passar o carnaval na Bahia, manobra um tanto arriscada para quem havia perdido um bebê no mesmo período de desenvolvimento embrionário. Os aspectos ambivalentes presentes

¹¹ Grifo da autora.

nesse período do desenvolvimento são normais e podem se manifestar das mais diversas formas. Se o lado negativo da ambivalência se sobressai é possível que ocorram problemas durante a gestação, sintomas somáticos acentuados, perda do bebê, entre outros (Bydlowsky, 2000a).

Lisiane e Adriano, mesmo durante a gestação, não se aproximaram dos pais. Muito pelo contrário, cada vez mais se centravam em seus próprios recursos para estruturar a casa e receber o bebê. Um dos temas da *terceira individuação* é a capacidade que os novos pais têm de estabelecer uma relação adulta baseada na igualdade e mutualidade com seus progenitores. Esse aspecto não foi considerado pelo casal nem na gestação nem após o nascimento do bebê. Questões de ansiedade e aumento de dependência não se apresentaram nesse casal. Apenas Lisiane estava insegura sobre sua capacidade maternal, mas essa preocupação levou-a a realizar um exercício mental de como seria cuidar de seu bebê no futuro, e dos recursos de que ela poderia dispor. Adriano, resguardado em sua experiência profissional com crianças, não apresentava as mesmas preocupações. Mesmo distanciada da família, Lisiane, ao contrário de seu marido, construiu seu modelo materno a partir de sua mãe, considerando algumas restrições, como não ser omissa como ela foi frente ao conflito pai-filha.

Na gravidez acontece a reatualização da filiação (Szejer, 1999), o que permite que antigos conflitos possam ser elaborados, na medida em que se apresentam bastante aflorados. Quando Lisiane repensava sua relação com sua mãe, considerando as falhas maternas mas sem destituí-la de seus aspectos positivos, ela estava elaborando seu próprio funcionamento futuro enquanto mãe e permitindo aceitar as falhas maternas o suficiente para que sua mãe fosse um modelo maternal. Quanto ao modelo de pai, ocorreu o inverso, mas também possibilitou a elaboração de uma nova configuração paterna, baseada nas características pessoais de seu marido, afetuoso, companheiro e comunicativo. Adriano, por sua vez, não possuía modelos prontos e acreditava que as expectativas poderiam ser prejudiciais no futuro, caso não se confirmassem.

A inclusão de Lucciano era perceptível nos momentos em que ele era considerado como um membro da família, mesmo dentro da barriga da mãe. Lucciano, Lisiane e Adriano já eram três, segundo palavras de sua futura mãe. O mesmo ocorria quando Adriano preocupava-se com o barrigão e tecia novos planos, como ocupar-se com a organização do quarto do bebê. Com relação às mudanças, percebe-se que Lisiane fazia referência a mudanças mais pessoais, e Adriano a projetos. Pouco foi falado sobre o processo de adaptação no futuro. Essa

diferenciação entre Adriano e Lisiane é muito importante e, de alguma forma, poderá auxiliar a compreender uma pequena distinção entre os processos de adaptação de ambos.

O período de adaptação ao bebê é um momento de aprendizagem sobre como lidar com um ser tão dependente e que demanda energia, tempo e muita tolerância por parte dos novos pais (Brazelton, 1981/1988). Ao mesmo tempo, uma temática bastante pertinente à *terceira individuação* apareceu sob a forma de dificuldade no caso de Adriano e Lisiane: a contribuição que os pais do bebê realizam ao seu próprio processo de desenvolvimento quando possibilitam o convívio dos avós com o neto (Colarusso, 1990) não pôde ser realizada. Tomando o primeiro aspecto, percebemos uma nítida diferença entre o processo de adaptação de Lisiane e o de Adriano. Lisiane, que durante o trabalho psicológico da gravidez demonstrava em seu discurso a tentativa de uma elaboração de sua função materna, apresentou uma adaptação tranqüila, apesar do cansaço. Ela sentia-se gratificada e recompensada com seu bebê, que, por sua vez, também correspondia positivamente a sua maternagem, reforçando sua capacidade de ser uma boa mãe. Por outro lado, encontramos Adriano, para quem a adaptação não correspondia às expectativas da gestação. O discurso de Adriano na gestação, comparado ao de sua esposa, estava um pouco empobrecido dos conteúdos presentes em uma elaboração psicológica, como reavaliação das figuras parentais. De qualquer forma, o seu apego a aspectos práticos da preparação para a vinda do bebê poderia estar mascarando uma defesa contra a ansiedade frente a mudanças tão significativas. Adriano, após o nascimento do bebê, muitas vezes não conseguia ser continente nos momentos de angústia de seu filho, não tolerando o choro nem a desorganização que emergia nesses momentos. Ao invés de acalmar o bebê - tratado como um adulto, "o cara" -, Adriano tentava se acalmar. Quando não conseguia, passava o bebê para Lisiane. O pai e a mãe de Adriano igualmente não toleravam qualquer manifestação de Lucciano que pudesse ser um indício de choro. Mesmo que fosse uma simples vocalização, ela era interpretada como possibilidade de choro. Nesses momentos eles entregavam o neto aos pais.

Ao falar dos familiares de Adriano, retomaremos um aspecto que permanece constante desde o início do relacionamento do casal, mas que agora assume uma outra configuração: as questões relacionadas à diferença e ao distanciamento dos progenitores. Existe uma dificuldade do casal em permitir a aproximação dos familiares e o convívio dos avós com o neto. Essa dificuldade não surgiu com a gestação, mas é aparente em fases anteriores do desenvolvimento de Lisiane e Adriano. O entendimento, talvez, poderia ser passar pela significação da palavra

diferença e seus derivados. Em um momento o casal referiu temer ter um outro filho, pois essa questão de fazer a diferença entre os irmãos era problemática para eles. Em outro, referiram que com o tempo eles estavam se tornando muito semelhantes pela convivência.

Independentemente desses aspectos, que representam nesse momento uma parte pequena do universo da adaptação, mas que futuramente poderia alcançar proporções maiores, a continuidade do desenvolvimento do casal após o nascimento do filho mostrou-se satisfatória. As expectativas foram correspondidas, tanto em relação ao bebê quanto ao relacionamento conjugal, que abriu espaço para sua inclusão, e ao funcionamento enquanto mãe e pai.

3.1.5. Caso 5: casal Muriel e Ildo

3.1.5.1. Pré-história da gravidez

A história de Muriel e Ildo transcorreu sem dificuldades no estabelecimento de um compromisso. Destacou-se a autonomia e independência do casal, que tomava as decisões sem influência de familiares.

Quando Muriel e Ildo se conheceram, ambos trabalhavam e moravam sozinhos. O primeiro encontro deu-se em uma danceteria na praia onde moram os pais dela, porém o namoro aconteceu quando eles retornaram à capital. Os familiares receberam bem o namoro. Ela era o oposto dele, muito expansiva e alegre; ele, mais sério e reservado, “pólos opostos às vezes se atraem”, mencionou Ildo. Muriel e Ildo moravam próximos e viviam um no apartamento do outro, mas decidiram morar juntos apenas após uma viagem do casal.

O início da vida em comum foi tranquilo, pois eles já passavam muito tempo juntos. Depois de um ano de convivência, o status de namorado não agradava mais a Muriel e a Ildo. Eles decidiram se casar por uma decisão própria e não por sofrerem influências de outras pessoas. Somente após oficializado o noivado é que as famílias se encontraram. A gravidez foi muito planejada, inclusive plano de saúde prévio foi feito para o caso da concepção se concretizar, o que ocorreu durante uma viagem de trabalho de Ildo para a Alemanha. Muriel e Ildo ficaram muito felizes ao conceberem sua filha Jane.

3.1.5.2. O trabalho psicológico da gravidez

A residência do casal era muito bonita e transmitia tranqüilidade. O apartamento era pequeno, porém bem organizado, limpo e bem decorado. O quarto do bebê estava sendo montado. O casal parecia bem sintonizado, demonstrando um clima harmonioso e afetivo. As entrevistas de Muriel e Ildo não foram muito distintas. A entrevista do futuro pai foi mais extensa do que a da gestante. O que mais se destacou foi o diálogo que o casal procurava ter, conversando sobre tudo o que dizia respeito a sua filha, sobre as mudanças que estavam ocorrendo durante a gestação e a expectativa do que iria mudar no futuro.

Muriel e Ildo afirmaram não ter muitas preocupações durante a gestação, apenas interessavam-se em saber sobre a saúde do bebê. Eles fizeram um bom acompanhamento, realizaram todos os exames necessários, questionando freqüentemente o obstetra para que esclarecesse suas dúvidas quanto à saúde do bebê. As mudanças corporais dela também foram bem aceitas por ambos. Não se preocupavam com questões de apoio, pois eles teriam a ajuda um do outro, além dos familiares, que também estavam ajudando.

Quando imaginaram-se em suas funções de pai e mãe, projetaram-se como afetuosos e atenciosos. Muriel, porém, receava não saber dar limites. Ela seria uma mãe carinhosa e protetora, como sua mãe fora, porém, guardadas algumas restrições, sua mãe era um tanto intrusiva. Ildo acreditava que seria um bom pai, pois era professor e tinha um bom relacionamento com crianças. Além disso, ele procuraria ser participante, ajudando sua esposa quando ela necessitasse descansar.

Tanto Ildo quanto Muriel perceberam mudanças pessoais e conjugais, esperando que, com a vinda de Jane, elas se acentuassem. Ele estava mais preocupado com sua esposa, mais protetor e tolerante, liberando o talão de cheques para que ela gastasse o que fosse necessário para as compras de sua filha. Ela, por sua vez, estava mais responsável e muito envolvida com a gravidez, organizando e preparando o que fosse necessário para sua filha. Quanto ao relacionamento conjugal, Muriel e Ildo achavam que continuava o mesmo, apenas estavam mais distantes. Ildo tinha medo de machucar a barriga de sua esposa, e, conseqüentemente, o relacionamento sexual foi o que mais se modificou durante o período. As expectativas quanto ao futuro eram de mais mudanças, pois tudo o que antes era dividido entre o casal seria direcionado para a filha, que estaria em primeiro lugar. Essas mudanças estavam sendo

esperadas. Muriel e Ildo conversavam muito sobre como seria a vida após o nascimento de Jane.

3.1.5.3. Adaptação no quarto mês de vida do bebê

O casal continuava morando no mesmo apartamento, mas pela casa viam-se alguns objetos que assinalavam a presença do bebê. Contudo, a residência permanecia organizada e limpa. As entrevistas individuais de Ildo e Muriel tratavam praticamente dos mesmos temas, demonstrando as dificuldades daquele período inicial, enfrentadas principalmente por Muriel, que assumiu os cuidados de Jane praticamente sozinha. Aos três meses do bebê, acentuou-se o distanciamento do casal. O quarto do bebê estava organizado, mas ele dormia com os pais.

O período inicial foi muito cansativo, principalmente para Muriel, que passava o dia inteiro cuidando da casa e da filha. Posteriormente, eles sentiram-se mais confiantes e seguros com relação a Jane. Contudo, Muriel esperava pela hora de voltar a viver e não ficar somente em função do bebê. Os poucos momentos de descanso que possuía eram na casa de sua família, para onde eles iam em alguns finais de semana. Ildo achava que a adaptação estava sendo conforme as expectativas. Mas, preocupado com a sobrecarga que recaía sobre sua mulher, tentava auxiliá-la sempre que estava em casa.

Enquanto pais, eles corresponderam às expectativas um do outro, porém com algumas restrições. Muriel não teve medo de cuidar de um bebê pequeno, mas foi aprendendo a ser mãe conforme cuidava de sua filha. Ela tentava ser uma boa mãe, mas sentia-se, algumas vezes, desesperada e atrapalhada em ter que cuidar da casa e do bebê. Muriel sentia-se presa, e o desmame precoce de Jane liberou um pouco sua mãe da sobrecarga de trabalho, e fez com que o bebê não ficasse totalmente dependente da mãe afetivamente. Ildo era um pai atencioso e carinhoso, procurando dar todo o suporte material e afetivo para sua família.

Quanto às mudanças que ocorreram, Muriel e Ildo percebiam um aumento da responsabilidade e uma perda da liberdade, mas com um retorno muito gratificante. Tanto Muriel quanto Ildo relataram um desgaste do relacionamento conjugal, pois faltava tempo e energia para manter a relação. Segundo o casal, Jane tomava todo o tempo deles, que não conversavam mais, exceto para falar sobre sua filha. Muriel afirmou que sua filha separou totalmente o casal, uma vez que existia uma pessoa exigindo toda a atenção.

3.1.5.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Muriel e Ildo

“Pólos opostos às vezes se atraem”. A fala de Ildo sobre o início do relacionamento do casal nos leva até as considerações de Freud (1914) sobre a trajetória de cada um em direção à escolha do objeto em conformidade com o tipo narcisista. Segundo o autor, uma pessoa pode amar o que ela vê dela mesma no outro, o que ela própria foi, o que ela gostaria de ser mas não é, e alguém que foi uma vez parte dela mesma.

A questão dos opostos recairia sobre o fato de Ildo e Muriel representarem um aspecto do que cada um gostaria de ser, mas não foi ou não é. Cada membro do casal valorizava no outro esses aspectos que os distinguiam. Esse encontro de opostos aconteceu em um momento específico do casal em que questões desenvolvimentais relacionadas à adolescência aparentemente haviam chegado a uma boa resolução. Ambos trabalhavam, moravam sozinhos e funcionavam em um nível mais independente, cuidando de suas próprias necessidades, sem procurar ajuda dos progenitores. Existia um certo distanciamento das famílias de origem, no sentido de eles buscarem sempre agir de forma independente, como se não fosse possível para eles, pedir ajuda, mas não para os pais que prestavam auxílio. Contudo, esse distanciamento não era de ordem afetiva, pois ambos ainda mantinham um relacionamento afetivo com seus pais, e vice-versa. Esse distanciamento, na verdade, poderia representar uma necessidade do casal de resolver sozinho os conflitos, sem a inclusão dos pais. Entretanto, não era descartada a possibilidade de aceitar a ajuda espontânea dos pais e significá-la como um gesto de carinho, como ocorreu na gestação.

O casal não apresentou dificuldades de comprometer-se em um relacionamento afetivo baseado na entrega e na intimidade. A evolução da relação levou a uma insatisfação frente ao caráter de namoro, pois eles já viviam juntos e davam-se muito bem. A decisão de se casar veio oficializar para o mundo externo o que internamente o casal já havia elaborado: a fixação de uma escolha, o comprometimento com a mesma e o engajamento em um processo de desenvolvimento adulto que se direcionava para uma nova etapa, a generatividade.

A concepção do bebê foi feita sob planejamento e organização. A aceitação da gravidez foi muito boa, o casal encontrava-se maravilhado, assim como todos os familiares. Todos os aspectos referentes à gestação e à filha eram conversados pelo casal, que não apresentou aspectos ambivalentes acentuados, sobressaindo-se os aspectos positivos. Contudo, apesar de Muriel e Ildo não referirem uma preocupação acentuada com a saúde da filha, faziam uma série

de exames, assim como questionavam os médicos sobre tudo, como que para assegurar-se de que estava tudo correndo bem com o bebê. O que se observa aqui é que o lado negativo da ambivalência, marcado pelos desejos de não ter o bebê, de não deixar de ser filho, de negar as transformações, nem sempre aparece em todo seu colorido, mas em pequenas nuances.

O trabalho psicológico da gravidez marca a elaboração dos aspectos filiativos e a emergência de modificações conjugais e individuais que vão realizando a transição do casal em direção a sua nova função, a de progenitores. Ildo mostrava-se paternal, cuidando de sua esposa com extremo zelo e provendo todas as suas necessidades. Como não tinha pai, a elaboração desse lugar de paternidade construía-se no espaço do ideal de funcionamento paterno, no qual ele poderia se espelhar. Muriel incorporava um senso maior de responsabilidade, organizando todos os preparativos práticos para a chegada de sua filha. Ela também retomava questões de suas experiências com sua mãe, revendo os aspectos positivos de carinho e afeto e os negativos de falta de limite e intrusão maternos. Esses aspectos negativos de seu relacionamento com a mãe originaram na futura mãe um receio de não saber trabalhar com a questão de limites e não saber como colocar esses limites para sua filha. Outras inseguranças relativas a não saber cuidar de um bebê pequeno fazem parte do processo psicológico da gestação. Primeiro porque a futura mãe identifica-se com a fragilidade do bebê em sua barriga, e segundo porque, na medida em que é capaz de verbalizar, a insegurança atinge outra esfera, a simbólica, passível de elaboração.

As mudanças no relacionamento conjugal referiam-se às questões de construção de um lugar para o filho. Ocorreu um afastamento do casal, por medo de machucar o bebê durante o ato sexual ou até mesmo machucá-lo em momentos de namoro. A manutenção do relacionamento amoroso e sexual é de extrema importância, no sentido de não isolar cada membro do casal dentro de suas próprias questões desenvolvimentais.

O período de adaptação foi caracterizado por um intenso cansaço, principalmente por parte de Muriel, e pela percepção de um distanciamento ainda maior no relacionamento conjugal. Após o nascimento do bebê, as questões desenvolvimentais continuam a se fazer presentes e marcam uma evolução ou não da elaboração realizada na gestação (Maldonado, 1997). Nesse caso, Muriel, após o nascimento do bebê, não estava conseguindo proporcionar a contenção e tolerância necessárias para que sua filha se desenvolvesse de forma tranqüila. Ela muitas vezes não conseguia acalmar a filha devidamente, sentindo-se exaurida em suas forças, esgotada por ter um bebê que exigia muita atenção. Apesar disso, ela afirmava que estava

aprendendo a ser mãe. E realmente estava. Apesar de haver tentado durante a gestação elaborar aspectos da função materna, Muriel ingressou em um estado de dependência de seu marido, que assumiu características muito maternas no relacionamento do casal: sempre muito protetor, atencioso e cuidando da saúde dela. É possível que esse estado de dependência possa ter atrapalhado a transição do papel de filha para o de mãe de sua filha. Ser cuidada e paparicada pode ter reforçado os aspectos regressivos, como a dependência, que comumente aparecem durante a gestação, dificultando a posterior adaptação de Muriel, que agora, com sua filha, estava aprendendo a ser mãe. Seu marido sentia que estava conseguindo proporcionar a sobrevivência da família e, na medida do possível, aliviar a carga de trabalho de sua esposa. Apesar do desgaste, o casal não relatava uma quebra das expectativas em relação ao funcionamento parental tecidas no período da gestação.

Percebe-se uma dificuldade do casal em lidar com os aspectos de extrema dependência do bebê. As demandas infantis sugam a energia do casal e não é muito tolerada. A própria amamentação foi interrompida precocemente como uma forma de preservar um pouco da energia de Muriel. A despeito disso, ela considerava que estava dando o melhor possível naquele momento. E Ildo achava que estava conseguindo suprir material e afetivamente sua família. Contudo, quando refletimos sobre as mudanças conjugais que o casal relatou no período de pós-parto, percebemos uma intensificação da separação percebida no período de gravidez.

3.1.6. Caso 6: casal Luciana e Fabiano

3.1.6.1. Pré-história da gravidez

Iniciamos a entrevista do casal com ambos sentados no sofá, Luciana com as pernas sobre o colo de Fabiano. Ela monopolizou a entrevista. Contudo, em muitos momentos, buscou em Fabiano uma ajuda, quase uma confirmação do que estava falando, como se fosse ele que assegurasse a veracidade dos fatos. Luciana, com seu leve sotaque nordestino, relatou as idas e vindas de seu relacionamento com Fabiano, a dificuldade que ambos tiveram em assumir um relacionamento a dois desde o início e, posteriormente, a de assumir o compromisso de um casamento.

A dificuldade inicial estava relacionada a questões do passado de cada um. Quando o casal se conheceu, durante um curso, Luciana era noiva havia seis anos, e Fabiano estava se

divorciando. Ele não pretendia viver com outra pessoa, nem ela pensava em deixar a segurança de seu noivado por um namoro incerto, apesar de estar gostando de Fabiano. Essa dificuldade inicial acabou resultando em algumas separações e reconciliações. No entanto, Luciana desfez o noivado, motivo da primeira separação, e passou a conviver sob o mesmo teto com Fabiano. Alguns dias ela passava no apartamento dele, depois ele, no dela.

O casal prosseguiu dessa maneira até que Luciana passou a morar definitivamente com Fabiano, pois seu apartamento havia incendiado. Sua mãe, que alugava o apartamento para ela e seus irmãos, chamou todos os filhos de volta. Fabiano, porém, pediu que Luciana ficasse, afirmando que assumiria todas as suas despesas e ela poderia continuar estudando. A mãe dela nada sabia, mas, como sempre, teve muita influência sobre a filha. Logo que possível, o casal fez uma visita para que o genro fosse apresentado e a situação do casal fosse esclarecida, uma vez que o casamento só poderia acontecer com a homologação do divórcio de Fabiano. Legalmente divorciado, Fabiano casou-se com Luciana. Segundo ela, a legalização da união era importante porque ela havia perdido todos os seus direitos como dependente de sua mãe. A questão do casamento foi cercada de muita ansiedade por parte do casal. Eles tinham muito receio de que o casamento fosse modificar sua vida de namoradinhos. O medo do compromisso levou o casal a não usar aliança, nem possuir certidão de casamento. Luciana disse, naquela época: “a gente é como se fosse marido e mu-namorado, sabe, o que a gente não queria era casar e virar aquela obrigação de marido e mulher, né”.

A concepção do bebê foi anterior ao casamento, mas a descoberta deu-se alguns meses depois, quando a gestação estava entrando no quarto mês. A gravidez foi muito desejada pelo casal, embora não esperada para aquele momento. Ambos os cônjuges apresentavam dificuldades físicas em gerar um bebê. Fabiano estava tratando uma prostatite e Luciana precisava fazer um tratamento para estimular a ovulação. Frente a essa dificuldade, o casal já estava pensando em fazer uma adoção, porém, antes que ela fosse concretizada, Luciana e Fabiano conceberam sua filha, Lúcia.

3.1.6.2. O trabalho psicológico da gravidez

Luciana e Fabiano moravam em um apartamento de tamanho médio na zona sul. No interior do apartamento, era perceptível, além da pouca mobília e uma certa desordem, um cheiro muito forte que denotava a presença de um cachorro. Luciana era uma jovem gestante, muito falante e disposta. Fabiano, por sua vez, era de poucas palavras e bastante reservado.

As entrevistas de Fabiano e Luciana foram muito distintas, tanto em tempo quanto em conteúdo. Fabiano falou pouco, mas abordou aspectos muito significativos de sua história e do momento da gestação de sua filha. O que se destacou em seu relato foi o fato de assinalar, em vários momentos da entrevista, a importância de sua idade, de sua experiência, de sua maturidade e de sua condição econômica. Apesar de esses aspectos terem sido marcadamente assinalados como indicadores de uma boa adaptação ao nascimento de sua filha, o futuro pai pensava no futuro como “uma coisa imprevisível”. Luciana, por outro lado, concedeu a entrevista mais longa de todos os casos aqui apresentados. Ela encontrava-se muito ansiosa, principalmente pela proximidade do parto e pelas modificações que ocorreriam com o nascimento de sua filha. Foi muito aberta, falando honestamente de suas aflições e dificuldades, principalmente as relacionadas aos aspectos corporais. Em sua entrevista fica muito clara a importância de seu marido, um companheiro e amigo nos momentos mais difíceis de sua trajetória.

A maior preocupação de Fabiano era quanto à solidão que o casal enfrentaria após o nascimento do bebê, uma vez que os familiares residiam em outros estados. Mas lembrou que uma família de amigos de sua esposa estava se mostrando disponível e poderia auxiliar o casal naquele momento inicial. Luciana, apesar de mencionar essa mesma preocupação, relatou outras dificuldades e ansiedades. Primeiramente, como ela disse, a gravidez fora “difícil de assimilar”, principalmente porque seu curso de graduação teria de ser trancado. Posteriormente, foram aparecendo progressivamente dificuldades em aceitar as transformações de seu corpo, em aceitar o sexo de seu bebê e, por último e mais importante, em enfrentar um medo muito grande do parto normal. Esse medo tomou proporções tais que começaram a surgir algumas somatizações e comportamentos fóbicos: ela sentia dores, não saía de casa, não queria ficar sozinha, etc. Fabiano assumiu uma função essencial nesse período, fornecendo apoio e segurança nos momentos mais difíceis. Em todas as etapas, ele procurou valorizar e tranquilizar Luciana.

Tanto Luciana quanto Fabiano, mas basicamente esse último, relataram uma mudança de postura no sentido de uma maior responsabilidade e preocupação com o futuro. Fabiano, por exemplo, estava estudando para tentar um concurso melhor e já estava procurando um novo apartamento para a família. Luciana também estava gastando sua mesada em compras para a filha e para a nova casa.

Quando se imaginaram em suas funções de pai e mãe, projetaram que seriam pais exigentes: Fabiano, devido a sua educação parental; Luciana, em decorrência do que aprendera sobre amor exigente em um grupo terapêutico. Fabiano achava que seria um pai participativo e Luciana, embora imaginasse que teria dificuldades para cuidar do bebê no início, achava que seria uma mãe carinhosa como fora sua mãe. Contudo, quando falou de sua mãe, Luciana contou que os seus momentos de carinho eram muito raros. Segundo a mãe de Luciana, bastava, para uma criança, ter um ambiente familiar bom e ser bem cuidada e bem alimentada.

Fabiano e Luciana perceberam que o relacionamento conjugal melhorou com a gravidez, ganhou mais solidez e aumentou a intimidade do casal. Ambos imaginavam que após o nascimento do bebê o relacionamento iria melhorar. Contudo, acreditavam que ocorreriam mudanças com o nascimento do bebê. Fabiano pensava mais em mudanças de rotina, como ter que acordar à noite, mas acreditava que sua filha teria que se adaptar à vida do casal. Luciana, por sua vez, imaginava sua filha como “um serzinho entre” ela e seu marido. Tanto Luciana quanto Fabiano destacavam a importância de o casal preservar um espaço para o relacionamento conjugal.

3.1.6.3. Adaptação no quarto mês de vida do bebê

O casal continuava morando no mesmo local, porém percebiam-se nítidas diferenças: o cheiro do cachorro estava quase imperceptível, nem estava mais visível o saco de comida do animal. Existia uma nova organização: mobílias novas, sofá na sala, cozinha organizada. A única coisa que ainda não estava totalmente arrumada era o quarto de Lúcia. O dormitório do bebê era um quarto adulto, colorido por alguns brinquedos infantis. Luciana se encontrava bonita, mas não mais tão arrumada, e Fabiano bem mais animado e falante do que no nosso último encontro. A questão da adaptação do casal à parentalidade foi o tema principal da entrevista, e em especial a de Luciana, que apresentou uma série de dificuldades nesse período.

Ambos destacaram a questão da adaptação como o aspecto mais importante, lembrando que, anteriormente, haviam dito que o bebê é que deveria se adaptar à vida que o casal havia construído. Para Fabiano, o ponto principal dessa adaptação se relacionava ao fato de o casal estar sozinho, contando apenas com uma família de amigos para aliviar o cansaço e a tensão do momento. Por outro lado, Luciana expôs as dificuldades que estava enfrentando nesse período inicial. Ela imaginava que teria tempo para ela e para o marido, como se ter um

filho “fosse assim uma brincadeira de boneca”. Apesar das dificuldades enfrentadas, Luciana percebia o movimento de adaptação: “Daí a gente procurou adaptar nossas realidades, nossas frustrações, nossos medos, nossas ansiedades com ela, e daí... me perdi, o que tu perguntou?”

Luciana contou que passou por momentos muitos difíceis, principalmente com a saída de sua mãe. Quando ficou sozinha com sua filha, que ainda considerava uma estranha, sentiu um vazio muito grande e um sentimento de arrependimento. Porém, com o crescimento de Lúcia, ela também percebeu-se aprendendo com ela e crescendo como mãe. Naquele momento, Luciana percebia que o centro de suas preocupações era a sobrevivência de sua filha. Segundo ela, dali a alguns meses, ela estaria falando coisas melhores de Lúcia e estaria mais organizada em sua vida de mulher casada e mãe.

Ambos perceberam que mudanças radicais haviam ocorrido em suas vidas. Luciana estava mais consciente dos aspectos orçamentários do casal e Fabiano buscava uma progressão profissional, tentando proporcionar uma vida melhor para sua família.

Luciana e Fabiano corresponderam às expectativas um do outro quanto ao seu funcionamento como mãe e como pai. Fabiano era um pai participativo e, segundo ele, mais exigente do que Luciana como mãe. Por exemplo, ele contou que não saía correndo toda vez que sua filha chorava, como sua esposa fazia, pois, se ela estava alimentada, de fralda trocada, sem dor, o choro deveria ser de manhã. Luciana também contou que não era muito carinhosa com o bebê, que destinava seus carinhos a ela apenas quando a amamentava. Fabiano, nesse sentido, mostrou-se muito compreensivo e procurou auxiliar sua esposa a compreender melhor sua filha, e, sempre que possível, assumiu os cuidados de Lúcia para que Luciana pudesse descansar.

Tanto para Fabiano quanto para Luciana o nascimento de Lúcia melhorou o relacionamento conjugal. A relação do casal ficou mais forte, mais consistente. Segundo Fabiano, “a criança na vida de um casal complementa aquela armação”. Eles tornaram-se mais tolerantes um com o outro, e Fabiano, segundo Luciana, estava a vendo como uma mulher e respeitando mais suas opiniões. O casal destacou também a importância de preservar um momento de intimidade, um espaço exclusivo para o relacionamento conjugal.

3.1.6.4. Discussão dos aspectos singulares do casal Luciana e Fabiano

Quando Luciana e Fabiano se conheceram, ele era um homem desquitado, profissional liberal, que morava sozinho em um apartamento próprio, enquanto ela era estudante,

dependente de sua mãe e noiva. Cada um encontrava-se em uma etapa de desenvolvimento. Apesar de ele se encontrar profissional e economicamente organizado, ambos mostravam muita dificuldade em comprometer-se em um relacionamento. Fabiano havia experimentado sua capacidade de intimidade e comprometimento em um casamento anterior, e desejava ter filhos e tornar-se pai. No entanto, sua representação de homens casados com mulheres grávidas era pejorativa e depreciativa antes de casar-se com Luciana. Fabiano encontrava-se em sua *terceira individuação*, na qual os aspectos de generatividade estavam assumindo um papel de destaque (Colarusso, 1988; Erikson, 1963/1971). Luciana era noiva à distância, tinha um relacionamento mas não um comprometimento, nem exercitava sua capacidade de intimidade com o noivo, que vivia tão distante. Dependente, ela considerava sua mãe como sua melhor amiga, e a pessoa mais importante de sua vida depois de Deus. Tudo o que ela dizia era verdade. Nesse sentido, Luciana ainda se encontrava muito apegada à mãe enquanto figura parental e, apesar de possuir outras amizades extrafamiliares, a família, principalmente a mãe, encontrava-se em primeiro lugar. Essas características possibilitam delimitar o período da adolescência descrito por Blos (1979/1996) e Erikson (1963/1971).

O relacionamento de Luciana e Fabiano foi marcado pela dificuldade de ambos em assumir sua relação e comprometer-se com a mesma. Ele, talvez em decorrência de sua experiência negativa com o casamento anterior, marcado pela ausência dos filhos que nunca vingavam após a concepção; ela, por encontrar-se ainda em uma posição adolescente, além de não estar preparada para comprometer-se com alguém. Luciana ainda estava muito ligada à sua família, além de possuir um modelo de relacionamento conjugal, o de seus pais, complicado e marcado por uma traumática separação, que ela ainda não havia conseguido elaborar. Tanto Luciana quanto Fabiano tinham uma representação de relacionamento de “*namoradinhos*”¹², que nem a oficialização da relação rompeu. O casamento no civil foi cercado de providências que mascaravam o caráter de compromisso: não tinham aliança, não tinham certidão, ou seja, mantinham-se como namorados. Luciana dependia de Fabiano em todos os sentidos, desde o financeiro até o emocional. Ele, por sua vez, cercava-a com suas atitudes paternas, representadas pela frase “eu te assumo”, que marcou o início da convivência em comum.

Apesar das dificuldades, eles conseguiram prosseguir em seu curso de desenvolvimento, moraram juntos, casaram-se e conceberam sua filha. É interessante pensar sobre a questão da

¹² Grifo da autora.

dificuldade de concepção de ambos. Talvez ela marcasse a ambivalência de Luciana e Fabiano frente a essa nova etapa de suas vidas. Como a concepção de um filho assinala a transição para uma nova fase da vida adulta, na qual as mudanças dos papéis de filho ou filha para progenitor assumem destaque (Parens, 1975), a gravidez significaria para o casal que eles não eram mais namoradinhos, e sim pai e mãe, marido e mulher. Apesar da existência de disfunções orgânicas em ambos, é sempre possível pensar que algo de ordem psíquica estivesse atuando nesse momento e inibindo a sua capacidade generativa.

Com a gestação, Fabiano, que já se havia lançado na *terceira individuação*, assume uma maior preocupação com a progressão da família e procura uma maior projeção profissional para assegurar o futuro. Luciana, por sua vez, apresenta-se muito ambivalente em seu período gestacional. A concepção de um bebê assinala uma série de mudanças presentes e futuras que vêm carregadas de ambivalência (Szejer & Stewart, 1994/1997). No caso de Luciana, o lado negativo da ambivalência mostrou-se fortemente. Ela teve muita dificuldade em aceitar as mudanças corporais, sentindo-se completamente desprivilegiada e destituída de feminilidade. Quando pensamos sobre uma das principais mudanças decorrentes da parentalidade, a transição de papéis, podemos entender um pouco mais a expressão da ambivalência de Luciana. Ela era uma adulta jovem, dependente de sua mãe economicamente e identificada com a mesma no que se refere a valores e ideais, sem nenhuma experiência profissional quando conheceu seu marido. A dependência que antes era materna passou a ser parcialmente transferida para o cônjuge. Considerando que os complexos temas que envolvem a transição para a *terceira individuação* são decorrentes de uma resolução anterior da segunda individuação (Colarusso, 1990, Colarusso, 1995), Luciana iniciou sua gestação sob a marca de sua imaturidade desenvolvimental. Nesse sentido, é possível que ela sentisse mais dificuldades nessa transição, para a qual ainda não estava totalmente preparada. No entanto, se ocorreu a concepção, o desejo de ter um filho já estava presente.

Fabiano assumiu um papel muito importante nesse momento, como um apoio essencial e como incentivador e promotor de mudanças em sua esposa. Bydlowsky (2000a) fala da identificação masculina frente à capacidade geradora feminina como uma forma de reclamar a antiga bissexualidade vivida na infância. De alguma forma, o homem assume aspectos maternos que são importantes para a recepção do bebê que está para nascer. Nesse caso, esses aspectos se faziam presentes nos sinais da “síndrome de couvade” que Fabiano apresentava. Além disso, enquanto realizava sua própria transição, ele aparecia como promotor da transição de sua

esposa, reforçando as modificações que ele percebia e que estavam transformando sua esposa primeiro de menina em mulher e, posteriormente, de mulher em mãe, após o nascimento de sua filha.

O parto normal foi outro aspecto gerador de uma ansiedade muito grande, que a levou a desenvolver sintomas psicossomáticos, como dores abdominais, e a delinear alguns aspectos fóbicos, como não conseguir ficar sozinha ou sair sozinha de casa. Essas sintomatologias cederam quando foi marcada sua cesariana, a pedido. Luciana tinha muito medo da passagem do bebê pelo canal vaginal, que ela descrevia como uma “passagem tão singela”. Em outros momentos, ela também referiu seu aparelho reprodutor de forma infantil. Essa representação infantil de seus órgãos sexuais pode auxiliar-nos a compreender o medo que ela sentia do parto normal. Essa passagem “tão singela” deixaria de sê-la e assumiria aspectos adultos, maduros, de uma mulher que pariu. Outra questão que não é possível deixar escapar é a representação do parto como uma separação, seja ela a separação da mãe do seu bebê ou outra representação que nesse momento possa ser preponderante. Luciana anteriormente revelara a separação traumática de seus pais, tão significativa que ela já estipulara que se seu casamento não desse certo era melhor separar-se com a filha ainda pequena. O parto, então, era cercado de significações que causavam muita angústia em Luciana, e mesmo com a cesariana o momento do parto foi muito desestruturante emocionalmente para ela.

Apesar das dificuldades, a gestação era percebida como um momento de amadurecimento pessoal e conjugal, no qual a relação anterior de marido-pai e quase-filha foi transformada em uma relação demarido e quase-mulher. Essas transformações deram-se principalmente em decorrência das novas exigências advindas da nova fase de vida do casal. Uma das transformações consistiu no sentimento de amadurecimento da união conjugal e na perspectiva mais amorosa dos aspectos sexuais. Colarusso (1988) fala do sentimento de maturidade proporcionado pela sensação de completude sexual que ocorre com a concepção de um filho.

Ambos tinham os pais como seus modelos parentais. Eram modelos, mas quando eles falavam de seus pais tinham a oportunidade de trabalhar os aspectos positivos dessa identificação e também os negativos. Além de modelo materno, a mãe de Luciana representava uma figura essencial em sua vida e muito significativa ainda, a despeito de seu marido. É comum nesse período que a gestante aproxime-se de sua mãe, ou de figuras maternais a que tenha acesso. Nessa aproximação, a gestante tem a oportunidade de elaborar aspectos de sua

maternagem passada e de construir um ideal de mãe com o qual possa se identificar. Luciana trabalha com essas questões, porém sua mãe, além de significativa, tem uma postura determinante na trajetória da filha, deixando pouco espaço de liberdade para que ela fizesse suas próprias escolhas.

O período de adaptação correspondeu a um momento de ressignificação de vários aspectos que o casal havia trabalhado durante a gestação. A afirmativa de que a filha adaptar-se-ia a eles mostrou-se completamente não verdadeira e, nesse sentido, lançou ambos a um trabalho de reconhecimento e busca de compreensão das necessidades do bebê. Luciana continuava a apresentar aspectos de sua ambivalência anterior, sentindo dificuldade em aceitar que as necessidades de Lúcia estavam em primeiro lugar. A mudança de papéis é um ponto nodal da transição para a parentalidade. A aceitação de que teria de proteger, cuidar e ser responsável pelo desenvolvimento de sua filha era uma questão difícil para Luciana e explica-se através de seus aspectos infantis, que se presentificam nos momentos em que ela sente dificuldades em ser uma mãe carinhosa e contingente. Contudo, seu marido tem proporcionado segurança e apoio nos momentos em que está em casa, e em muitos momentos percebe-se que seu olhar sobre o bebê, diferenciado do de sua esposa, permite que a mesma conviva com os aspectos maternos de seu marido e vá registrando essa forma mais madura e adulta, para não dizer altruísta, de se relacionar com o bebê. Da mesma forma, não podemos esquecer a contribuição do próprio bebê no desenvolvimento de seus pais. Como eles próprios afirmaram, não foi Lúcia quem se adaptou a eles, mas eles a ela.

Por fim, uma consideração é necessária. Durante a gestação, o casal relatou que o período de preparação para receber a filha estava sendo muito escasso, assim como os momentos de contato entre o futuro pai, a futura mãe e o bebê que ainda estava na barriga materna. Apesar da existência dos momentos de carinho na barriga da gestante, eles foram reduzidos. O casal quase não se via. Penso em que medida essa falta de preparação possa ter influenciado a construção de um lugar para a filha do casal. Essa questão poderia ser analisada considerando-se dois aspectos do período de adaptação. O primeiro, o fato de Lúcia não ter um quarto. Seu dormitório era um quarto adulto improvisado com alguns adornos infantis. Nem mesmo existia uma proteção lateral na cama. Para dar maior segurança, eram colocadas almofadas ao redor da cama. O segundo aspecto relaciona-se à acentuada preocupação com a manutenção dos momentos de namoro no relacionamento conjugal. A conservação do relacionamento conjugal é uma questão importante, porque auxilia o engajamento do pai nos

cuidados com o bebê (Belsky, Gilstrap e Rovine, 1984) e facilita a transição do casal (Levy-Shiff, 1996). Porém, no caso de Luciana e Fabiano, esse tema apresentava-se mais intensificado do que nos demais casais.

3.2. Transição para a parentalidade: discussão dos aspectos comuns nos casos estudados

Nos casos estudados percebemos a recorrência de algumas temáticas discutidas anteriormente no corpo teórico desta dissertação. Primeiro, é possível reconhecer em todos os casais um desenvolvimento anterior à gestação, caracterizado pelos processos de *terceira individuação*, ou seja, o engajamento em atividades específicas do adulto jovem, como independência dos pais, intimidade, produtividade profissional (Colarusso, 1988; Erikson, 1963/1971). Mesmo nos casos em que o jovem adulto ainda se encontrava envolvido com tarefas específicas da adolescência, ou seja, em que alguns aspectos da *segunda individuação* (Bloss, 1979/1996) estavam pendentes, o momento da gestação marcava o surgimento de uma nova organização.

Todos os casais, em grau maior ou menor, apresentavam aspectos referentes à constituição de um ego parental, trabalhado por Benedeck (1959), que na gestação materializava-se nas novas responsabilidades de proporcionar ao bebê um ambiente no qual ele pudesse se desenvolver física e emocionalmente, no desenvolvimento da capacidade de envolvimento com o bebê, na construção do lugar do terceiro membro que vai reposicionando cada um em seu papel, na absorção e elaboração das mudanças presentes e futuras, entre outros. Cada um, à sua maneira, foi se posicionando de forma diferente. Luciana não gastava mais sua mesada comprando coisas para ela, mas sim para a filha. Fabiano voltara a estudar, buscando uma progressão em sua profissão. Ane estava mais madura, menos mimada, e seu marido estava procurando um emprego para aumentar a renda familiar.

Esses exemplos mostram um momento da transição para a parentalidade que prepara a mudança de papéis: o deslocamento de foco que se transfere da esfera conjugal e individual para a parental. O bebê que está por vir torna-se o personagem principal e, fazendo isso, possibilita que seus pais acomodem-se gradualmente em suas novas funções. Em todos os casais foi possível notar essa mudança durante o período gestacional. Os futuros pais direcionam seus recursos, sejam eles econômicos ou emocionais, no sentido de proporcionar ao filho, condições seguras de sobrevivência e um ambiente seguro e acolhedor. Nem sempre isso

ocorreu totalmente, como pudemos ver nos casos de Ane e Aldo e Luciana e Fabiano, mas posteriormente discutiremos esses casos.

Intimamente vinculado com a mudança de papéis está o exercício de elaboração do espaço psíquico para o filho que estava sendo gestado. Essa elaboração foi um tema trabalhado por eles, um pouco menos pelo casal Luciana e Fabiano. A construção do lugar para o bebê que iria nascer presentificava-se nos momentos em que o casal lidava com o “*tamanhão*” da barriga e das restrições que ela impunha, no receio de que o ato sexual interferisse ou machucasse o bebê, ou nos momentos em que pai, mãe e bebê-que-está-na-barriga-da-mãe participavam de um jogo interativo que ia estabelecendo sua inclusão. Por exemplo, Lisiane e Adriano apresentavam muitos momentos de intimidade, em que interagiam com os movimentos fetais, de conversa entre eles, preparando-se para o futuro. Esses momentos permitiram ao casal trabalhar a família constituída em seus três elementos, segundo a então gestante Luciana: “nossa família somos nós três”. Thanise e Francisco aproveitavam muito esses momentos de movimentação fetal para conversarem com e sobre seu filho Bruno. E Fabiano, nos poucos momentos em que conseguia, chegava em casa e dirigia-se para a barriga de sua esposa para conversar com a filha, dizendo “filhinha, o papai não falou contigo hoje”. É também nesses momentos de movimentação fetal que o futuro pai e a futura mãe realizam a personificação do feto (Brazelton & Cramer, 1990/1992), que, à sua maneira, também contribui para a sua inclusão nessa família em formação. Os movimentos fetais dentro da barriga da mãe e mesmo os visualizados através da ultra-sonografia obstétrica representam uma oportunidade para que essa personificação do feto ocorra. Ane e Aldo, em uma das ultra-sonografias realizadas no período gestacional, perceberam a filha fechar a mão como se cerrasse o punho. O casal começou a personificar que a filha seria mandona como sua mãe, Ane.

Segundo Colarusso (1990), na *terceira individuação* ocorre uma expansão do *self* que começa a abarcar uma nova representação de si enquanto pai ou mãe. Nesse sentido, durante a transição para a parentalidade, o reviver de nossas vivências anteriores com nossos pais permite que: primeiro, tenhamos a oportunidade de solucionar antigos conflitos de relacionamento (Brazelton & Cramer, 1990/1992); segundo, fazendo a avaliação do funcionamento parental de nossos pais, tenhamos a possibilidade de construir um ideal paterno ou materno a partir do qual mediremos nossa atuação. De alguma forma, todos os futuros pais e futuras mães, participantes da pesquisa, ao tornarem-se pais, repensavam seu relacionamento com seus pais. Alguns deles identificavam-se diretamente com seus pais, como Ane e Aldo. Outros buscavam constituir um

ideal de pai ou de mãe com o qual poderiam se espelhar, como o caso de Fernanda e Maurício (ele no que concerne à função materna).

Outro aspecto muito presente nesses seis casos foi a ambivalência, uma ocorrência normal nesse momento de profundas transformações individuais e conjugais. A ambivalência manifesta-se nos mais diferentes moldes: quando Ane prossegue em seu desenvolvimento, mas mantém a dependência em relação aos seus pais; quando Thanise e Francisco realizam as transformações, mas preocupam-se com as mudanças no futuro, por exemplo. No caso de Lisiane, os aspectos negativos de sua ambivalência mostravam-se em sua resistência às mudanças e no seu medo em relação ao parto.

Na maioria dos casos estudados, existiu uma idealização com relação ao relacionamento futuro do casal. Poderíamos refletir se essa idealização não seria um extravasamento das idealizações feitas em relação ao bebê que se encontra na barriga da mãe, necessária para o desenvolvimento da preocupação materna primária e do apego. Resumidamente, os casais perceberam que a gestação os unira mais, seja porque agora eles tinham alguém em comum, como no caso de Francisco e Thanise, seja porque o casal se uniu para cuidar dos preparativos para o nascimento do bebê e curtir a barriga, como no caso de Ane e Aldo; ou ainda como no caso de Fernanda e Maurício, que se comprometeram com seu relacionamento durante a gestação. A união e o bom relacionamento do casal é um elemento muito importante para o envolvimento do futuro pai. Brazelton (1981/1988) e Winnicott (1957/1977) destacaram o papel de um marido amoroso que auxilie sua esposa, tolerando suas angústias e proporcionando a segurança necessária para que ela desenvolva sua função materna. Alguns estudos empíricos trabalharam com essa questão do envolvimento paterno e também da contingência materna, tomando o relacionamento conjugal como um preditor para um bom funcionamento parental (Belsky, Gilstrap e Rovine, 1984; Johnson e Huston, 1998).

No período de adaptação, encontramos nesses casos novamente referências a uma melhora no relacionamento conjugal. Os casais encontravam-se preenchidos pelas demandas dos seus filhos. E, mesmo relatando cansaço, perda do espaço conjugal e maior responsabilidade, apenas Muriel e Ildo consideraram que o nascimento do bebê afastou o casal. Embora Luciana relatasse redução no tempo de namoro do casal, ela e o marido consideraram que o seu relacionamento continuava melhorando. Nesse ponto também cabe colocar que todos os cônjuges corresponderam às expectativas uns dos outros no que se relaciona ao funcionamento enquanto pai e mãe. Tais questões, se tomadas em seu aspecto de gratificação

narcísica, conduzem a uma autoconfiança nas capacidades parentais de cada um, permitindo uma nova integração da personalidade (Benedeck, 1959). No caso de Muriel e Ildo, seria necessário investigar mais o relacionamento do casal em momentos anteriores à gestação, e também procurar entender a questão colocada por Ildo de que “os opostos *às vezes* se atraem”¹⁵. Na maioria dos casais estudados, percebemos que o relacionamento do casal tinha assumido uma perspectiva secundária frente às demandas do bebê. Segundo Winnicott (1958/1993b) e Stern (1995/1997), o período da maternidade é considerado como um período especial da relação mãe-bebê. Com o passar do tempo, esse estado especial da mãe, marcado pela identificação com o bebê, vai chegando ao seu término, e a mãe vai gradualmente restabelecendo-se como uma pessoa adulta, sem que ela se recupere por completo, pois nunca deixará de ser mãe (Winnicott, 1993a). Isso significa que os aspectos trabalhados durante esse momento são integrados à personalidade do adulto que se torna mãe ou pai. A figura paterna não foi trabalhada por Winnicott (1957/1977), exceto como um apoio necessário para o desenvolvimento da mãe. Stern (1995/1997) considera a possibilidade de se estender esse processo também ao pai. É normal, então, que nos primeiros meses do bebê o relacionamento do casal não tenha a mesma importância que o relacionamento com o bebê. No caso de Luciana e Fabiano, eles ainda relutavam um pouco em abandonar sua condição de namoradinhos. Contudo, a maior parte dos casais, apesar das dificuldades, conseguiram assumir suas funções parentais, mesmo que alguns não completamente, como Muriel e Ildo, Adriano, Luciana, Ane e Fernanda, considerando o início de seu processo adaptativo.

Esses resultados entram em consonância com as colocações dos pesquisadores Huston e Vangelisti (1995). Eles consideraram que a transição para a parentalidade não levaria necessariamente a um desgaste no relacionamento conjugal. Entretanto, outros estudos afirmam o contrário, prevendo a ocorrência de estresse (Tolminson e Irwin, 1993), diminuição no tempo gasto em lazer (Crawford e Huston, 1999) e declínio conjugal (Levy-Shiff, 1996).

Uma questão que entra em concordância tanto com os aspectos teóricos trabalhados (Bee, 1994/1997; Raphael-Leff, 1993/1997) quanto com os estudos empíricos (Levi-Shiff, 1996) é a intensificação das diferenças de gênero e a correspondente divisão mais tradicional dos papéis sexuais. Embora todos os pais tenham se mostrado participativos, ajudando suas esposas nos cuidados com os bebês, não eram eles que permaneciam a maior parte do tempo

¹⁵ Grifo da autora.

com os filhos. Nesse sentido, a maior parte dos cuidados de um bebê pequeno continua sendo uma função feminina, embora também possamos pensar nisso como uma contingência resultante da amamentação. De qualquer forma, os pais são os responsáveis pela sobrevivência da família e mesmo quando ocorre uma divisão um pouco mais igualitária, como no caso do revezamento entre Lisiane e Adriano, no momento de estresse do bebê quem assume os cuidados no geral é a mãe. Thanise e Francisco foram o casal com uma distribuição mais igualitária dos cuidados com o bebê, sem que isso representasse estresse para o marido.

3.3. Considerações finais

Em primeiro lugar, temos que considerar que a transição para a parentalidade, como definiram Dolto (1981/1988) e Brazelton e Cramer (1990/1992), não se inicia com a gestação. As diferentes etapas do desenvolvimento psicosssexual preparam a chegada da *terceira individuação* (Colarusso, 1990), com destaque para as transformações ocorridas na adolescência.

Três casos estudados mostram-se emblemáticos para a compreensão do que foi dito acima: Ane e Aldo, Luciana e Fabiano e Fernanda e Maurício. Esses casais apresentaram aspectos não resolvidos de sua *segunda individuação*. Ane e Aldo eram, inicialmente, muito dependentes afetivamente de seus pais, surgindo, posteriormente, um atrito entre o casal relacionado ao fato de que Ane mostrava-se ainda muito enredada em seus antigos laços familiares, enquanto seu marido estava em um caminho de busca de maior autonomia de suas figuras parentais e de comprometimento com sua função de pai, que não queria ser usurpado de seu papel. Luciana e Fabiano, nesse momento inicial de dedicação quase exclusiva ao bebê, mostraram-se muito preocupados com a manutenção de sua condição de namorados. E Luciana, por sua vez, estava muito ambivalente com o nascimento de sua filha, apresentando dificuldades em se vincular a Lúcia nos primeiros dois meses do bebê. Contudo, aos três meses de idade do bebê, em decorrência do desenvolvimento de sua filha e do apoio de seu marido, Luciana mostrava uma predisposição maior para compreender Lúcia e para aprender com ela. Isso marca uma modificação em sua trajetória de desenvolvimento, que começa a incorporar sua função materna e de mulher adulta que tem uma filha, marido, casa e trabalho. O casal Fernanda e Maurício mostrou, de uma forma muito interessante, a transformação da adolescente-quase-mulher Fernanda em mulher-mãe-esposa.

Esses casais explicitam uma questão muito significativa para os estudos sobre a transição para a parentalidade. A maior parte dos trabalhos busca compreender esse momento sem olhar os aspectos desenvolvimentais anteriores, entendendo a parentalidade como responsável pelos momentos de estresse individual e conjugal. Através deste estudo, que tinha como objetivo compreender em profundidade as questões relacionadas à transição para a parentalidade, percebemos que as dificuldades relacionadas a esse momento remetem a aspectos desenvolvimentais não resolvidos de etapas anteriores do desenvolvimento e não necessariamente à transição em si. A nossa própria dificuldade em regularmos nossa ambivalência pode ser um fator de desequilíbrio nesse momento (Bowlby, 1979/1990).

E, independentemente de haverem sido solucionados ou não os conflitos referentes a etapas anteriores do desenvolvimento, algumas vezes o desejo de ter um filho marca imperiosamente seu lugar. Por mais dependentes de suas figuras parentais que alguns casais se mostrem, o filho-agora-pai ou a filha-agora-mãe lançam-se em um outro momento de seus desenvolvimentos. A gravidez é um momento privilegiado de reedições de relacionamentos afetivos significativos de nossa infância, da possibilidade de uma nova elaboração e de uma nova resolução que pode levar a um nível mais maduro e integrado de funcionamento. O nascimento do bebê e a premência de suas necessidades muitas vezes forçam os pais a seguirem seu curso de desenvolvimento, posicionando-os em suas novas funções parentais de uma forma nem sempre pacífica.

De qualquer maneira, nesse período do desenvolvimento, cercado de ambivalências e do embate entre aspectos progressivos e regressivos, percebemos o quanto, na maior parte das vezes, a capacidade criativa do homem, da mulher e do bebê levam à construção de uma nova organização, apesar do caos inicial. Afinal, os gregos já diziam que do caos nasce uma nova ordem.

Ao realizarmos este estudo, percebemos alguns aspectos que merecem ser assinalados como futuras sugestões de pesquisa. Primeiro, os aspectos transgeracionais presentes nos casos de Fernanda, que quase se tornou mãe solteira; de Adriano, que apresentou uma dificuldade semelhante à de seus pais no que tange à continência do bebê; de Thanise, cuja vivência com sua mãe de autonomia criou uma representação que pode ter repercutido em sua amamentação. Os aspectos transgeracionais do relacionamento pais-bebê são um campo de estudo extremamente importante nesse momento de transição, uma vez que os aspectos filiativos são revisitados e nossos esquemas de estar-com-nossa-mãe e estar-com-nosso-pai podem

influenciar a interação com o bebê. Os demais aspectos referem-se ao estudo do lugar construído para o bebê, à transição adolescente e ao papel do pai. Todos esses temas são áreas de conhecimento que estão sendo estudadas, mas que ainda necessitam de maior aprofundamento.

Esta dissertação tentou ampliar o conhecimento na área de transição para a parentalidade, colocando-a como fazendo parte de um contínuo de desenvolvimento que se inicia em nossa infância e compreendendo-a não como um momento isolado do desenvolvimento, mas como uma fase que remete às demais anteriormente vividas e que projeta a fase seguinte. Seria importante o acompanhamento desses casais em fases posteriores do seu desenvolvimento. Primeiro, para avaliarmos a permanência de algumas mudanças que apareceram durante a gravidez e permaneceram após o nascimento do bebê. Segundo, para que se possa verificar que mudanças continuarão a ocorrer com o desenvolvimento da criança. Nesse sentido, assinalo que todos os casais desta pesquisa continuam sendo acompanhados, permitindo que pesquisas complementares que incluam outras etapas do desenvolvimento tanto do casal quanto do bebê sejam realizadas e permitam um melhor entendimento das etapas seguintes da transição para a parentalidade. Igualmente seria importante pesquisar a transição para a parentalidade em casais homossexuais, independente do filho ser naturalmente gerado por um dos membros do casal ou adotado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberastury, A e Knobel, M. (1991). Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. (S. G. Ballve, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1970)
- Alvarenga, L. (1996). Uma leitura psicanalítica do laço conjugal. Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal. Coletânea da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia), 1, 25-33.
- Ariès, P (1981). História social da criança e da família (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Trabalho original publicado em 1975)
- Arnett, J. J. (1997). Young people's conceptions of the transition to adulthood. Youth and Society, 29 (1), 3-23.
- Bee, H. (1997). O ciclo vital (R. Garcez, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1994)
- Belda, C. M. (1999). Individualism vs. collectivism in the working models of Hispanic American adolescents: how cultures of origin and cultures of residence interact. (Doctoral dissertation, Pacific Graduate School of Psychology, 1999). Dissertation Abstracts International: Section B: The Science and Engineering, 61 (1-B), 0408.
- Belsky, J. (1981). Early Human Experience: A family perspective. Child Development, 17, 3-23.
- Belsky, J (1984). The determinants of parenting: A process model. Child Development, 55, 83-96.
- Belsky, J. & Isabella, R. (1985). Marital and parent-child relationships in family of origin and marital change following the birth of a baby: A retrospective analysis. Child Development, 56, 342-349.
- Benedeck, T. (1959). Parenthood as a developmental phase. Journal of the American Psychoanalytic Association, 7, 389-417.
- Berger, K. S. (1994). The developing person through the life span. Worth Publishers
- Blos, P. (1971). Review of parenthood. Its Psychology and Psychopathology, Psychoanalysis Quarterly, 59, 29-40.
- Blos, P. (1996). Transição adolescente: questões desenvolvimentais. (M.R. Hoffmeister, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1979)

- Boxer, C. C. (1996). The family context of infant temperament in predicting children's behavioral difficulties in kindergarten. (Doctoral dissertation, The Wright Institute, 1996) Dissertation Abstracts International: Section B: The Science and Engineering, 57 (2-B), 1497.
- Bowlby, J. (1990). Formação e rompimento dos laços afetivos. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979)
- Brazelton, T. B. (1988). O desenvolvimento do apego (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1981)
- Brazelton, T.B. (1994). Momentos Críticos do Desenvolvimento (J. L. Camargo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1992)
- Brazelton, T. B. e Cramer, B. (1992). As primeiras relações (M. B. Cipolla, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1990)
- Bydlowsky, M. (2000.a). Je rêve un enfant: l'expérience interieure de la maternité. Paris: Editions Odile Jacob.
- Bydlowsky, M. (2000.b). La dette de vie: itinéraire psychanalytique de la maternité. Paris: Presses Universitaires de France.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989)
- Chilcoat, H. D. & Breslau, N. (1996). Alcohol disorders in young adulthood: effects of transition into adult roles. Journal of Health and Social Behavior, 37 (4), 339-349.
- Colarusso, C. (1990). Effect biological parenthood on separation-individuation in adulthood. Psychoanalytical Study of the Child, 45, 179-194.
- Colarusso, C. (1995). Traversing young adulthood: the male journey from 20 to 40. Psychoanalytic Inquiry, 15, 75-91.
- Castoldi, L. & Lopes, R. C. S. (1998). Entrevista do casal sobre a sua história. Instrumento não publicado.
- Costa, G. P. & Katz, G. (1992). Dinâmica das relações conjugais. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cox, M., Owen, M., Lewis, J. & Henderson, V. (1989). Marriage, adult adjustment, and early parenting. Child Development, 60, 1015-1024.

- Crowford, D. W. & Huston, T. L. (1999). The impact of the transition to parenthood on marital leisure. Personality and Social Psychology Bulletin, 19 (1), 39-46.
- Cunha, A. G. (1982). Dicionário Etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Debray, R. (1988). Bebês/Mães em revolta: tratamentos psicanalíticos conjuntos dos desequilíbrios psicossomáticos precoces. (L. Mç V. Fischer, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1987)
- Dolto, F. (1988). Psicanálise e Pediatria. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1981)
- Dolto, F. (1998). Solidão. (I. C. Benedetti, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1995)
- Dolto, F. (1999). As etapas decisivas da infância. (M. E. Galvão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1994)
- Erikson, E. H. (1971). Infância e sociedade. (G. Amado, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1963)
- Escosteguy, N. U. (1997). Transgeracionalidade. Publicação CEAPIA, 10,49-59.
- Fraiberg, S., Adelson, E. & Shapiro, V. (1994). Fantasmas no quarto do bebê: uma abordagem psicanalítica dos problemas que entavam a relação mãe-bebê. Publicação CEAPIA, 7.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (J. Salomão, Trad.). Em Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII, 177-249.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. (J. Salomão, Trad.). Em Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, 89-119.
- Freud, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. (J. Salomão, Trad.). Em Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII, 141-147.
- Fries, M. E. (1977). Longitudinal study: prenatal period to parenthood. Journal of American Psychoanalytic Association, 25, 115-132.
- Frosch, C., Mangelsdorf, S. & McHale, J. L. (1998). Correlates of marital behavior at 6 months postpartum. Developmental Psychology, 34, 1438-1449.
- Gordon, R. A., Chase, P. L., Matjasko, J. I. & Brooks, J. (1997). Young mothers living with grandmothers and living apart: how neighborhood and household contexts relate to

multigeracional coresidence in African American families. Applied Developmental Science, 1 (2), 89-106.

Hackel, L. S. & Ruble, D. N. (1992). Changes in the marital relationship after the first baby is born: Predicting the impact of expectancy disconfirmation. Journal of Personality and Social Psychology, 62, 944-957.

Halukinen, T., Paunonen, M., While, M. A. & Wilson, M. E. (1997). Dynamics of families during the third trimester of pregnancy in southwest Finland. International Journal of Nursing Studies, 34 (4), 270-277.

Hooker, K., Fiese, B. H. Jenkins, L. & Morfei, M. Z. (1996). Possible selves among parents of infants and preschoolers. Developmental Psychology, 32 (3), 542-550.

Huston, T. L. & Vangelisti (1995). How parenthood affects marriage. Em M. A. Fitzpatrick & A. L. Vangelisti (Orgs.), Explaining Family Interactions (pp. 147-176). London: Sage.

Johnson, E. M. & Huston, T. L. (1998). The perils of love, or why wives adapt to husbands during transition to parenthood. Journal of Marriage and the Family, 60 (1), 195-204.

Kestenberg, J. (1986). Review of parenthood: A psychodynamic perspective. Psychoanalytical Quarterly, 55, 354-358.

Klaus, M. H. & Kennel, J. H. (1993). Pais/bebê: a formação do apego (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Laville, C. & Dionne, J. (1999). A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciência humanas (L. M. Siman, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1997)

Levy-Shiff, R. (1994). Individual and contextual correlates of marital change across the transition to parenthood. Developmental Psychology, 30, 591-601.

Maldonado, M. T., Dickstein, J. & Nahoum, J. C. (1996). Nós estamos grávidos. São Paulo: Saraiva.

Maldonado, M. T. (1997). Psicologia da gravidez, parto e puerpério. São Paulo: Saraiva.

Mahler, M., Pine, F. & Bergman, A. (1993). O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação. (J. A. Russo, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1975)

Manzano, J., Palácio-Espasa, F. & Zilkha, G. (1999). The narcissistic scenarios of parenthood. International Journal of Psychoanalysis, 80 (3), 465-476.

Michels, R. (1993). Adulthood. In G. H. Pollock & S. I. Greenspan (Orgs.), The course of life: early adulthood (pp. 1-14). Madison: International Universities Press.

- Mills, T. L. (1997). Grandparents and their adult grandchildren: an analysis of the effects of the role transition on intergenerational solidarity over time. (Doctoral dissertation, University of Southern California, 1997). Dissertation Abstracts International: Section A: Humanities and Social Sciences, 58 (1-A), 0308.
- Neder, M. & Quayle, J. M. de B. R. (1996). O luto pelo filho idealizado: Atendimento psicológico de casais ante o diagnóstico de malformação fetal incompatível com a vida. Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal. Coletânea da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia), 1, 37-46.
- Nicolson, P. (1990). A brief report of women's expectations of men's behaviour in the transition to parenthood: contradictions and conflicts for counselling psychology practice. Counselling Psychology Quarterly, 3 (4), 353-361.
- Osofsky, J. D. & Culp, R. (1993). A relationship perspective on the transition to parenthood. Em G. H. Pollock & S. I. Greenspan (Orgs.), The course of life: Early adulthood (p. 75-98). Madison: International Universities Press.
- Palkovitz, R. (1996). Parenting as a generator of adult development: conceptual issues and implications. Journal of Social and Personal Relationships, 13 (4), 571-592.
- Parens, H. (1975). Panel: Parenthood as a developmental phase. Journal of American Psychoanalytic Association, 23, 154-165.
- Peltz, M. (1985). Review of parenthood: a psychodynamic perspective. The International Review of Psycho-analysis, 485-490.
- Perez-Sanchez, M. (1981). Observación de bebé: relaciones emocionales en el primer ano de vida. Buenos Aires: Paidós.
- Perez-Sanchez, M. (1999). A pele diferente: o pretexto de uma diferença para pensar o nascimento. Em Marie-Blanche Lacroix e Maguy Monmayrant Organizadora. A observação de bebês: os laços do encantamento (F. F. Settineri, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1995)
- Peters, D. B. (1999). Contributors to African American late adolescents' working models of adulthood. (Doctoral dissertation, Pacific Graduate School of Psychology, 1999) Dissertation Abstracts International: Section B: The Science and Engineering, 59 (7-B), 3774.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Castoldi, L., Averbuch, A., Gianlupi, A. & Ribeiro, L., (1998). Ficha de contato inicial. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Castoldi, L., Averbuch, A., Gianlupi, A. & Ribeiro, L., (1998). Ficha de dados demográficos do casal. Instrumento não publicado.

- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Castoldi, L., Averbuch, A., Gianlupi, A. & Ribeiro, L., (1998). Consentimento informado. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Castoldi, L., Averbuch, A., Gianlupi, A. & Ribeiro, L., (1998). Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Castoldi, L., Averbuch, A., Gianlupi, A. & Ribeiro, L., (1998). Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Castoldi, L., Averbuch, A., Gianlupi, A., Ribeiro, L., Levandowski, D. C. & Corrêa, C. N. (1999). Entrevista sobre a experiência da maternidade. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Castoldi, L., Averbuch, A., Gianlupi, A., Ribeiro, L., Levandowski, D. C. & Corrêa, C. N. (1999). Entrevista sobre a experiência da paternidade. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Castoldi, L., Averbuch, A., Gianlupi, A., Ribeiro, L., Levandowski, D. C. & Corrêa, C. N. (1999). Entrevista com o casal com o bebê de três meses. Instrumento não publicado.
- Piontelli, A. (1995). De feto a criança: um estudo observacional e psicanalítico (J. Wilhelm, N. L. Gomes e S. M. Godoy, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1992).
- Raphael-Leff, J. (1997). Gravidez interior (R. D. Pereira, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1993)
- Rayner, E. (1975). Review of parenthood: its psychology and psychopathology. International Journal of Psychoanalysis, 56, 113-115.
- Soifer, R. (1992). Psicologia da gravidez, parto e puerpério (I. V. Carvalho, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1977)
- Stake, R. (1994). Estudos de caso (F. Settineri, Trad.). Em N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.) Handbook of qualitative research. Londres: Sage.
- Stern, D. N. (1997). A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1995)
- Szejer, M. (1999). A escuta psicanalítica de bebês na maternidade (C. Berliner e M.L.A. Gutierrez, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Szejer, M. & Stewart, R. (1997). Nove meses na vida da mulher (M. B. Benetti, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Teichner, G. Ames, E. W. & Kerig, P. K. (1997). The relation of infant crying and the sex of the infant to parents of the infant and themselves. Psychology: A Journal of human Behavior, 34 (3-4), 59-60.
- Tomlinson, P. S. & Irwin, B. (1993). Qualitative study of women's report of family adaptation pattern four years following transition to parenthood. Issues in Mental Health Nursing, 14, 119-138.
- Ungerer, J. S., Waters, B., Barnett, B. & Dolby, R. (1997). Defense style and adjustment in interpersonal relationships. Journal of Research in Personality, 31 (3), 375-384.
- Winnicott, D. W. (1977). A criança e seu mundo (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alvez. (Trabalho original publicado em 1957)
- Winnicott, D. W. (1993a). Conversando com os pais (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1993)
- Winnicott, D. W. (1993b). Preocupação materna primária. Em Textos selecionados: da pediatria à psicanálise (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alvez. (Trabalho original publicado em 1958)
- Wyatt, F. (1971). A clinical review of parenthood. Bulletin of Menninger Clinic, 35, 167-181.
- Zaap, R. (1998). Paternal engrossment in early-timed and later-timed fatherhood. (Doctoral dissertation, California School of Professional Psychology, 1998) Dissertation Abstracts International: Section B: The Science and Engineering, 58 (12-B), 6874.

ANEXO A**Ficha de contato inicial**

(Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi & e Ribeiro, 1998)

Nome da mãe:

Escolaridade:

Trabalha? () Sim () Não O que faz?

Horas/semana:

Esta é a tua primeira gravidez?

Com quantos meses tu estás?

Como está tua saúde?

Quantos anos tu tens?

O pai do bebê vive contigo?

Há quanto tempo?

Como é o nome dele?

Qual é a idade dele?

O que ele faz? Qual é a escolaridade dele?

Ele tem outros filhos?

Qual o bairro que tu moras?

Cidade:

Telefone:

Data da entrevista:

Data prevista para o nascimento do bebê:

ANEXO B

Entrevista de dados demográficos do casal

(Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi & Ribeiro, 1998)

Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você e o seu marido:

Esposa:

- Nome:
- Data de Nascimento: - Idade:
- Escolaridade (ano concluído):
- Religião: Praticante: () sim () às vezes () não
- Estado Civil: () casada () separada () solteira () viúva () com companheiro
- Moras com o pai do bebê? () sim () não. Desde quando?
- Quem mais mora na casa?.....
- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregada. Desde quando?
- O que tu fazes(ias)? Horas/semana:
- Grupo étnico:
- É a tua primeira gravidez?..... (Se não for) Tens outros filhos?
- Com quantos meses tu estás?
- Como está a tua saúde durante a gravidez?

Marido:

- Nome:
- Data de Nascimento: - Idade:
- Escolaridade (ano concluído):
- Religião: Praticante: () sim () às vezes () não
- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregado. Desde quando?
- O que tu fazes(ias)? Horas/semana:
- Grupo étnico:
- Tens outros filhos?

Endereço para contato:

.....
 Cidade: CEP Telefone.....

Telefone do emprego/contato: Esposa: Marido:

Telefone de parente/amigo para contato:

ANEXO C**Consentimento informado**

(Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi & Ribeiro, 1998)

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar a interação pais-bebês.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento dispensado nesta instituição.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização das imagens realizadas com meu bebê.

O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é o Dr. Cesar Augusto Piccinini, que poderá ser contatado pelo Tel: 330 95 07.

Data: / /

Nome e assinatura do participante: _____

ANEXO D

Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante (Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi & Ribeiro, 1998)

Nome: Idade: Escolaridade:
Trabalha? () sim () não O que faz? Horas?semana:

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre a tua gravidez, desde o momento em que tu ficaste sabendo, até agora.

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Esta é tua primeira gravidez?
- Como te sentistes ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada?
- Como te sentistes no início e agora no final da gravidez? Em termos físicos e emocionais?
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê?
- Como te sentes em relação ao parto?
- Como está a tua saúde, desde o início da gravidez até agora?
- Tu tens ido ao médico para acompanhar a gravidez? Quantas vezes tu já foste?
- Já fizeste alguma ecografia? Como te sentiste ao ver o bebê?
- Como estás te sentindo em relação às mudanças do teu corpo?

2. Tu poderias me contar como tem sido para o teu marido, desde que soube da gravidez até agora.

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como ele reagiu à notícia da gravidez?
- Tu achas que a gravidez mudou alguma coisa nele?
- E no relacionamento de vocês?
- Quais as preocupações dele em relação à gravidez e ao bebê?
- Que tipo de apoio você tem esperado dele durante este período?
- Que tipo de apoio ele tem oferecido?

3. Tu poderias me contar um pouco sobre a reação da tua família e a família do teu marido em relação à tua gravidez?

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como a tua família reagiu em relação à tua gravidez? (ex. tua mãe e teu pai)
- Como reagiu a família do teu marido? (ex. tua sogra e teu sogro)
- E os teus amigos? Como eles reagiram à tua gravidez?
- Algum familiar (ou amigo ou profissional) tem te ajudado durante a gravidez?
- Quem tu esperas que vá te ajudar?
- Tu estás pensando em colocar o bebê na creche ou deixar com alguém para cuidar? Por que esta escolha? Quando tu pensas fazer isto?

4. Agora, eu gostaria que tu me falasse sobre o teu bebê.

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu já sabes sobre o bebê?
- Tu já sabes o sexo?
- Como te sentistes quando soubeste que era menina/menino? E como teu marido se sentiu?
- Se não sabes o sexo, o que tu gostarias que fosse, menina ou menino? Por quê? E o teu marido?
- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Algum motivo para a escolha do nome?
- Tu sentes o bebê se mexer? Desde quando? Como é que foi?
- Vocês costumam tocar a barriga ou falar com o bebê?

5. Como tu imaginas que vai ser o bebê quando nascer?

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que características físicas imaginas que o bebê vai ter?
- Como tu imaginas que vai ser o temperamento, o jeito dele? Por quê?
- Com quem tu achas que o bebê vai ser parecido? Por quê?

6. Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te imaginas como mãe?
- Quando tu te imaginas como mãe, tu pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ela é/ era como mãe?
- E tem alguém que tu não gostarias de ter como modelo de mãe?
- E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo?
- Como tu descreverias uma boa mãe?
- Como tu te imaginas fazendo com o bebê? (alimentando, consolando, brincando, fazendo dormir)
- O que mais tu imaginas fazendo com o bebê?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele chorar?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele não quiser comer/mamar?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele não quiser dormir?

7. Como tu imaginas o relacionamento do teu marido com o bebê?

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu achas que ele vai ser como pai?
- Como tu achas que vai ser o jeito dele lidar com o bebê?
- Tu achas que tu vais pedir ajuda ao teu marido nos cuidados com o bebê?
- Em que tu achas que ele vai te ajudar?
- Quando tu imaginas o teu marido como pai, tu pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ele é/era como pai?
- E, tem alguém que tu não gostarias que ele tivesse como modelo de pai?
- E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo?

- Como tu descreverias um bom pai?

8. O quanto tu achas que o bebê irá mudar a tua vida e a do teu marido?

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Em que aspectos pensas que ocorrerão mudanças?

- Como tu achas que vais te sentir com estas mudanças?

- E quanto ao relacionamento de vocês dois? O quanto será afetado pelo nascimento do bebê? Em que aspectos?

- Como tu achas que vais te sentir com as mudanças?

9. Como tu achas que teu filho vai ser quando crescer?

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu imaginas que vais criar teu filho(a)?

- O que tu esperas para teu/tua filho(a) quando ele(a) crescer?

- O que mais tu esperas para ele(a)?

- O que tu não gostarias para ele(a)?

10. Tu gostarias de fazer mais algum comentário sobre estes pontos que a gente conversou?

ANEXO E

Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai (Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi & Ribeiro, 1998):

Nome: Idade: Profissão:

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre a gravidez da tua mulher, desde o momento em que tu ficaste sabendo, até agora.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- É o teu primeiro filho?
- Como te sentistes ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada?
- Como te sentistes no início e agora no final da gravidez?
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê?
- Como te sentes em relação ao nascimento do bebê?
- Como está a saúde da tua mulher?
- Tu tens ido ao médico junto com a tua mulher para acompanhar a gravidez? Quantas vezes tu já foi?
- Ela já fez alguma ecografia? Tu estavas junto? Como te sentistes ao ver o bebê?
- Como estás te sentindo em relação às mudanças do corpo da tua mulher?

2. Tu poderias me contar como tem sido para tua mulher, desde que ela soube da gravidez até agora.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como ela reagiu à notícia da gravidez?
- Tu achas que a gravidez mudou alguma coisa nela?
- E no relacionamento de vocês?
- Quais as preocupações dela em relação à gravidez e ao bebê?
- Que tipo de apoio tu tens oferecido a ela durante a gravidez?
- Que tipo de apoio ela tem te solicitado?

3. Tu poderias me contar um pouco sobre a reação da tua família e da família da tua mulher à notícia da gravidez?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como reagiu a tua família? (ex. tua mãe e teu pai)
- Como reagiu a família da tua mulher? (ex. tua sogra e teu sogro)
- Como reagiram os teus amigos à notícia da gravidez?
- Tem alguma pessoa ajudando vocês durante a gravidez?
- Quem tu esperas que vá ajudar vocês quando o bebê nascer?
- Tu estás pensando em colocar o bebê na creche ou deixar com alguém para cuidar? Por que esta escolha? Quando tu pensas fazer isto?

4. Agora eu gostaria que tu me falasse sobre o teu bebê.

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu já sabes sobre o bebê?
- Tu já sabes o sexo? Como te sentiu quando soube?
- (Se não sabe o sexo) Gostarias que fosse menina ou menino? Por quê? E a tua esposa?
- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Algum motivo para a escolha do nome?
- Tu sentistes o bebê se mexendo ou reagindo à tua voz? Como é que foi?

5. Como tu imaginas que vai ser o bebê quando nascer?

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que características físicas imaginas que o bebê vai ter?
- Como tu imaginas que vai ser o jeito dele? Por quê?
- Com quem tu achas que o bebê vai ser parecido? Por quê?

6. Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te imaginas como pai?
- Quando tu te imaginas como pai, tu pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ele era como pai?
- Tem alguém que tu não gostarias de ter como modelo de pai?
- E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo?
- Como tu descreverias um bom pai?
- Como tu te imaginas atendendo o bebê? (alimentando, consolando, brincando, fazendo dormir)
- E quando ele não quiser dormir ou comer ou quando chorar?

7. Como tu imaginas o relacionamento da tua mulher com o bebê?

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu achas que ela vai ser como mãe?
- Quando tu imaginas ela como mãe, tu pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ela era como mãe?
- Tem alguém que tu não gostarias que ela tivesse como modelo de mãe?
- E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo?
- Como tu descreverias um boa mãe?
- Como tu imaginas que ela vai atender o bebê?
- Tu achas que ela vai pedir a tua ajuda nos cuidados do bebê?
- Em que tu achas que vais poder ajudar?

8. O quanto tu achas que o bebê irá mudar a tua vida e a da tua esposa?

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Em que aspectos pensas que ocorrerão mudanças?
- Como tu achas que vais te sentir com estas mudanças?
- E o relacionamento de vocês? Tu achas que vai ser afetado pelo nascimento do bebê?

- Como tu achas que vais te sentir com as mudanças?

9. Como tu achas que teu filho vai ser quando crescer?

(*Caso não tenha mencionado*): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu imaginas que vais criar teu filho(a)?
- O que tu esperas para teu/tua filho(a) quando ele(a) crescer?
- O que mais tu esperas para ele(a)?
- O que tu não gostarias para ele(a)?

10. Tu gostarias de fazer mais algum comentário sobre estes pontos que a gente conversou?

ANEXO F

Entrevista do casal sobre sua história (Castoldi & Lopes, 1998)

Nome da gestante:

Nome do marido:

Data da Entrevista:

Entrevistador:

“ Eu gostaria que vocês me contassem a história do seu relacionamento, desde que vocês se conheceram até como pensam a vida no futuro. Eu não tenho perguntas para fazer. Apenas gostaria que me falassem da sua vida juntos, como se fosse uma história, com um início, um meio e um fim. Vocês não precisam concordar sobre a história, eu vou escutar o que os dois falam. Falem da forma que for mais fácil para vocês...”

(Caso não fique explícito, retomar os seguintes tópicos)

Vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como vocês se encontraram;
- O que levou vocês a se interessarem um pelo outro;
- Até quando vocês viveram com os pais de vocês;
- Como foi a saída da casa dos pais;
- Como foi a decisão de morarem juntos;
- Como foi o início da vida a dois, logo após a união;
- Como está sendo a vida a dois agora;
- O que vocês esperam para o relacionamento do casal no futuro.

Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa?

ANEXO G

Entrevista sobre a experiência da maternidade

(Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi, Ribeiro, Levandowski & Corrêa, 1999)

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê nestes primeiros três meses.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do teu bebê?
- O bebê apresentou algum problema de saúde neste período? Que cuidados exigiu?
- O que ele já é capaz de fazer que te chama mais a atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê?
- Era como tu imaginavas? (Se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas?
- Como tu te sentes com isto?

2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco como está sendo a experiência de ser mãe pela primeira vez.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como foi o parto? E os primeiros dias depois? Foi como tu imaginavas?
- E para o pai do bebê, como foi? Qual foi a participação dele?
- Como tu estás te sentindo como mãe?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe?

3. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
- Tu costumava brincar com o bebê? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeira vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?
- Tu precisastes ficar afastada do bebê neste período? Por quanto tempo? Qual o motivo?

- Tu trabalhas fora? Se sim, já retornastes às atividades? Como foi o retorno ao trabalho?

4. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo o teu marido como pai...

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dele lidar com o bebê?

- Como tu achas que ele está sendo como pai?

- Era como tu imaginavas?

- Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados com o bebê? Como ele reage?

5. Tens outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?

- O que te agrada? O que te incomoda?

- O bebê foi para a creche? Se foi, como foi a adaptação dele? Como tu te sentistes?

- (Se não foi para a creche) Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Por quê?

- Como tu achas que ele vai reagir?

ANEXO H

Entrevista sobre a experiência da paternidade

(Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi, Ribeiro, Levandowski, e Corrêa, 1999)

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê nestes primeiros três meses.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do teu bebê?
- O que ele já é capaz de fazer que te chama mais a atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê?
- Era como tu imaginavas? (Se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas?
- Como tu te sentes com isto?

2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco como está sendo a experiência de ser pai pela primeira vez.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como foi o nascimento do bebê? Qual foi a tua participação? Como te sentiste?
- Como tu estás te sentindo como pai?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como pai?

3. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
- Tu costumava brincar com o bebê? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeira vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

4. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo a tua esposa como mãe...

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dela lidar com o bebê?

- Como tu achas que ela está sendo como mãe?
- Era como tu imaginavas?
- Ela solicita a tua ajuda? Como tu te sentes?
- Como ela vê a tua participação?

5. Tens outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- O bebê foi para a creche? Se foi, como foi a adaptação dele? Como tu te sentistes?
- (Se não foi para a creche) Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Por quê?
- Como tu achas que ele vai reagir?

ANEXO I

Entrevista do casal com o bebê de três meses

(Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi, Ribeiro, Levandowski, e Corrêa, 1999)

1. Eu gostaria que vocês me contassem como tem sido a vida de vocês desde que o bebê nasceu...

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Era como vocês imaginavam?
- O que mudou nos planos de vocês?
- Em que coisas vocês discordam quanto aos cuidados com o bebê?

2. Vocês poderiam me descrever um dia de semana, desde a hora em que vocês acordam até que o último de vocês vai dormir...

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante a semana?
- Como tem sido o relacionamento do casal?

3. Vocês poderiam me contar, agora, como tem sido o final de semana da família?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante o final de semana?
- O que muda na rotina da família no final de semana?
- Vocês assumem tarefas diferentes nos cuidados do bebê?
- Quais as atividades de lazer da família?
- Vocês costumam sair ou ficar em casa?



Impressão: Gráfica UFRGS
Rua Ramiro Barcelos, 2705 - 1º andar
Fone: 3316 5083 Fax: 3316 5445 - Porto Alegre - RS
E-mail: grafica@vortex.ufrgs.br